Hoje no Sete Ponto Sete: Belas-Artes, para além do despejo

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 042 Terça-feira, 22 de Abril de 1986 Preço 40$00

Houve ruptura em central espanhola mas nenhuma informação oficial

RADIOACTIVIDADE VOLTA A AMEAÇAR O TEJO PORTUGUÊS

Uma nova fuga de radioactividade na central nuclear espanhola de Almaraz, refrigerada com água do Tejo, ainda era desconhecida esta manhã pelas entidades oficiais portuguesas, apesar de um acordo de segurança há alguns anos estabelecido entre os organismos estatais dos dois países que superintendem nesta matéria.

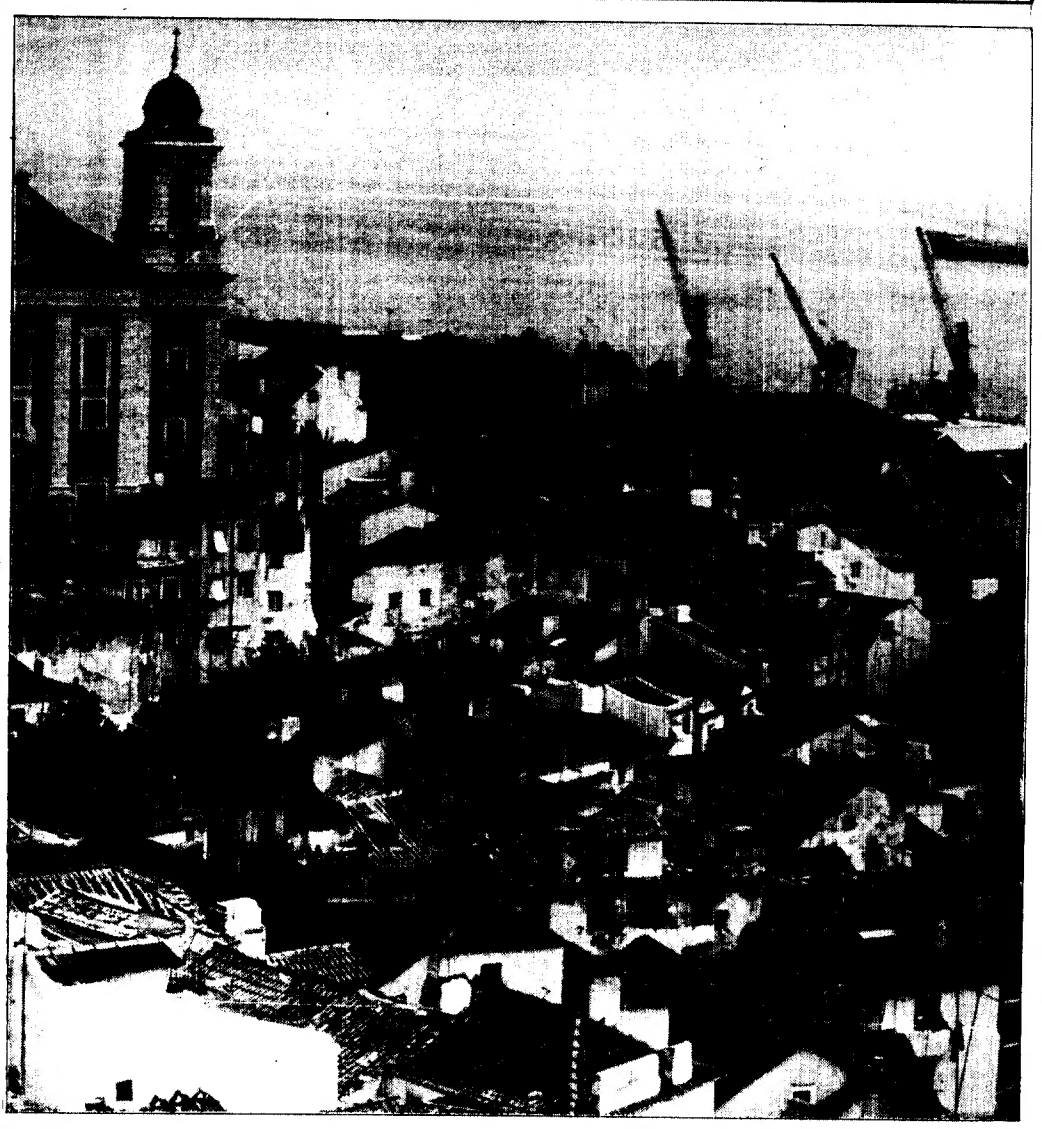
Continua na pág. 24

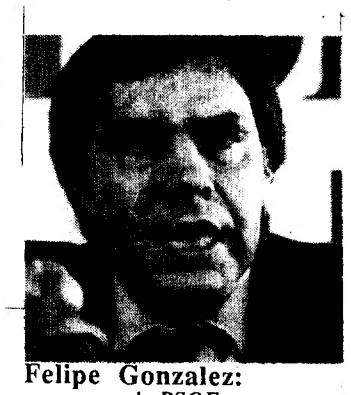
Proposta da Câmara está nas mãos do IPPC

Alfama e Castelo património mundial

A Câmara de Lisboa aprovou ontem uma proposta da APU para a classificação de Alfama e encosta do Castelo como Património Mundial. A proposta vai ser enviada ao IPPC, que se pronunciará sobre a salvaguarda daquelas áreas.

Pág. 9





Felipe Gonzalez:
programa do PSOE já está cumprido

Espanha

Eleições antecipadas para 22 de Junho

Pág. 14

Mikahil Gorbatchev:
Nato e Pacto de Varsóvia podem acabar

URSS

Gorbatchev diz apoiar dissolução dos pactos militares

Pág. 14

Kadhafi:
líder líbio sob o fogo da Comunidade Europeia

Líbia

CEE decretou sanções e Portugal aplica-as

Págs. 5 e 14

Playa Giron, 25 anos depois

Ribeiro Cardoso

Num momento em que, em todo o mundo ainda se fala do inqualificável ataque da aviação norte-americana à Líbia, Cuba festejou, no último sábado, o 25.º aniversário sobre os invasores de Playa Giron. De há 25 anos para cá que o 19 de Abril é sempre dia de festa em Cuba. É uma dia-símbolo, é uma data querida aos cubanos, é um momento de alegria e vitória. Representa, como disse Fidel, «o amanhecer do socialismo na América».

Os agressores, que integravam uma brigada mercenária treinada, armada e financiada pelo Governo norte-americano, invadiram Playa Giron a 17 de Abril de 1961 — mas 65 horas mais tarde renderam-se totalmente perante a resposta fulgurante do Exército Rebelde, Milícia, Marinha de Guerra e Polícia Nacional Revolucionária comandadas por Fidel.

Segundo foi oficialmente admitido por Washington, o plano de invasão de Cuba, denominado «Operação Pluto», foi preparado pela CIA sob a direcção de Dwight Eisenhower e executado pelo seu sucessor, John F. Kennedy.

O custo da operação, aos preços de então, foi de 45 milhões de dólares (compare-se com os milhões actualmente postos à disposição dos contras na Nicarágua e do bando de Savimbi, em Angola). Os equipamentos de guerra utilizados foram uma companhia de tanques, 16 aviões B-26 e 14 de outros tipos, uma frota de cinco barcos com artilharia, três barcaças para transporte e desembarque de equipamentos pesados e quatro para transporte de pessoal.

Os membros da chamada Brigada 2506 foram treinados em 13 acampamentos situados na Guatemala, Nicarágua (ainda os sandinistas não estavam no poder, claro...), Estados Unidos e em bases norte-americanas em Porto Rico e na zona do Canal do Panamá.

Por sua vez, os barcos utilizados na invasão de Playa Giron saíram de Puerto Cabezas, na Nicarágua, onde se haviam reunido, e os aviões saíram, não de bases na Inglaterra, evidentemente, mas de Opaloka, na Florida, voaram para a Guatemala, sobrevoaram as Honduras e chegaram também a Puerto Cabezas. Tudo autorizado pelos respectivos governos.

Nas vésperas da invasão sucederam-se as sabotagens em território cubano (mas não há contudo notícia de nenhuma explosão em qualquer «dancing», que entretanto tinham sido fechados depois de Fidel chegar ao poder), sendo o mais conhecido um incêndio que no dia 13 de Abril destruiu a mais luxuosa loja de Havana, chamada «El Encanto». No dia 15, aviões militares (ainda não eram os F-111 que agora atacaram a Líbia...) com falsas insígnias da Força Aérea Cubana, bombardearam de surpresa todos os aeroportos militares de Cuba e alguns aeródromos civis, destruindo numerosos aviões em terra. É curioso recordar que o governo norte-americano inicialmente apresentou esse bombardeamento como um «sublevação de elementos da Força Aérea Cubana, que não estariam de acordo com os caminhos que a revolução cubana estava a tomar» (estou a lembrar-me das notícias postas há dias a circular, depois do ataque à Líbia, referindo sublevações nas Forças Armadas Líbias...).

Fidel, há 25 anos, falando com milícias em Playa Giron, num momento em que a invasão ainda decorria

A resposta

Tudo foi pensado até ao mais pequeno pormenor. Washington escolheu a Baía dos Porcos — onde ficam Playa Giron e Playa Larga — precisamente porque essa zona, La Cienaga Zapata, era uma região pantanosa que quase não tinha ligação com o resto do país. Apenas uma velha linha de comboio permitia o contacto da sua então miserável população com o exterior. O objectivo era «simples»: depois de recrutados e treinados, centenas de cubanos que haviam fugido com a revolução, os invasores, enquadrados por oficiais e técnicos norte-americanos, instalar-se-iam naquela zona isolada e anunciariam a constituição de um governo anticastrista que de imediato seria reconhecido pela Casa Branca...

Só que Kennedy — foi ele quem deu luz verde à **Operação Pluto,** tendo mais tarde assumido publicamente a res-ponsabilidade do que se pas-sou — não imaginava a resposta que iria ter. Em 65 horas os cinco batalhões de infantaria, um de pára-quedistas e um grupo de sabotagem submarina, num total de 1500 homens, foram completamente destroçados: 200 mercenários foram mortos, muitos feridos e 1197 capturados por todo um povo em armas. Um povo que perdeu também 150 dos seus melhores filhos e que jamais os esquecerá, como ainda há pouco pude ver ao visitar, em Playa Giron, o museu que ali existe recordando tudo o que se passou (de resto a zona onde se desenrolaram combates está, toda ela, transformada num museu vivo onde as crianças das escolas aprendem a conhecer a sua história).

Quem parece não aprender com a história só os donos da Casa Branca. E hoje, 19 de Abril, ao reocrdar Giron, recordo uma frase de Fidel:

«Después de Giron, todos los pueblos de America fueron un pouco mas libres». E foi também o momento em que a invasão de Giron decorria, que Fidel proclamou como socialista a revolução cubana...

Por fim, duas pequenas notas que ajudam a compreende o que aconteceu em Cuba: quando os americanos bombardearam, a 15 de Abril de 61, os aeroportos militares cubanos, na base aérea de **Ciudad Libertad,** em Havana, ficou ferido gravemente o miliciano Eduardo Garcia Delgado, de 23 anos de idade, que, ao morrer, deixou escrito numa porta, com o seu próprio sangue, a palavra «Fidel»; os 1197 mercenários capturados, que foram julgados e condenados a pesadas pneas, viriam pouco depois a ser trocados por... medicamentos vindos dos Estados Unidos, país que mantém um bloqueio comercial a Cuba há um quarto de século, na tentativa vã de obrigar a ajoelhar a exemplar revolução nascida na Sierra Maestra.

Vinte e cinco anos depois, Giron continua cada vez mais actual.

TEMA PALAVRA AO LEITOR

Que farei eu com este canudo?

— comentário ao despacho normativo nº 11-A/86

A situação dos licenciados em História sem emprego (4 mil segundo um jornal) já é tão conhecida e corriqueira que não merece sequer uma coluna de um jornal especializado. Que o futuro dos jovens que hoje cursam História nas diferentes Universidades e instituições similares deste país seja engraxar sapatos, vender cautelas ou plantar nabos não tira o sono a nenhum ministro, subsecretário de Estado ou contínuo do Ministério da Educação. Afinal todos os trabalhos honestos têm a mesma dignidade... Não é verdade? E o problema já está tão embrulhado que não há solução para ele e, como diz o povo, o que não tem remédio remediado está. Introduzir a profissionalização no currículo dos cursos das Universidades clássicas, como já se verifica noutras, seria uma emenda pior que o soneto: em vez de licenciados desempregados haveria licenciados profissionalizados desempregados o que, mesmo descontando o «oxímoro» e a rima, seria ainda mais grave. Limitar o acesso, reduzindo o «numerus clausus» para um nível de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Isso nunca! É claro, é assim que acontece em Medicina, mas é um caso diferente. Para que serve um médico que não exerça Medicina? É um absurdo! Para os trabalhos que não exigem preparação profissional especializada já dispõe o País de «historiadores» e «filósofos» em número mais que suficiente. Mas suponhamos por uns instantes que se diminuía o número de alunos e de cursos onde se confere uma licenciatura em História ou outra de vocação semelhante: que fazer então aos assistentes que poderiam ficar sem emprego? Não, decididamente não há jeito. Tem mesmo que ser assim e a única reivindicação que me atrevo a fazer é que se adapte o processo de candidatura à Universidade às exigências da terceira vaga. Ou seja: quando algum aluno de média razoável, mas incauto, escreva no boletim o nome da licenciatura em História, em Filosofia ou outra com perspectiva igualmente risonha para quem se sinta com vocação para não trabalhar, se acenda uma luzinha vermelha num canto qualquer do papel. Assim tudo estará bem.

Felizmente, para os alunos de alguns cursos, a lógica do MEC não é sempre a mesma. Reconhecendo a justiça de um processo de luta há muito iniciado o Ministério da Educação e Cultura veio agora, através do Despacho Normativo n.º 11-A/86, conferir habilitação própria para a docência no ensino secundário aos titulares de licenciaturas em Estudos Clássicos e Franceses, Estudos Franceses e Alemães, Estudos Franceses e Espanhóis, Estudos Franceses e Ingleses, Estudos Franceses e Italianos. Estes licenciados ficaram assim habilitados a concorrer, já no concurso deste ano (se não se candidataram demasiado cedo, pois o diploma saiu vários dias depois de aberto o concurso), para professores do 8.º Grupo B que é, como se sabe, de Português/Francês.

Foram integrados, ficando em igualdade com os licenciados em Estudos Portugueses e Franceses, no 1.º escalão das habilitações próprias. Aparentemente ficou assim reparada uma situação de injustiça a que urgia pôr cobro. Mas terão tais licenciados a formação necessária para ensinar Português em todos os níveis do ensino secundário? O Ministério não duvida disso; mas a verdade é que muitos desses licenciados duvidam e não se sentem particularmente entusiasmados com a solução encontrada. Tanto mais que uma parte significativa dos alunos das variantes que incluem Francês e excluem Português são filhos de emigrantes que fizeram os estudos secundários em França e escolheram aquelas licenciaturas por não se sentirem muito à vontade com a língua portuguesa. Não quiseram aprendê-la e vão ser condenados a ensiná-la quando a lógica indicaria que ensinassem as línguas em relação às quais fizeram estudos universitários completos. E como poderemos continuar a exigir (ou sequer pedir) que no Brasil se mantenha obrigatório, em todos os currículos dos cursos universitários de línguas e literaturas, o ensino da Literatura Portuguesa quando o consideramos dispensável para ensinar, em Portugal, Português e Literatura Portuguesa no ensino secundário? Calma no Brasil que Portugal é nosso! (como isto seria cómico se não fosse trágico!).

Curiosamente não foi alterada a situação dos licenciados em Estudos Portugueses e Ingleses, Portugueses e Alemães, Portugueses e Espanhóis e Portugueses e Italianos que continuam a possuir habilitação própria para o 8.º Grupo A (Português, Latim e Grego, mas onde apenas se podem profissionalizar em Português), no qual, contudo, se encontram no 3.º escalão de prioridades. Por outras palavras: muitos dos licenciados com formação específica em Português têm menos possibilidades de serem colocados como professores da disciplina que outros cuja preparação só o Ministério da Educação considera adequada.

Como se não bastasse, e talvez como compensação, o mesmo diploma confere aos licenciados em Estudos Portugueses e Ingleses, Portugueses e Alemães e Clássicos e Portugueses habilitação própria (1.º escalão) para a docência no superlotadíssimo 1.º Grupo do ensino preparatório (História, Estudos Sociais e Português). É caso para dizer, como o Fernando Pessa: e esta, hem!?

António Apolinário Lourenço
Licenciado em História
Professor do Ensino Preparatório

Folhetim artístico

Vida e morte da imagem e da ilusão

José-Augusto França

Um livro recente da colecção «Plaisir des Jeux» (edições Hatier, Paris) trata de «Illuchsions Optiques» e é assinado por Yvette Pitaud. Um texto de Jean-Clarence Lambert acompanha todo o volume sob o título «Art & Illusions», historiando um longuíssimo discurso que põe o segundo termo em derivação do «ludus» latino _ que fez do homem um «ludens», isto é, realmente, alguém que entra num jogo, que se ilude e engana de propósito. «Homo ludens» em vez de «Sapiens» como quis Huizinga contra o conceito iluminista é classificação que lhe (ou nos) convém. Não é verdade que o poeta é um fingidor, etc.? ... O texto do JC Lambert vai servir-me de pretexto, se não de «pertexto», como prefiro.

Tal como em francês o «jeu», o nosso «jogo» vem de «jocus», como se sabe também, e nisso se liga ele a uma busca de alegria, por divertimento — ou seja por diversão do quotidiano que não faz geralmente rir; se quisermos continuar a jogar com as palavras, iludindo-nos, afinal, com as suas relações, «ludens» que somos, por sapiência maior, se não fatal...

Entro os sentidos e a sua elaboração perceptiva, a ilusão realiza-se como pode, e pode mais do que a nossa lógica. Assim a célebre «Espiral de Frazer», de 1908, que todos os psicólogos conhecem, sabendo que de espiral se não trata, embora, como todos os outros mortais, a vejam, ou suponham ver, preferindo-a aos círculos concêntricos que realmente estão olhando.

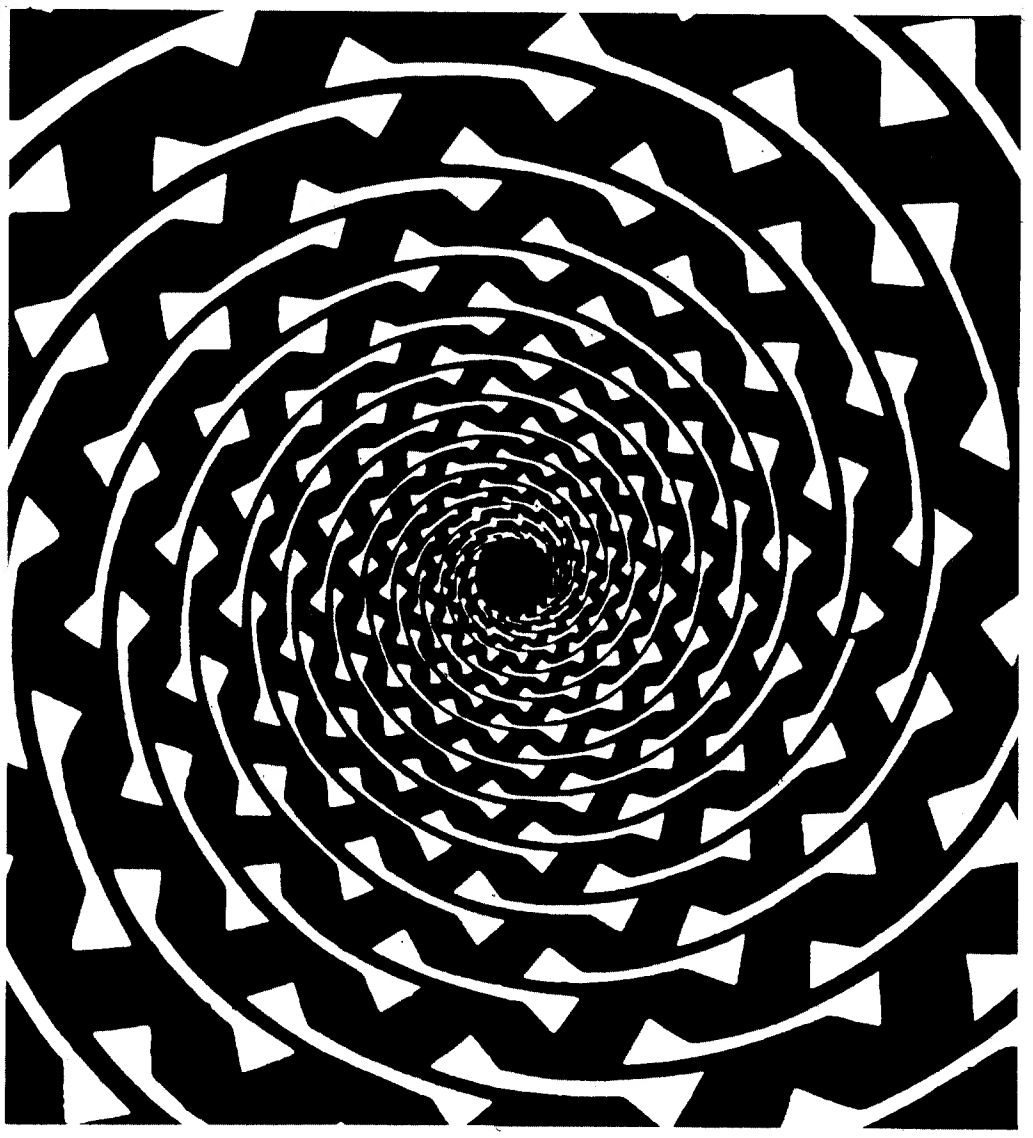
Realmente, disse-se — e aí está o problema da ilusão em toda a sua gravidade. Realmente — de que direito? se a realidade tem de ser verificada, ou seja, «feita verdade», através dos nossos sentidos utentes, e se, fora da prova deles, tudo se confunde em cálculos de ciência que não convêm ao quotidiano.

Sabemos «que ver é imaginar», isto é, entrar num processo simbólico que codifica o que o olhar capta, numa prática necessária ao conhecimento ou à sobrevivência. Mas podemos também dizer que «imaginar é ver», andando ao contrário, no processo referido, e partir da imagem para o objecto apercebido, assim se realiza o fantástico e se cria um real particular, que convém à nossa «ludicidade» (invente-se a palavra, se necessário for), tal como Leonardo aconselhava, e todos os fabricantes de imaginário, depois dele, até aos surrealistas. Ou até aos artistas «Ops», charadistas gráficos dum imaginário que não têm e podem fazer, melhor, à maquina, com toda a monotonia que os contenta.

A perspectiva do Renascimento, a anamorfose baptizada no século XVI, a metamorfose explorada por Arcimboldo pela mesma altura, são situações ilusórias que exige, uma, uma descodificação pragmática por necessidade topológica, ou procura, outra, esconder o que se diz; ou, no terceiro caso, mostra que de umas coisas se passa para outras, como se nem umas nem outras tivessem valor em si — e logo caímos no sentido logrado, ou seja, no domínio da metáfora. O qual existe por excelência onde menos parece ser esperado; isto é na reprodução exacta, no «trompe l'oeil» de que o século XVII usou e abusou, com requintes de leis de perspectiva ou de cópia do natural — até ao hiperealismo de moda ainda recente que não enganava ninguém porque de antemão confessava a intenção banal.

Outra situação da ilusão seria dada pela fotografia; mas o preto e branco dela (ou os coloridos químicos) necessitam de uma intervenção de leitura que restitua à imagem apercebida o que lhe falta; em cor e volume; para assumir o original natural. Depois vem o cinema com seus sistemas, ditos «fílmicos», que obrigam a leituras de vários graus; e na foto e no cinema introduzem-se elementos de perturbação, «trucagens» que levam a ilusão até ao infinito, entre o polo de ver e o pólo do imaginar, num vaivém que pode deter-se a qualquer altura.

Sem esquecer aquelas duas imagens sobre faces diferentes dos prismas, que constituem, em moda do romantismo, dois conjuntos restituíveis pelo ponto de vista do leitor que dum lado vê a Senhora D. Maria II e do outro o Senhor D. Miguel, para dar apenas um exemplo aliás actualizável e internacionalizável, — e que, em abstracto, fez a fortuna «op» do pintor Agam.



Nestes passos dos truques de perpectiva, ninguém ignora o caso de Escher, que morreu há dúzia e meia de anos, e deixou vastíssima obra comercializada; em que as escadas se invertem, os tectos viram pavimentos, tudo em vice-versa de habilíssimo charadista que não deixa nada à imaginação de cada qual e se satisfaz num intrigar risonho ou irritante de prestidigitador.

Na gama «op», que era moda estética de há um quarto de século e ainda continua a ser explorada, de invenção em invenção, mas morta a surpresa inicial de saber que era possível o «ludus», e sistematizada a filosofia aplicável — os casos são sobretudo cinéticos, com movimento mecânico exterior às obras ou com sua simulação física, com sobreposição de tramas, por exemplo, ou com uso de enfoques preferenciais.

Esta última situação é a mais popular, e desde meninos que andamos à procura do caçador escondido na paisagem, ou a ver alternadamente um pato com bicos ou um coelho com orelhas, quando não é uma bela dama de perfil macio que, sem mudança (dela, e, só de atenção nossa) se torna numa velha de nariz ossudo... O resto é à saber se um traço é maior do que outro, se os pontos estão mais para a esquerda ou mais para a direita, ou se nos intervalos dos quadrados negros vemos «fantasmas» cinzentos. O que não vai muito longe.

A menos que, tal como fez com os nomes das coisas, que tanto montam, Magritte faça «passar» um quadro numa paisagem, ou traga agarrado à vidraça quebrada duma janela, a paisagem que lá estava. Tudo situações em que a ilusão se entende, virando a realidade imagem, ou vice-versa. Tal como deve ser.

..Ou a menos, que, num «écran» manipulado, uma árvore, ou a Vénus de Milo, se quadriculem informaticamente, iguais para toda a gente educada no mesmo código — e nisso morridas...

Bonecas

Sílvia Soares

Ao escrever este título, pensei que o vocábulo «boneca» traz muitas vezes consigo uma carga depreciativa e de futilidade: mulher-boneca, embonecada, «já não tens idade para brincar com bonecas», etc.

No entanto a boneca preenche todo o mundo mágico da infância. Ela é ao mesmo tempo escrava e rainha do reino do «faz de conta». Arrastada, acarinhada, tratada com severidade ou com ternura é sempre o centro da afectividade da criança. É na boneca que a criança projecta os seus fantasmas e ela pode servir-lhe de catarse ou de compensação para as suas frustrações.

Dos inquéritos que temos efectuado entre crianças dos 7 aos 10 anos, verificámos que 95% (do sexo feminino) preferem bonecas.

Pelo facto de a boneca ser um elemento básico no desenvolvimento socioafectivo da criança; desenvolvimento que se vai processando ao longo da actividade lúdica, é que pretendemos que ela deva ser um objecto de reflexão e de cuidado antes de a colocarmos nas pequeninas mãos infantis.

Ao deambularmos pelas casas da especialidade, verificámos que a maioria das bonecas não trazem a indicação do nome do fabricante e muito menos a indicação de terem sido seguidas as normas de segurança adoptadas pelo Comité Europeu de Normalização.

Das bonecas observadas, destacaremos três grupos pelas suas características:

Incluiremos no primeiro grupo as que nos parecem mais adequadas não só pelo seu aspecto como formato e apresentação, mas estas apresentam o inconveniente do seu preço ir mais vezes acima dos 5000$00;

No segundo grupo a boneca de plástico, barata, mas com o rosto pintado de tal maneira que dir-se-ia serem feitas mais para assustar do que para brincar...

Será que tornar mais atraente o rosto de uma boneca feita em série tornaria muito mais elevado o seu custo?

Não quero pensar que não se tenha tido em consideração as crianças das classes mais desfavorecidas, mas parece-me, de facto, não ter havido muita atenção à finalidade do brinquedo fabricado.

É que fabricar um brinquedo, não é fabricar apenas mais um objecto para ser vendido, mas sim um objecto para ajudar a formação da criança e o seu desenvolvimento. Pois, como já dissemos, é através da actividade lúdica, que ela vai aprendendo a integrar-se na sociedade em que vive.

E por último, a boneca que nos levou a escrever este pequeno artigo: Trata-se de uma boneca-manequim, sofisticada, «movendo-se» num ambiente de luxo entre lojas de peles, joalharias e institutos de beleza, com numerosas «toilettes» e móveis «hollywoodescos». É o tipo de boneca de luxo, consumista, ou seja, o tipo da boneca-boneca no sentido pejorativo do termo.

Nesta boneca-figurino, a criança não projecta os seus problemas porque eles são diferentes, mas perigoso será se a boneca-manequim vier a projectar-se na futura adulta.

A que classe de crianças e a que mundo se destina uma boneca deste tipo e o que se pretende fomentar com ela, além do amor ao luxo e de um excessivo apetite de consumo?

Por certo que não se destina a um país de escassos recursos como o nosso!

Poderá dizer-se que o sonhar também faz parte da vida, mas uma criança sonha por si sem precisar de modelos que a levem tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto da realidade.

Uma boneca não é uma fada nem um outro ser «sobrenatural» que habite num universo maravilhoso, universo que a criança gostaria que existisse, mas que sabe à partida ser fantasia. Quanto às peles e aos brilhantes, eles existem e de que maneira!

Como adquiri-los? Certamente que não será através de uma varinha de condão.

Se outros prejuízos não trouxer, esta espécie de sonho poderá causar uma grande frustração na idade adulta.

Claro está que nem todas as crianças reagem da mesma maneira, perante as mesmas situações, há também diversos factores a coinsiderar, tais como idade, ambiente familiar, etc.

Pensamos, todavia que é contrária à mais elementar pedagogia a aquisição de brinquedos que possam servir de estímulo à frivolidade e ao consumismo.

Congresso do PS em preparação

Constâncio é contra bloco central e frente popular

Vítor Constâncio disse ontem no Porto, que o PS, «embora moralizado com a eleição de Mário Soares para a Presidência da República, se encontra hoje em situação difícil». Acrescentou, depois, ter sido o MASP «uma lição» para o Partido Socialista.

«Mário Soares ao vencer as eleições e ao tornar-se o Presidente de todos os portugueses não deixou um vazio no partido, deixou-nos, sim, uma demonstração prática de como a pluralidade e a abertura conduzêm ao futuro e à vitória» — acrescentou.

O candidato à liderança no PS, que falava durante um encontro com militantes socialistas, sublinhou que «não sendo um candidato de continuidade nem de ruptura, assume no PS o posicionamento indispensável à renovação».

«O objectivo estratégico do PS deve ser o de animar, renovar e reunificar à sua volta toda a esquerda democrática, dos verdadeiros sociais-democratas aos grupos e movimentos de pensamento socialista» — salientou.

Disse depois ser necessário que o PS «abra as portas sem sectarismo nem esclerose» e dialogue com personalidades e grupos da «grande família dispersa da esquerda democrática», acentuando noutro passo que consigo haverá no PS lugar para todos.

Sobre as alianças que o PS possa vir a estabelecer com outros partidos, afirmou: «Recuso hoje o bloco central, com um PSD irremediavelmente situado à direita, como rejeito a frente popular, com um PC de que nos demarcamos política e ideologicamente.»

Manipulação

Entretanto, os apoiantes de Jaime Gama acusaram os serviços de apoio a Constâncio de utilizar «métodos idênticos» aos «adoptados em 1980/81, quando o ex-Secretariado» afirmaria «ter a maioria absoluta dos delegados ao Congresso Nacional» do PS.

Os serviços de apoio de Jaime Gama, que fazem estas acusações a propósito da divulgação de resultados relativos ao Congresso da Federação de Setúbal do PS, frisaram que «uma sistemática campanha de manipulação de dados e informações acerca da situação interna do Partido Socialista» está a ser efectuada «por apoiantes de Vítor Constâncio».

Os serviços de apoio da candidatura de Jaime Gama à liderança do PS afirmaram que em Setúbal, para a Comissão da Federação, a Lista A recolheu 71 votos e 26 mandatos e a Lista B 51 votos e 18 mandatos.

Para a Comissão de Conflitos, os serviços da candidatura de Jaime Gama informaram que a Lista A recebeu 74 votos e 2 mandatos e a Lista B 50 votos e um mandato.

Os mandatos para a Comissão de Fiscalização de Contas foram distribuídos entre a Lista A e B, ficando a primeira com dois e a segunda com um, ainda segundo os mesmos serviços.

Os serviços de apoio a Constâncio afirmaram hoje de manhã ao «DL» que não divulgaram nenhuns resultados relativos ao Congresso da Federação de Setúbal.

Os apoiantes do ex-governador do Banco de Portugal classificaram de «nervosismo mal contido» a reacção dos «gamistas».

Reconheceram que os dados divulgados ontem em alguns jornais eram parciais porque apenas referiam os resultados das moções — nas quais os apoiantes de Constâncio obtiveram mais de 70 por cento dos votos — e omitiam os das listas — em que essa maioria diminui para 59 por cento.

No entanto, negaram qualquer responsabilidade na divulgação desses números, sendo o lapso imputável apenas aos órgãos de Informação que noticiaram a realização do Congresso.

Moção JS

A Juventude Socialista vai apresentar uma moção no Congresso Nacional do PS em que reivindica maior autonomia relativamente ao partido e «um tratamento sem paternalismos» — disse à Anop fonte socialista.

A mesma fonte adiantou que a moção, intitulada «Projecto JS, futuro passa por nós», está a ser elaborada por um grupo de jovens socialistas, no âmbito do Secretariado Nacional da JS, em colaboração com algumas federações distritais e a partir de um documento de trabalho já distribuído.

Nesse documento, são avançadas propostas no sentido de dar liberdade de escolha aos jovens socialistas na questão da liderança do partido e de, no plano colectivo, a JS propor uma lista para a Comissão Nacional.

José Apolinário, Mário Cristóvão, Júlio Costa, António Seguro, do Secretariado Nacional da JS, e Ricardo Roque, Dinis Alves, João Morgado e Luís Andrade, da Federação de Coimbra, são alguns dos subscritores da moção.

De acordo com a mesma fonte, o documento em elaboração contempla também propostas de alteração dos estatutos, uma declaração de princípios e um projecto de estratégia política.

O documento de trabalho distribuído pelas federações refere que a nova realidade emergente da eleição de Mário Soares e da passagem do PS para a oposição «obriga a reflectir sobre o futuro do PS, as suas linhas programáticas, as respostas que dá para os problemas e anseios da população portuguesa».

«O PS vive uma fase de mudança e temos agora a oportunidade soberana para consolidarmos internamente um projecto político, o futuro e a definição de um modelo de sociedade para o ano 2000» — salienta.

Na óptica dos autores do documento, o objectivo essencial do PS é o rejuvenescimento, considerando que o partido «deve abrir-se a uma nova linguagem e a novas mentalidades».

Nessa perspectiva, a JS vai reivindicar no Congresso «um tratamento de igual, sem paternalismo» por parte das várias sensibilidades com o objectivo de «defender e salvaguardar a autonomia política dos jovens socialistas».

Maioria adere ao PS

Nova Esquerda dissolveu-se

A Comissão Coordenadora da Nova Esquerda cessou a sua actividade, depois de considerar que «o tipo de intervenção colectiva desenvolvido desde há seis anos, concretizada numa atitude de solidariedado crítica externa ao PS, se esgotou».

Os elementos daquela Comissão, que foram candidatos a deputados nas listas socialistas nas últimas eleições, vão maioritariamente filiar-se no PS. São eles Ferro Rodrigues, Afonso de Barros, Eduardo Graça e Agostinho Roseta. O advogado Vítor Wengorovius «não tomou já esta atitude».

Aquele grupo justifica a suspensão da actividade da Nova Esquerda afirmando que os seus elementos «devem adoptar uma intervenção política concreta que para a maioria dos membros da Comissão Coordenadora pode e deve ser realizada, desde já, dentro do PS».

Salienta-se no comunicado da Nova Esquerda «o importante processo de debate interno que se abriu no PS, no quadro da preparação do Congresso, e o apoio que largos sectores desse partido têm manifestado no sentido da promoção de uma convenção da esquerda democrática, a realizar até ao fim de 1986.

«Por estes motivos», concluem, «abrem-se possibilidades de uma intervenção política nova por parte de todos aqueles que se têm mantido como independentes na área da esquerda democrática», existindo agora «condições favoráveis para a renovação, modernização e fortalecimento da esquerda democrática e do PS».

Assim, aquela Comissão propõe aos independentes da Nova Esquerda «a adesão imediata, ou a prazo ao PS e um empenhamento prático na preparação da futura convenção da esquerda democrática».

PSD: moção das ilhas é pelo "diálogo"

A moção conjunta das comissões políticas do PSD/Madeira e PSD/Açores ao Congresso Nacional do partido defende «o diálogo com todos os partidos democráticos sem privilegiar qualquer um em especial», disseram à Anop fontes partidárias.

A moção intitulada «por uma reafirmação social-democrata», foi entregue hoje pelo líder social-democrata madeirense, Alberto João Jardim, ao secretário-geral do partido, Dias Loureiro — indicaram as mesmas fontes.

Para os dirigentes sociais-democratas açorianos e madeirenses, o PSD vê-se confrontado com a « inexistência de vocação para liderar um suposto bloco de direita».

Os dirigentes sociais-democratas açorianos e madeirenses rejeitam, na moção, qualquer possibilidade do PSD, no plano nacional, passar à oposição.

Além do apoio à liderança de Cavaco Silva, a moção reconhece a derrota do partido nas eleições presidenciais e recusa qualquer envolvimento do PSD em estratégias relacionadas com as presidenciais de 1991.

O documento apela para a concretização «urgente de reformas de fundo na sociedade portuguesa» e para o reforço do prestígio da Assembleia da República e defende a «despartidarização do Estado, o combate à corrupção e a qualquer forma de aproveitamento do poder».

A moção «reflecte os pontos de vista estratégicos das estruturas insulares do PSD», e será defendida conjuntamente pelas estruturas do PSD/Madeira e do PSD/Açores no Congresso Nacional do Partido, marcado para 30 e 31 de Maio em Lisboa, disseram as mesmas fontes.

PSR: Congresso com "respostas polémicas"

A actualidade do marxismo e do socialismo e a renovação da esquerda portuguesa são pontos essenciais a discutir no V Congresso do Partido Socialista Revolucionário, que decorre em Lisboa de 25 a 27 do corrente.

O PSR considera este congresso como «um passo numa reflexão de fundo que se impõe à esquerda portuguesa», mormente «acerca do País e das suas contradições e da crise estratégica do movimento operário».

As respostas que os congressistas do PSR irão encontrar, segundo um dos seus dirigentes, Francisco Louçã, «serão polémicas, como sempre o têm sido, mas serão sempre uma proposta de diálogo».

O PSR tornará pública a sessão final, na qual usarão da palavra dirigentes do partido e delegados de todos os partidos de esquerda que o desejarem.

CDS: José Gama contra críticas de Adriano Moreira

O dirigente democrata-cristão José Gama afirmou em Estrasburgo que «os que acusam Adriano Moreira de levar o CDS para a direta são da família dos que em 1961 o acusavam de estar a levar o País para a esquerda».

José Gama, membro da Comissão Política do CDS, que comentava a saída de alguns militantes do partido, acrescentou que «infelizmente há muitos democratas de algibeira, ainda por cima possessos de um antifascismo primário, apostados tão-só em destruir a imagem do CDS. Estes não fazem falta».

«Os que acusam Adriano Moreira de levar o CDS para a direita são filhos da família que em 1961 o acusavam de estar a levar o país para a esquerda, quando abriu as Universidades de Luanda e Lourenço Marques, quando aboliu o estatuto do indígena e publicou o Código de Trabalho Rural» — disse.

José Gama encontra-se em Estrasburgo a participar na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

Fragatas: acordo final até ao fim da semana

Uma delegação dos Ministérios da Defesa e da Indústria e Comércio encontra-se desde ontem na Alemanha Federal «a redigir o texto final» do acordo de construção de fragatas para a Armada portuguesa.

«Tudo já foi negociado, e agora somente se está a ultimar o texto final, que deverá ser entregue para a semana ao ministro da Defesa», acrescentou a mesma fonte.

O informador do Ministério da Defesa frisou que a delegação portuguesa, que é dirigida pelo vice-almirante Serpa e Vasconcelos, deverá regressar no fim desta semana a Lisboa com o texto elaborado, o qual será «apreciado depois por todas as instâncias competentes».

A mesma fonte informou que o texto final do acordo deverá ser rubricado em Lisboa nos finais de Maio ou princípios de Junho.

A construção das três fragatas Meko-200 para a Marinha portuguesa têm um custo um custo-base da ordem dos 1 986 000 000 de marcos (mais de 130 milhões de contos), custos estes que serão suportados, em parte por Portugal — cerca de 26 milhões de contos — e os restantes por vários países da NATO.

Portugal adopta medidas contra a Líbia

Medidas de retaliação contra a Líbia foram adoptadas por Portugal. Ontem mesmo, o representante diplomático líbio em Lisboa foi chamado ao Palácio das Necessidades, tendo-lhe sido comunicado que passam a vigorar no nosso país medidas que restringem a livre circulação de diplomatas e outros cidadãos líbios.

Esta posição de Portugal alinha com a assumida pelos restantes Estados da Comunidade Europeia, na sequência das resoluções do conselho de ministros dos Negócios Estrangeiros, que ontem encerrou no Luxemburgo.

Nesta reunião foi decidido que não só seria limitada a circulação de líbios nos países da CEE, como poderiam ser impostas reduções nos efectivos diplomáticos daquele país. Para além disso, os países da Comunidade concordaram em que a simples suspeita de envolvimento em acções terroristas será motivo suficiente para levar à expulsão de diplomatas ou simples cidadãos líbios.

Portugal conta com uma pequena representação diplomática de Tripoli — apenas três diplomatas estão acreditados em Lisboa — pelo que não é previsível que seja imposta uma redução dos quadros daquele embaixada.

Isto mesmo foi confirmado no Luxemburgo pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, que em declarações no final do conselho de ministros da CEE frisou que a aplicação daquelas medidas será feita de acordo com os interesses de cada país.

No caso de Portugal, Pires de Miranda sublinhou não haver interesse no encerramento da representação líbia, já que há cerca de 300 portugueses a trabalhar na Líbia.

Portugal não tem qualquer representação diplomática em Tripoli, tendo os seus interesses sido inicialmente representados pelo Brasil e passando depois a ser da responsabilidade de embaixadas de países da CEE ali estabelecidas.

Interrogado sobre se tinha provas concretas do envolvimento da Líbia no atentado contra uma discoteca de Berlim Ocidental, Pires de Miranda disse que «vários Estados membros (da CEE) dizem possuí-las, mas nós não as conhecemos». «Há suspeitas fortes e isso é mais do que suficiente para adoptar estas medidas», acrescentou Pires de Miranda.

«A Comunidade está preocupada com as acções futuras e pretende evitar as escaladas militares», disse também Pires de Miranda, traduzindo o ponto de vista europeu segundo o qual não é pela força que se resolve o problema do terrorismo.

O chefe da diplomacia portuguesa adiantou ainda que os ministros europeus da Justiça e do Interior, que reunem quinta-feira em Haia, devem «adoptar medidas de segurança contra o terrorismo na Europa comunitária».

Comunicação Social

Alienação de empresas públicas debatida hoje no Parlamento

A Assembleia da República prossegue hoje a discussão na generalidade do projecto de lei apresentado pelo Partido Socialista sobre alienação de bens do Estado em empresas públicas de Comunicação Social.

O projecto de lei deverá ser hoje aprovado, já que os grupos parlamentares do PCP, do PS e do PRD manifestaram a intenção de o votarem favoravelmente na generalidade e de lhe introduzirem alterações durante a discussão na especialidade na Comissão parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

Este projecto de lei do Partido Socialista — apresentado após o anúncio da venda das acções que o Estado detinha no «Jornal de Notícias» — fora impugnado pelo grupo parlamentar do PSD, mas o plenário da Assembleia da República acabou por votar favoravelmente, por maioria, o parecer da comissão de Assuntos Constitucionais e regimentais necessárias à sua apreciação pelo plenário».

O parecer da comissão refere que o projecto de lei do PS estabelece «limitações tendentes a assegurar a transparência e possibilidade de atempada fiscalização parlamentar dos processos de privatização dos órgãos de Comunicação Social».

«Assim se pretende — prossegue o parecer — contrariar decididamente a prática casuística e parcelar de actos de alienação, para cujas graves implicações representativas dos trabalhadores do sector e, recentemente, pelo próprio Conselho de Imprensa».

A comissão acentua que «plenamente legítima se afigura a aprovação de legislação que evite os riscos de excessiva concentração no Executivo de opções em que a Assembleia da República tem, constitucionalmente, palavra decisiva a emitir».

«Nem se concebia saudavelmente» — prossegue — «face ao disposto na Constituição, que a actuação do Governo pudesse ocorrer fora (ou à margem) de um quadro legal definido pela Assembleia da República numa área em que a Constituição comete ao Parlamento um papel fulcral e as inerentes responsabilidades perante o País, das quais não deve demitir-se e menos ainda ser arredado na prática».

O parecer da comissão frisa também que «inversamente, não caberá à Assembleia da República a prática de actos que só o Governo pode praticar, embora no quadro porventura minuciosamente definido pela Assembleia da República».

A comissão sugere a elaboração, pela Assembleia da República, de um regime jurídico que cometa ao Governo o desenvolvimento por decreto-lei de disposições basilares de enquadramento do regime de alienação de partes sociais.

O plenário deverá também começar hoje a analisar o pedido de ratificação do PS do decreto-lei que extingue o IACEP (Instituto de Análise de Conjuntura e de Estudos de Planeamento).

Calendário parlamentar

A conferência de líderes parlamentares confirmou ontem as datas de 7 e 8 de Maio para a discussão na generalidade, na Assembleia da República, dos projectos de lei sobre a Lei de Bases do Sistema de Ensino.

A conferência de líderes atribuiu 45 minutos a todos os partidos, à excepção do CDS que terá apenas 30 já que não apresenta nenhum projecto de lei, para intervirem sobre esta matéria.

No dia 6 de Maio, o plenário da Assembleia da República reunir-se-á em sessão solene dedicada a visita a Portugal do presidente do Brasil, José Sarney.

A conferência de líderes confirmou também a data de 15 de Maio para a discussão dos projectos de lei relativos à criação do concelho de Vizela.

Na sessão de dia 24 será analisado o projecto de lei do PSD sobre investigação de desenvolvimento tecnológico e dia 29 será discutido o projecto de lei apresentado pelo MDP/CDE para a revogação do decreto-lei sobre contratos a prazo na administração pública.

O texto final sobre salários em atraso, elaborado pela comissão de trabalho com base nos projectos de lei apresentados por diversas bancadas terá a votação final global no dia 30.

Para a sessão de dia 30 está também prevista a discussão da proposta de lei sobre sanções penais em caso de incêndios florestais.

Português agraciado por heroísmo na Austrália

O emigrante português Luís Faísca, natural de Alte, é o «heroi da comunidade» portuguesa na Austrália por ter enfrentado um criminoso evadido da prisão de Bathurst, refere um jornal da comunidade.

O acto de bravura de Luís Faísca valeu-lhe a imposição de uma condecoração pela rainha de Inglaterra na sua recente deslocação à Austrália.

Segundo relata o jornal «O Português da Austrália», Luís Faísca descobriu e enfrentou o evadido escondido numa residência perto de Michelago no dia 1 de Março, quando acompanhava uma amiga a casa.

Quando o recluso os ameaçou com uma espingarda de calibre 12, Luís Faisca pegou no cano da arma tentando afastá-la.

Seguiu-se uma luta violenta, durante a qual o emigrante português desarmou o homem, pelo que em seguida este se fechou noutro quarto, disparando contra si dois tiros com a sua outra arma.

Luís Faísca sofreu alguns ferimentos na cara e no lábio durante a luta.

Pelo acto, o emigrante português residente na Austrália desde 1970 foi condecorado com o título, ou medalha «símbolo de valentia».

Luís Faísca foi agraciado com elogio de brava conduta pela rainha Isabel II, na casa do governo em Yarralumia, Camberra, quando esta se deslocou à Austrália em Março.

JURISTAS DEMOCRATAS COM O 25 DE ABRIL

Concentração: Praça Marquês de Pombal, esquina com a R. Joaquim A. de Aguiar às 14.30 h.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

HORÁRIO ESPECIAL DE CÂMBIOS

de 1 de Abril a 30 de Setembro

2ª A 6ª FEIRA

das 8.30 h. às 12.00 h.

e das 13.00 h. às 18.30 h.

SÁBADOS

das 9.00 h. às 13.00 h.

GRAFOC

Universidade do Algarve

Alunos criticam comissão instaladora

A direcção da Associação de Estudantes da Universidade do Algarve propôs aos alunos daquele estabelecimento de ensino uma greve às aulas a cumprir quinta-feira, em protesto contra o que consideram «apatia» da Comissão Instaladora.

Os estudantes acusam aquela comissão de contractar professores sem habilitações académicas, modificar e desorganizar horários, e concentrar poderes no vice-reitor.

No mesmo documento distribuído aos alunos, a direcção da AE, afirma que as faltas e dificuldades do primeiro ano avolumam-se, porque «em vez de se trabalhar em termos de futuro, trabalha-se para tapar buracos», consideram.

Manifestam também apreensões pelo futuro porque «a voz do Conselho Pedagógico perde-se nas reuniões e nas gavetas da Reitoria», acusam os estudantes.

A direcção da Associação dos Estudantes da Universidade do Algarve diz estar convicta que a via do diálogo se encontra esgotada, daí a proposta de greve para quinta-feira.

A decisão será tomada ao longo do dia, após um referendo junto dos cerca de 270 alunos daquele estabelecimento de ensino universitário algarvio.

Dizem as Comissões de Turismo

Actuação pouco concertada entre o poder central e as regiões

A Comissão Regional de Turismo de S. Mamede (Alto Alentejo) responsável pelo 3.º Encontro de Presidentes e Executivos das Regiões de Turismo que se realizou entre 11 e 13 do corrente mês, em Castelo de Vide, e que reuniu representantes do Algarve, Douro-Sul, Leiria (Rota do Sol), Turismo do Oeste, do Ribatejo, S. Mamede, Serra do Marão, Setúbal (Costa Azul) e dos Templários (Floresta Central e Albufeira), tiraram as seguintes conclusões:

«Apreensão pela forma como a Administração Central tem descurado o seu potencial empreendedor e actuação pouco concertada como têm decorrido as relações entre o poder central e os órgãos regionais e locais; na abordagem do Plano Nacional de Turismo e tendo em atenção a complexidade do mesmo as RTs presentes manifestaram as suas preocupações quanto à forma como vem sendo discutido junto dos órgãos regionais e locais, tendo em vista o papel privilegiado que as RTs desempenham nas expectativas de regionalização que o documento encerra; As RTs sugerem que a filosofia que tem presidido à partilha dos lucros provenientes do jogo, deva ser alterada no sentido de vir a contemplar de forma mais equitativa todo o território nacional.»

O documento prossegue: «As RTs manifestam total solidariedade face à posição assumida pela RT da Serra da Estrela em relação à aplicação do IVA, subscrevendo o documento remetido à SET; Deliberam confiar à RTA a elaboração dum estudo que privilegie a uniformização e reestruturação dos quadros de pessoal das RT; Congratulam-se pela forma como as autarquias integradas na RT de S. Mamede têm encarado a preservação do seu património edificado e dos seus valores etnográficos e felicitam a RT de S. Mamede pela forma cordial e organizada como decorreram os trabalhos e constatam com agrado a importância que as autarquias dedicam ao desenvolvimento do fenómeno-turismo da região.»

O próximo encontro vai realizar-se em Setúbal.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21 30 H TEL 726 08 18

2.º MES

CALIGULA DE ALBERT CAMUS - ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

MAIORES 12

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00

PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

Soares com Hermínio Martinho, José Carlos Vasconcelos e Marques Júnior (PRD) e com Correia Afonso e Dias Loureiro (PSD)

Partidos em Belém

PSD tem receio que se pense que há crise política

O PSD parece ter sido o único partido preocupado com as audiências concedidos pelo Presidente da República, Mário Soares, poi entende que elas «são vantajosas mas podem ser consideradas como um sinal de crise pela opinião pública. Segundo o dirigente social–democrata Correia Afonso, o anterior Presidente da República, general Ramalho Eanes só convocava os partidos para eudiências quando havia crises políticas «o que pode levar as pessoas a pensar que estas audiências de rotina com o Presidente da República actual são um sinal de crise.

Correia Afonso lembrou que durante a campanaha eleitoral, Mário Sopares disse que «não pretendia intervir na situação política, que seria apenas um mediador em caso de conflito» acrescentando que, segundo ele lhes confirmara «há estabilidade política, não há crise, pelo que estas audiências podem vir a gerar alguma confusão»

Por outro lado acusou os partidos de «aproveitarem a presença dos órgãos de comunicação social para a saída das audiências com o presidente da República para fazerem críticas ao Governo».

O dirigente social–democrata escusou–se por outro lado a divulgar os temas abordados durante a audiência, respondendo apenas que «foram vários os assuntos da reunião».

Outro ponto de vista manifestaram os socialistas ao considerarem estas audiências com o Presidente da República, segundo as palavras de António Macedo, «uma positiva troca de impressões sobre a situação política portuguesa». Na óptica dos socialistas estes diálogos são reveladores do «apreço» de Mário Soares pelos partidos políticos, «numa democracia aberta, como todos desejam».

As críticas ao Governo vieram de Almeida Santos que disse terem os socialistas levado ao Chefe de Estado a sua «profunda apreensão» por o actual Governo «estar a forjar conflitos institucionais», nomeadamente com o Parlamento. Segundo Almeida Santos isto «não é bom para a saúde da democracia», sobretudo quando «esses conflitos não existem».

Almeida Santos revelou que outro assunto abordado na audiência foi «o já desencanto» perante este Governo que «não utilizou uma margem de manobra financeira excepcional para aliviar a cruz» das condições de vida dos poprtugueses..

No entanto o PS entende que este Governo deve continuar a governar, mas com normalidade institucional e sem procurar conflitos» nem «desapreço ou agravos para o Parlamento».

A delegação socialista revelou, por outro lado, que Mário Soares manteve «uma perfeita e completa equidistância em relação a todos os partidos» e «não revelou a menor curiosidade» em relação aos problemas internos do PS.

Primeiro Conselho de Estado

Mário Soares preside hoje, pela primeira vez, á reunião do Conselho de Estado, convocado, entre outras razões, para aprovar a acta da reunião anterior.

Esta órgão tem agora mais um membro – o ex–Presidente da República general Ramalho Eanes, e cinco novos conselheiros – Nobre da Costa, Almeida Santos, Gomes Mota, Pinto Machado e Rui Alarcão – que substituem os anteriormente designados por Ramalho Eanes.

Integram ainda aquele órgão de consulta do Chefe do Estado o Presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, o Presidente do Tribunal Constitucional, Marques Guedes, os Presidentes das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, Mota Amaral e Alberto João Jardim, o Provedor da Justiça, Angelo de Almeida Ribeiro e os cinco deputados eleitos pelo Parlamento, Amandio de Azevedo e Barbosa de Melo (PSD), António Macedo (PS), Hermínio Martinho (PRD) e Álvaro Cunhal (PCP).

PS em Belém: António Macedo e Almeida Santos com Soares

Ontem foram ouvidos mais dois réus em Monsanto

Não é crime ter votado em Otelo, mas guardar explosivos em casa...

«O que vem na acusação para mim é chinês» — disse ontem, no decorrer da 105.ª sessão do julgamento do caso FUP/FP-25, o réu João Martins de Castro, o 29.º a ser interrogado no Tribunal de Monsanto.

«Afirmando desconhecer 'totalmente' o Projecto Global, João de Castro sublinhou calmamente que o seu projecto político havia sido sempre a sua família, esclarecendo no entanto de seguida:

«Apoiei, votei e continuarei a votar no major Otelo».

Quanto às FP-25, declarou apenas: «O que sei é através dos órgãos de Comunicação Social». E acrescentou: «Não é crime ter uma ideologia política e ter votado no major Otelo».

«Pois não» — retorquiu de imediato o juiz-presidente Adelino Salvado, com uma leva ironia. «O que é crime é ter 24 quilos de explosivos em casa...»

Na verdade, em casa do João Martins de Castro, homem de 47 anos, a PJ apreendeu uma caixa com 24 quilos de amonite (explosivo considerado «altamente perigoso»), uma granada de mão, fios eléctricos e munições para armas de vários calibres.

O réu, porém, tinha uma explicação para tal recheio lá em casa — a referida caixa, cujo conteúdo só mais tarde veio a conhecer, foi-lhe entregue para «guardar» por um seu co-réu actualmente julgado à revelia.

«Se fosse entregar aquilo à Polícia ficava preso na mesma» — disse depois João de Castro ao explicar por que não se desfizera dos explosivos.

Quanto à granada ofensiva, o réu garantiu que a trouxera em 1975 da sede da ex-LUAR, organização de que fora «simpatizante».

Na contestação que entregou em Tribunal no início do julgamento, o mesmo réu negou qualquer ligação às FP-25, afirmando, pelo contrário, ter sido «vítima» daquela alegada «associação terrorista».

«Vítima porquê?» — quis saber o Procurador da República.

«Porque não tenho nada a ver com as FP-25 e estou preso por causa disso» — respondeu João de Castro.

Crimes...

Ainda na sessão de ontem começou a ser ouvido mais um réu: João José Gomes Rola, de 29 anos, que, segundo declarou, só ouviu falar do Projecto Global através de conversas de corredor.

Militante da OUT, a primeira componente «aberta» do referido Projecto, e dirigente do Sindicato Livre dos Pescadores, João Rola afirmou estar «quase desvinculado» da FUP quando foi detido, em Junho de 84.

Segundo disse também, «entendia» que o referido «Projecto Global» era composto por várias «frentes», uma das quais «restrita», mas desconhecia como se articulavam.

«Essa frente mais restrita não seria as FP-25?» — pergontou-lhe o juiz-presidente.

«Se era ou não, não sei, mas tenho a convicção que não» — respondeu o réu.

João Rola considerou ser «natural que numa sociedade onde há injustiça e desemprego possa haver revolta e violência», acrescentando:

«A nossa sociedade, apesar de democrática, é injusta e impura».

O julgamento prossegue esta tarde.

Vigília: tudo bem

A vigília de solidariedade para com Otelo Saraiva de Carvalho e outros detidos na prisão de Caxias vai poder realizar-se no Estádio Nacional como inicialmente estava previsto, na noite de 24 para 25 de Abril —disse ontem à Anop um dos organizadores da iniciativa.

O esclarecimento foi feito por Vital de Melo, da Comissão da organização da vigília. Segundo Vital de Melo, houve um «mal-entendido» no pedido feito à direcção do Estádio Nacional que levou esta a pensar que a utilização dos terrenos para a vigília afectaria a realização do jogo da final da Taça de Portugal de futebol marcado para dia 27. Uma vez esclarecido o «mal-entendido» tudo está bem.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º23/86

Viaturas abandonadas

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram no parque da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, sito na Quinta da Vila Formosa ao Figo Maduro, serão vendidas em hasta pública conforme o preceituado no Edital n.º 24/82, Decretos-Lei n.ºs 57/76 e 131/82, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de noventa dias a contar da data do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
Joaquim R. Simões & Filhos, Lda.	Largo Luís Chaves	LA-91-60
Ramiro Martinho Marçal	Av.ª Rainha Amélia	IE-08-59
Manuel de Pinho	Rua de Ponta Delgada	LE-39-65
Emílio João Quezada de Almeida	Rua Carlos Mardel	CS-93-09
António Bernardino S.C. Carvalho	Travessa das Mónicas	GD-64-07
António Joaquim Couveiro Banha	Praça D. Luís I	ED-73-26
Lucinda de Almeida Costa Santos	Av. Ilha da Madeira	LH-59-57
Fernando Abel Manuelo	Parque da PSP do Restelo	DG-88-57
Albano Fernando de C. Magalhães	Rua dos Marcos	DC-56-02
Raimundo Luís Silva Frazão	Avenida Infante Santo	CN-86-12
Vítor Manuel Godinho Machado	Rua Almada Negreiros	FE-91-79
Herd. de Bárbara da C. Lopes	Avenida João Paulo II	GF-28-47
José Domingos Sequeira Cabeças	Rua Maestro António Taborda	DN-87-97
António José Catarino	Rua D. Domingos Jardo	HE-50-67
Artur Alberto Ribeiro Quaresma	Rua da Verónica	LB-43-19
Herd. de Francisco M.A.C. Cabral	Rua Gorgel do Amaral	AL-87-88
Maria do Rosário N. da S. Horta	Rua de S. Bento	HG-60-70
António Luís Pereira Romano	Instalações da Polícia Florestal	DA-24-89
Joaquim Janeiro da Cruz	Rua Cidade Vila Cabral	BD-59-42
Rolando Alberto Gonçalves	Rua da Arrábida	DS-82-17
Pedro do Valle e Castro	Rua Actor Vasco Santana	AV-94-31
Domingos Luís Martins de Barros	Rua Lucinda do Carmo	GO-23-99
TELEMODERNA — Soc. Prod. Electrod. Lda	Rua Jorge F. de Vasconcelos	CG-77-77
João Paulo Costa F. da Silva	Bairro da Quinta do Jacinto	EA-48-13
Bernardo Luís Fauvelet R. Cunha	Rua de Campo de Ourique	AI-99-82
Fernando Marques de Jesus	Rua Professor Lima Bastos	LB-75-49
Nuno Amaral Ferreira Peixoto	Rua Cabo Floriano de Morais	LA-43-69
Carlos Lúcio Pereira de Oliveira	Avenida João XXI	AL-46-17
Filipe Antunes Garcia	Rua André Vidal de Negreiros	FE-40-85
Salvador Ramos Lopes	Rua da Indústria	AF-34-70
José Tomás Pereira de Carvalho	Rua Jardim do Tabaco	IF-83-56
Ignorado	Azinhaga da Torrinha	AP-49-29
Ignorado	Rua Latino Coelho	Ignorada
Ignorado	Avenida do Brasil	Ignorada
Ignorado	Rua Lucélia Simões	Ignorada
Ignorado	Rua Damião de Góis	Ignorada
Ignorado	Rua Francisco Pedro Curado	Ignorada
Ignorado	Campo da Feira dos Olivais	Ignorada
Ignorado	Avenida Infante D. Henrique	Ignorada
Ignorado	Rua Particular à Rua do Garcia	Ignorada
Ignorado	Rua de Manica	Ignorada
Ignorado	Rua A, ao Alto dos Moinhos	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, em 1986/04/02

O Presidente da Câmara Municipal
Nuno Krus Abecasis

Lotaria Comemorativa da Descoberta do Brasil

Taluda 60.000 contos
e muitos milhares de outros prémios.

Dia 24 Anda a Roda
Habilite-se e boa sorte!

Aumentaram 50 mil em oito anos

Há mais de 80 mil estrangeiros com residência em Portugal

Portugal alberga mais de 80 mil estrangeiros, dos quais 658 com o estatuto de refugiados. O número de estrangeiros, referente a 31 de Dezembro de 1985, aumentou significativamente desde 1977, ano em que viviam em Portugal cerca de 30 mil estrangeiros.

Segundo elementos recolhidos pela agência Notícias de Portugal junto do Serviço de Estrangeiros do Ministério da Administração Interna, os mais de 80 mil estrangeiros residentes em Portugal são originários de 111 países.

A maior representação estrangeira residente em Portugal continua a ser a de Cabo Verde com 24 959 cidadãos, seguida da do Brasil (6 804), Espanha (6 798), Estados Unidos da América (5 512) e Grã-Bretanha (5 053).

As profissões mais representativas são domésticas (18 366), estudantes (13 794), trabalhadores (7 522), ofícios vários (5 737) e construção civil (4 617).

Em Portugal, estão mais de 300 futebolistas estrangeiros sendo o Brasil, com 201, o maior «fornecedor», seguido da Guiné-Bissau com 47, Cabo Verde, com 12, Nigéria com oito e Angola com sete.

O distrito com maior incidência de estrangeiros residentes é Lisboa, com 16 226 cidadãos de Cabo Verde, 4 595 de Espanha, 2 263 do Brasil e 1 800 de Angola.

No distrito de Faro a maior representação de estrangeiros vem da Grã-Bretanha, com 2 199.

Elementos recolhidos junto do representante do ACNUR em Lisboa, actualmente existem 658 pessoas sob o estatuto de refugiados em Portugal.

O maior número de refugiados é composto por moçambicanos, fugidos daquele país (327 pessoas), seguido pelos angolanos (157) e pelos guineenses (30).

Por ordem decrescente, há refugiados do Chile, Cuba, S. Tomé e Príncipe, e Irão.

Em números ainda mais diminutos, há refugiados da Roménia, Hungria, Gana, Etiópia, Cabo Verde, Checoslováquia, Malawi, Senegal e apátridas.

O estatuto de refugiado em Portugal entrou em vigor em 1 de Agosto de 1985.

Têm direito a asilo os estrangeiros e os apátridas que temendo serem perseguidos em virtude da religião que professam ou opiniões políticas que defendem, não possam ou não queiram voltar à sua residência habitual.

A lei portuguesa concede também asilo por razões humanitárias aos estrangeiros e aos apátridas que «não queiram voltar ao Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual por motivos de insegurança devido a conflitos armados ou da sistemática violação dos direitos humanos que ali se verifique.

Após o 25 de Abril de 1974, Portugal abriu as suas fronteiras marítimas, terrestres e aéreas e tornou-se, em consequência, país de asilo para perseguidos políticos.

Em Agosto de 1974 chegaram os primeiros refugiados políticos oriundos sobretudo de países da América do Sul e de África, muito especialmente de Angola e Moçambique.

Em 1 de Outubro de 1960 Portugal aderiu à Convenção de Genebra, de 1951.

Este documento, no entanto, abrange apenas os países europeus e destinava-se a regular os casos de asilo decorrentes da Segunda Guerra Mundial, e sobretudo, da guerra fria que opunha o Ocidente ao Leste.

Por sua vez, e após o 25 de Abril, Portugal aderiu ao protocolo de Nova Iorque de 1967, que tornou extensivo o direito de asilo político a todos os perseguidos em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas que provem estar necessitados da protecção de um Estado estrangeiro por se encontrarem em risco a sua liberdade, a segurança ou a vida.

Esta disposição não se aplica aos perseguidos por delitos comuns.

A Constituição Portuguesa, no seu artigo 22, garante o direito de asilo aos estrangeiros e apátridas perseguidos em consequência da sua actividade em favor da democracia, da liberdade social e nacional e da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana e remete para a Lei Orgânica a definição do Estatuto do Refugiado Político.

A delegação do ACNUR está em Portugal desde 1977 as só três anos depois, com a criação do estatuto do refugiado, começou a colaborar com o Governo português e com as centenas de refugiados que procuravam Portugal como país de asilo.

Actualmente, existem em todo o mundo mais de 12 milhões de refugiados, dos quais cerca de metade estão em países africanos.

O Paquistão com cerca de 3 milhões (números de 1983), a Somália (com um refugiado por cada cinco habitantes) e o Sudão são os países com mais refugiados.

Na Europa, continua a ser a França, o país mais representativo (167 mil, nos finais de 1984), seguida da Grã-Bretanha (135 mil), Alemanha Federal (125 mil), Suécia (90 mil) e Suíça (31 mil).

Português matou uma jovem em França

Dois anos depois de ter assassinado a jovem Ragine Faccioli na região de Ariege, França, a polícia francesa prendeu agora o cidadão português Francisco Pedras que acabaria por confessar o crime cometido quando, na companhia de um menor, deu boleia à vítima na sua viatura.

A jovem estudante Ragine tinha saído de um baile pelas duas e meia da madrugada de 20 de Junho e pediu boleia para chegar a casa, sendo durante o percurso que Francisco Pedra, de 26 anos natural de Vinheiro, Arraiolos, a matou em circunstâncias e por motivos que a Polícia não revelou.

O corpo foi encontrado no dia seguinte com vestígios de agressão e uma facada no pescoço.

O autor do crime encontra-se radicado em França habitando actualmente em Castres.

Em Joanesburgo

Comerciante portuguesa

Na manhã do último sábado ao abrir o restaurante de que é proprietária em City Deep, a Oeste de Joanesburgo, África do Sul, a portuguesa Lígia Ferreira Veloso, de 33 anos, foi surpreendida pela entrada de quatro assaltantes que lhe exigiram o dinheiro em caixa. Como ainda não houvesse movimento, e por tal motivo qualquer importância, um dos assaltantes atingiu-a com dois tiros que lhe causaram a morte.

A vítima, tinha 33 anos, era casada com Óscar Fernandes Veloso, tinha três filhos e era natural da Ilha da Madeira.

Perto da Guarda

Socorristas da Cruz Vermelha vítimas de acidente

Sete elementos da Cruz Vermelha de Vilar Formoso ficaram feridos num acidente que ontem ocorreu próximo da Guarda, quando o veículo em que se faziam transportar, se despistou — informou a Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana.

O acidente ocorreu a 10 quilómetros da Guarda, na estrada conhecida por Soito do Bispo, quando à saída de uma curva, o veículo «todo-o-terreno» se precipitou numa ravina, ficando parcialmente destruído.

Ficaram feridos e internados no Hospital da Guarda para tratamento ou observação, além do comandante da unidade de socorro, Célio Pereira Almeida, os socorristas Conceição Pontinha, Victor Antunes, Maria Reto Pereira Duarte, Manuel Nascimento Cameira, Isabel Dias Almeida e Isabel Alves Teles.

Os sinistrados foram assistidos pelos Bombeiros Voluntários da Guarda que deslocaram para o local quatro ambulâncias.

Fontes médicas informaram que todos os sinistrados se encontram «a falar», havendo alguns que possivelmente têm de permanecer sob vigilância e internamento no hospital guardense.

Viajava à boleia

Padre espanhol preso com pistola na pasta

O padre Manuel Perez Villanueva, pároco da Freguesia de Sande, província de Orense, foi ontem preso pela Guarda Civil ao atravessar a fronteira luso-espanhola com uma pistola proveniente de Portugal, informaram fontes oficiais.

A pistola foi-lhe encontrada quando o contingente da Guarda Civil do posto fronteiriço de Puente Barjas, na mesma província, lhe revistava uma pasta, que também continha três caixas de balas de 9 mm Parabellum, informou o gabinete de Imprensa do Governo Civil de Orense.

A pistola, em perfeito estado de funcionamento, estava carregada com oito daquelas balas.

No momento da prisão, o sacerdote procedia de Portugal, num automóvel desportivo, conduzido por um indivíduo identificado apenas pelas iniciais EPR, que alegou desconhecer o que o padre levava na pasta.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

*«**Meu caro senhor** — tanto eu, como os meus subordinados, ouvimos com a maior atenção as palavras do Senhor Provedor de Justiça proferidas no Telejornal. Aqui lhe vimos dar, por seu intermédio, o nosso inteiro aplauso.*

«De facto, acontecem por esta Lisboa coisas de espantar. O senhor Provedor não exagerou. Sei pessoalmente de esquadras onde os presos são espancados, feridos e depois, se quiserem mercurocromo, têm eles de o ir comprar à farmácia!!!

«Garanto-lhe que, na esquadra que chefio, tal nunca sucedeu. Só no ano de 1985 comprámos vinte frascos daquele medicamento. Inclusive procedemos, por nossa conta, a quinze radiografias ao tórax, por suspeita.de costelas partidas, suspeita só confirmada em dez casos.

«Por vezes, altas horas da noite, depois dos interrogatórios, os meus subordinados acompanham os presos mais combalidos até encontrarem um táxi. E já não é a primeira vez que apresentamos desculpas aos detidos que, depois de uma sessão mais ou menos agitada, se verificou nada terem a ver com a ocorrência.

«Por tudo isto posso garantir que a minha esquadra funciona já segundo as normas da CEE. Até nos chamam «os blu strits da Pederneira».

«Acho formidável aquela sugestão de converter cada esquadra numa instituição de Relações Públicas em cada bairro. A minha esquadra quer ser a pioneira. As celas serão transformadas em gabinetes com maples, flores, estantes, garrafeira, etc. Tenho comigo um catálogo com amostras de alcatifa e alguns pintores nossos comparoquianos não recusarão alguns dos seus quadros. À entrada será instalado um bar com refeições ligeiras, doces regionais, vinho da casa. O uísque, da melhor procedência, é à discrição, antes ou depois do mercurocromo.

«Os agentes meus subordinados vão frequentar aulas de formação no Instituto Superior de Relações Públicas e intensificarão a aprendizagem do boxe e do karaté.

«Finalmente, vamos insistir na melhoria da qualidade dos cassetêtes. «Com toda a consideração,

a) Chefe da esquadra do Bairro da Pederneira»

Câmara de Coimbra com Orçamento "apertado"

As receitas do Município de Coimbra para 1986 só permitem ao actual elenco camarário pouco mais do que assumir a responsabilidade com acções em curso deliberadas pelo executivo anterior, afirmou o vereador do pelouro administratito.

Santos Cardoso comentava o critério seguido na elaboração do Plano de Actividades Camarárias que, sem contemplar novos empreendimentos, foi aprovado por unanimidade dos onze vereadores.

Trata-se de um documento espartilhado por receitas correntes de 1185 milhões de escudos, receitas de capital de 1290 milhões e despesas de iguais montantes. Para evitar um défice que apontava inicialmente para quase um milhão de contos, houve que restringir as despesas propostas pelos vários pelouros e serviços.

«Os novos eleitos pretendiam 91 mil e 557 mil contos respectivamente para despesas correntes e de capital, mas conseguiu-se consenso para a sua restrição», indicou Santos Cardoso.

Da gerência anterior transitou um défice de 69 milhões de escudos que, somado àquelas verbas, iria elevar o défice de 1986 para 717 milhões, sem contar com correcções compensatórias para os serviços municipalizados e juntas de freguesia.

Conscientes de que o Plano e Orçamento devem ser, efectivamente, instrumentos de gestão, os vereadores e serviços consentiram em grandes cortes das verbas inicialmente pedidas, o que permitiu reduzir consideravelmente a previsão de um défice que chegou a apontar para mil milhões de escudos.

«A expressão orçamental do Plano de Actividades para 1986 é ainda deficitária em cerca de 300 milhões de escudos, montante elevado mas aceitável se atendermos ao desvio inevitável entre as previsões e as realizações», considera Santos Cardoso.

O documento inclui várias acções a iniciar nas freguesias do concelho dotadas apenas com o valor simbólico de dez mil escudos.

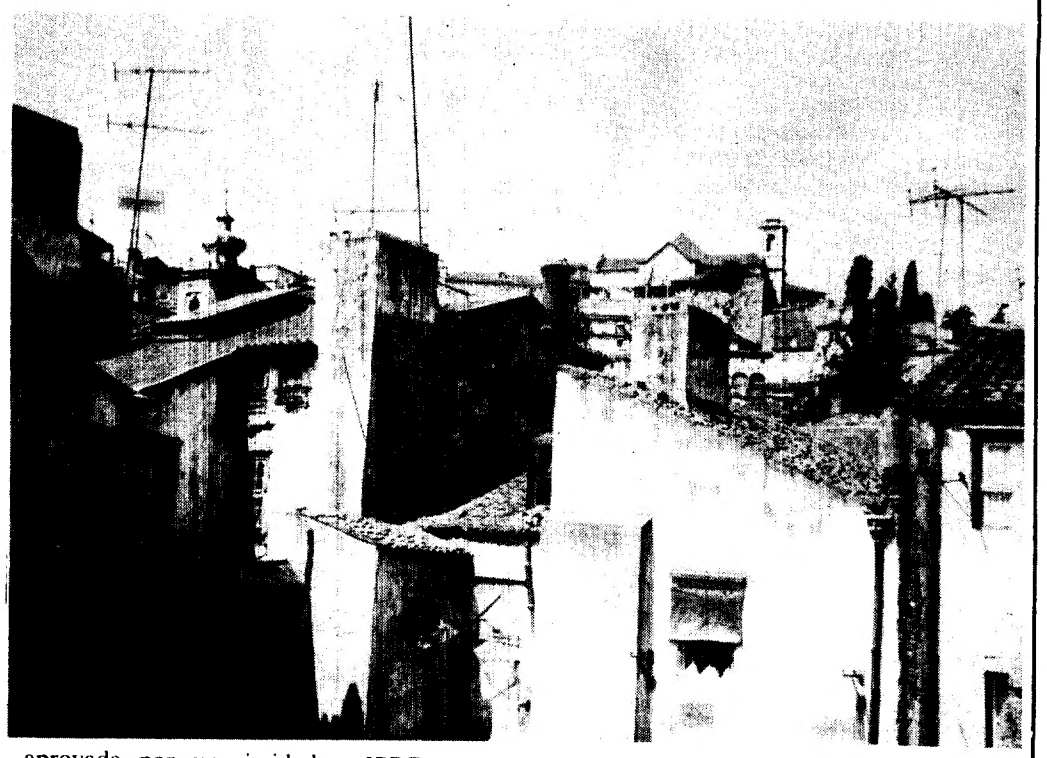
«Com realismo essas acções só serão realizadas se a situação financeira do município melhorar com fontes de financiamento novas ou em resultado da restrição de despesas que se pretende impor», refere-se no preâmbulo do plano.

Contudo, e para não paralisar a acção das juntas de freguesia e travar a sua capacidade de iniciativa prevê-se atribuir-lhes 41 milhões de escudos para resolução dos problemas locais mais urgentes. Essa verba será distribuída em função do número de lugares de cada freguesia e da sua população e será administrada directamente pelas respectivas autarquias, «o que representa um reforço do poder local transferido pela câmara», segundo Santos Cardoso. Vai competir às juntas substituir-se à Brigada Camarária para obras de manutenção das escolas do ensino pré-primário e básico nos casos em que se trata de pequenas reparações.

Para o vereador responsável pela elaboração do plano trata-se de uma forma de rentabilizar essa brigada, recuperando para obras de maior dimensão, nomeadamente a manutenção da rede viária, pessoal cantoneiro de que o município anda carecido.

Câmara de Lisboa propõe ao IPPC

Alfama e encosta do Castelo para património mundial



A Câmara Municipal de Lisboa aprovou ontem uma proposta da Aliança Povo Unido para a classificação de Alfama e da encosta do Castelo como conjunto histórico-tradicional e Património Mundial. A proposta, aprovada com os votos favoráveis dos vereadores da APU, PS e PPM, com a oposição das bancadas social-democrata e centrista, já tinha sido apresentada ao anterior executivo camarário, mas não tinha sido apreciada pela Câmara.

«Se o Instituto Português do Património Cultural aceitar a classificação, será mais um organismo empenhado em todo o processo de salvaguarda daquela área», declarou ao «DL» o vereador Rui Godinho, um dos subscritores da proposta. Aquele vereador sublinhou que a oposição do PSD e do CDS se ficou a dever à convicção daquelas bancadas de que a classificação seria impeditiva de um processo de reabilitação em condições, e de que a acção do Instituto Português de Património Cultural tem sido altamente nociva aos aspectos de preservação e salvaguarda do património.

No entanto, o responsável pelo pelouro da Cultura, o social-democrata Víctor Reis, apresentou uma proposta aprovada por unanimidade, para que prosseguisse no âmbito dos Gabinetes Técnicos de Alfama e Mouraria a elaboração de trabalhos conducentes aos projectos de recuperação, já apresentados ao secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, cuja assistência técnico-financeira se prevê que venha a ser consumada.

O arquitecto Castro Lobo, da secção de património do IPPC, em declarações ao «DL», considerou positiva a aprovação da proposta, destacando que as convenções da UNESCO para o Património Mundial têm sido aprovadas para zonas históricas do mesmo género, em países tão diferentes como o Brasil e a Bulgária. Aquele técnico adiantou que a UNESCO dá apoio técnico e, no caso de países com grandes dificuldades financeiras, subsidida ou participa nos trabalhos de recuperação.

Em relação à proposta aprovada ontem na Câmara Municipal de Lisboa, Castro Lobo adiantou que o estudo de Alfama, que está a ser feito por um grupo da Câmara, subirá ao Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural para posterior decisão do IPPC.

Acusa plenário da APU do Algarve

Governo desrespeita competências e direitos das autarquias

O Governo desrespeita as competências e direitos das autarquias «como recentemente ficou claro na apresentação e discussão do Orçamento de Estado na Assembleia da República», acusou o plenário dos eleitos da Aliança Povo Unido do Algarve, realizado no passado domingo,

Numa anbílise aos resultados eleitorais alcançados pela coligação naquela zona do país nas últimas eleições autárquicas de 15 de Dezembro, os eleitos sublinharam que a APU conquistou 206 mandatos, sendo 19 nas Câmaras Municipais, 59 nas Assembleias Municipais, e 128 nas Assembleias de Freguesia, aos quais ainda se devem juntar mais de 30 que exercem o seu mandato nas Juntas de Freguesia. Para além destas posições, a Aliança Povo Unido obteve, com maioria absoluta, as presidências das Câmaras de Silves e Vila do Bispo, tendo perdido a presidência da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

«Apesar da diminuição do número dos seus eleitos, em grande parte devido à aplicação da nova lei, a Aliança Povo Unido dispõe de posições de grande importância no conjunto das autarquias da região», sublinha o comunicado final do encontro.

Em relação à actuação futura para além de ter formulado reivindicações de âmbito geral como a aprovação de uma nova lei de finanças locais, a necessidade de uma rápida intervenção nodomínio de saneamanto básico, sem que tal implique gravosos encargos financeiros para as autarquias, a implementação da Região Administrativa do Algarve, e a denúncia das ilusões «semeadas p ela intensa propaganda de adesão à CEE prometendo através do FEDER milhões de contos às autarquias», o encontro dos eleitos da Aliança Povo Unido decidiu «dar total cumprimento aos programas eleitorais apresentados à população».

Nos órgãos autárquicos onde a coligação se encontra em minoria, foi decidido aumentar a actividade dos eleitos, «designadamente onde têm pelouros distribuídos e apoia a sua acção, com grupos de trabalho, o sentido de elevar a sua capacidade de intervenção». No caso da Câmara de Vila Real de Santo António, foi reafirmada oposição à gestão PS/PSD «porque não respeita os princípios de legalidade democrática, não distribuiu pelouros aos vereadores da APU, impede arbitrariamente a consulta de documentos, enquanto toma medidas gravosas para toda a população, de que é exemplo o recente aumento de quase todas as taxas».

Comissão de Tomar quer disciplina de educação ecológica

Uma Comissão de Defesa Ecológica, sediada em Tomar, solicitou ao secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, a introdução de uma disciplina de Educação Ecológica nos programas escolares, disse um dos membros desta comissão.

Aquela pretensão da referida Comissão de Defesa Ecológica, consta de uma lista de reivindicações entregues a Carlos Pimenta durante uma audiência realizada recentemente e em que foi abordado o problema da proliferação da «perca-sol» nas águas interiores portuguesas.

De acordo com esta comissão, a «perca-sol» é um predador muito voraz, semelhante à piranha, que «está a infestar os rios e albufeiras portugueses, destruindo outras espécies».

Aliás, uma das reivindicações deste organismo prende-se com o combate à «perca-sol», através da destruição dos exemplares capturados ou de processos químicos eficazes, que não destruam as outras espécies.

A citada comissão defende ainda que deveria ser proibida a pesca de 15 espécies piscícolas, durante alguns períodos do ano, entre as quais se contam o esturjão, o sável, a truta, o salmão, o lagostim de água doce, o pimpão, o barbo e a boga.

Desfile/15 horas

Marquês Pombal-Rossio/Comício

O caso do recluso que cegou após agressão em Vale de Judeus

Pai de José Ribeiro Rúbio desmente guardas prisionais

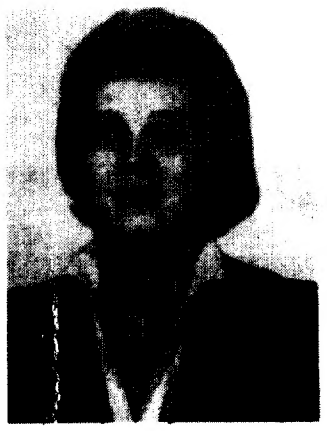
Manuel Geraldo

Em 3 do corrente publicámos um artigo intitulado «Contestando o inquérito do Provedor de Justiça: guardas prisionais desmentem 'sevícias' em Vale de Judeus», no qual utilizámos em simultâneo excertos de um comunicado do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional em declarações de dirigentes deste organismo de classe. A dado passo desse artigo era referido o caso de José Ribeiro Rúbio, um pintor de automóveis de 31 anos, que, de acordo com o inquérito instaurado pelo Provedor de Justiça, dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, ficou cego quando recluso da cadeia de Vale de Judeus, foi alvo de agressão por parte de guardas prisionais, na sequência de um motim naquele estabelecimento, no qual não participou, ocorrido em 22 de Setembro de 1985.

De acordo com as declarações proferidas por dirigentes do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, aliás assumidas em comunicado divulgado nessa mesma data, a cegueira do recluso José Rúbio, indicada no relatório do Provedor de Justiça, como tendo sido provocada por espancamento de guardas prisionais ficou a dever-se «a espancamento, por parte de outros reclusos, e devido ao roubo de um fio».

Confrontado com esta versão, José Rui Ribeiro Rúbio, sapador-bombeiro reformado, contactou com o «DL» mostrando-se indignado com a «deturpação dos factos» por parte do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional. «É falso» — disse — «que tenha havido roubo de qualquer fio de ouro. O que aconteceu foi que no dia do motim o meu filho desmaiou com o fumo que invadiu a sua cela e um preso seu amigo, com receio de que o fio desaparecese na enfermaria para onde ia ser conduzido, retirou-lho do pescoço, entregando-lho mais tarde quando ele recuperou os sentidos.»

Acusando os dirigentes do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional de «má-fé», José Rui Ribeiro Rúbio referiu que «ao ser espancado pelos guardas», o seu filho «ainda tinha muito boa vista para identificar os agressores», pelo que, em seu entender, «não faz sentido, sobretudo após a divulgação do inquérito do dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, que pretendam fazer crer que os agressores foram reclusos, ou, então, como fizeram constar em Alcoentre, o guarda Paiva, falecido



José Rúbio, o jovem recluso por cuja cegueira o relatório do Provedor de Justiça responsabiliza guardas prisionais

oito dias após o motim, num acidente de viação».

Para José Rui Ribeiro Rúbio que, em entrevista concedida ao «DL», publicada em 22 de Novembro de 1985, identificou os guardas Martins, Lafayete e Lindinho, como agressores do seu filho, responsabilizando ainda o director do presídio, dr. Joaquim Gonçalves, já substituído, e o chefe dos guardas Quitério, pelo facto de não ter podido visitar o filho durante um mês «para que não pudese reparar na sua cegueira e nos vergões que tinha no corpo», a tentativa de incriminar pelo sucedido um guarda morto surtiu efeito («os mortos não falam»), pois o relatório do sr. Provedor de Justiça «acabou por ser a prova de que a Justiça não dorme».

Responsabilizar a Polícia

E de facto a Justiça não dorme. E dormirá cada vez menos se, tal como disse há dias o Provedor de Justiça, na conferência de Imprensa em que divulgou o inquérito que veio confirmar as agressões praticadas pela PSP, os cidadãos deixarem também eles cada vez mais «de ter receio de pedir responsabilidades à Polícia e às outras autoridades por quem se sintam violentados». De forma a que possam ser para sempre sepultadas situações como as ocorridas antes do 25 de Abril de 1974, em que, afirmou, «era comum nos tribunais, alguns réus dizerem ter sido agredidos pela Polícia e o juiz mandá-los calar, com a alegação 'incontestada' de que era mentira».

Face à corajosa posição que tem vindo a assumir ao longo de todo o processo, em que o seu filho é pedra basilar, José Rui Ribeiro Rúbio, um antigo «soldado da paz», demonstrou que vencer a batalha da Justiça é possível. Respeitando embora nós o direito à defesa por parte do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, uma estrutura de classe que conseguiu a sua legalização lutando, e vencendo com civismo e perseverança, as pressões de correntes passadistas, bem longe dos princípios da Europa comunitária em que já temos assento, e que ainda agora coarctam aos profissionais da PSP tal prerrogativa.

Foi director da Escola de Belas-Artes do Porto

Mestre Joaquim Lopes nasceu há cem anos

Faz amanhã cem anos que nasceu o pintor Joaquim Lopes, antigo subdirector e director da Escola de Belas-Artes do Porto, falecido em 1956.

Mestre Joaquim Lopes nasceu a 23 de Abril de 1886 na freguesia de Vilar do Paraíso, Porto, numa modesta família de nove filhos.

Vocacionado para o desenho desde a infância, bem cedo teve de trabalhar para poder custear os estudos que lhe permitiriam desenvolver e cultivar a sua sensibilidade artística.

Como escreve na sua autobiografia, Joaquim Lopes aprendeu antes dos doze anos o ofício de pintor de cofres.

Aos quinze matriculou-se na Escola de Desenho Industrial Passos Manuel, de Gaia, onde terminou o curso com 20 valores.

Nesse mesmo ano — 1906 — entrou na Escola de Belas-Artes do Porto, cujo curso de pintura terminou em 1915.

Sempre como trabalhador-estudante, frequentou ainda os dois primeiros anos do curso de Arquitectura daquela escola. «Deus sabe as dificuldades de que de então até hoje tenho sido obrigado a vencer. Mas não deixo de confessar que a luta me é agradável», afirmou o pintor na sua autobiografia.

Em 1913 realizou, com Diogo de Macedo, a sua primeira exposição à qual se seguiram várias exposições individuais.

Em 1919, iniciou uma série de viagens de estudo a vários Países da Europa, cujos museus e exposições visitava, estudando o respectivo património.

Nomeado em 1940 subdirector da Escola de Belas-Artes do Porto, exerceu também o cargo de director de 1948 a 1952.

Com uma vasta obra de pintura representada em quase todos os museus nacionais e em numerosas galerias particulares, são também de sua autoria os azulejos da Praça do Rossio, de Viseu e os do átrio do Hospital de Santo António do Porto.

Mestre Joaquim Lopes foi vogal e delelegado no Porto da Academia Nacional de Belas-Artes, vogal da Academia Petro-Vanucci, de Perugia (Itália) e da Imperial Philo-Bisantine University.

Foi premiado com a medalha de ouro em pintura a óleo, aguarela e pastel, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes que também o distinguiu mais tarde com a medalha de prata e ouro.

Obteve a medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1922-1923) e a medalha de ouro na Exposição Ibero-Americana de Sevilha (1929-1930).

Mestre Joaquim Lopes faleceu em 25 de Março de 1956 e está sepultado em jazigo de família, no cemitério da Foz do Douro.

Diploma de 82 é notável mas...

Código Penal questionado pelo ministro da Justiça

O ministro da Justiça, Mário Raposo, afirmou ontem que o Código Penal de 1982 e a legislação que o complementou são «textos notáveis». «Só por simplismo se dirá que a eles (aqueles documentos) subjaz uma sobrecarga de utopia» — acrescentou o ministro ao intervir na sessão do Trigésimo Sétimo Curso Internacional de Criminologia.

Segundo Mário Raposo deu-se em Portugal, nos últimos anos, «uma profunda reconversão da dogmática jui-dico-penal».

Mário Raposo considerou que aquilo que de mais urgente há que aperfeiçoar no Código Penal de 1982 é a adequação 1982 da sua «parte especial ao que a experiência desde então recolhida preconiza».

«Não se tratará de romper com as suas concepções de base, caracterizadas na parte geral, mas de introduzir rectificações e adequações a novas realidades ou a realidades só detectadas depois da sua vigência» — acrescentou.

«A obra essencial permanecerá» — assegurou Mário Raposo.

O ministro falou ainda sobre o conceito de «ressocialização do delinquente» que — disse — «e quanto meta exclusiva e obsessiva, se ficou pelos anos sessenta».

Mas, para o ministro, não tem também «razão de ser o drástico volte-face, que depois fulminou este conceito, precisamente nalguns dos países que mais o haviam defendido», como os Estados Unidos e a Suécia.

«Penso que a ressocialização — disse Mário Raposo — para que se possa consumar numa efectiva reinserção social, em decisiva medida ficará dependente da supressão dos factores sociais que desinseriram o delinquente».

Para o ministro da Justiça, «não será de desligar qualquer problemática criminal de uma estratégia de prevenção colectiva da criminalidade».

Mário Raposo anunciou ainda que devem ser reactivados em Portugal o estatuto e a actividade funcional do Instituto de Criminologia.

Ser advogado é um risco

Mário Raposo teve ontem também uma intervenção na Ordem dos Advogados, onde disse que «ser advogado é uma profissão de risco».

Mário Raposo, que falava para cerca de 250 advogados estagiários, sobre «a nova advocacia — uma mesma ética e diversas realidades», opinou que um advogado tem de ser «defensor da parte» e como tal «deve fidelidade» ao seu cliente.

«Ser advogado é um estado de espírito», considerou aquele antigo bastonário da Ordem respectiva, sublinhando que o advogado, na sua profissão e para sobreviver, «está condenado à eficácia».

Mário Raposo

Para Mário Raposo, o jovem advogado tem, no início da sua carreira, uma «limitadíssima liberdade de escolha de profissão», se não tiver fortuna ou meios familiares de sustento ou, então, não quiser optar «por um franciscanismo excessivo».

O ministro da Justiça frisou que as instituições de controlo do exercício da advocacia devem actuar «com uma perspectiva não severa» sobre o regime de incompatibilidade que pende sobre a profissão.

Mário Raposo sustentou que parte do estágio dos advogados deveria ser realizada ainda na Faculdade.

O titular da Justiça referiu-se ainda ao sistema de advocacia norte-americana que tem na sua opinião «questões e aspectos que são altamente questionáveis», onde disse estar «tudo tabelado», o que leva a «afugentar as pessoas da Justiça» convencionada.

Mário Raposo indicou que, nos Estados Unidos, tornar-se «advogado é uma lotaria», apontando como razão para tal o facto de apenas serem colocados 10 mil advogados em 16 mil que se formam.

A palestra do ministro da Justiça aos jovens advogados foi a primeira de um ciclo de conferências em que participam os restantes antigos bastonários promovido pela Ordem dos Advogados.

"O Seculo" em nova fase

Uma nova edição do jornal «O Seculo» apareceu hoje nas ruas com uma tiragem de 50 mil exemplares, segundo afirmação do seu director Jaime Nogueira Pinto.

Segundo JNP este novo «O Seculo» será distribuído em todo o espaço nacional, mas com especial destaque na zona da Grande Lisboa.

«Por regra, o jornal não terá artigos assinados, excepção feita às fotografias e às reportagens» — acrescentou.

O número de hoje compreende um suplemento especial, com colaboração de Jorge Borges de Macedo, Pacheco Preira, Roby de Amorim, Leopoldo Nunes, Rodondo Júnior, Marques Gastão e Vera Lagoa, entre outros.

Do Conselho de Administração de «O Século» fazem parte Franco Nogueira, Rodrigues da Costa, Jorge Tadeu, coronel Gomes do Amaral e o seu director, Jaime Nogueira Pinto.

Acção de rua (no Rossio) em prol do "JN"

As Comissões de Trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC) e do «Jornal de Notícias» (JN) do Porto levaram ontem à tarde a efeito uma acção de rua conjunta, protestando contra a venda das acções da EPNC no JN ao capital privado.

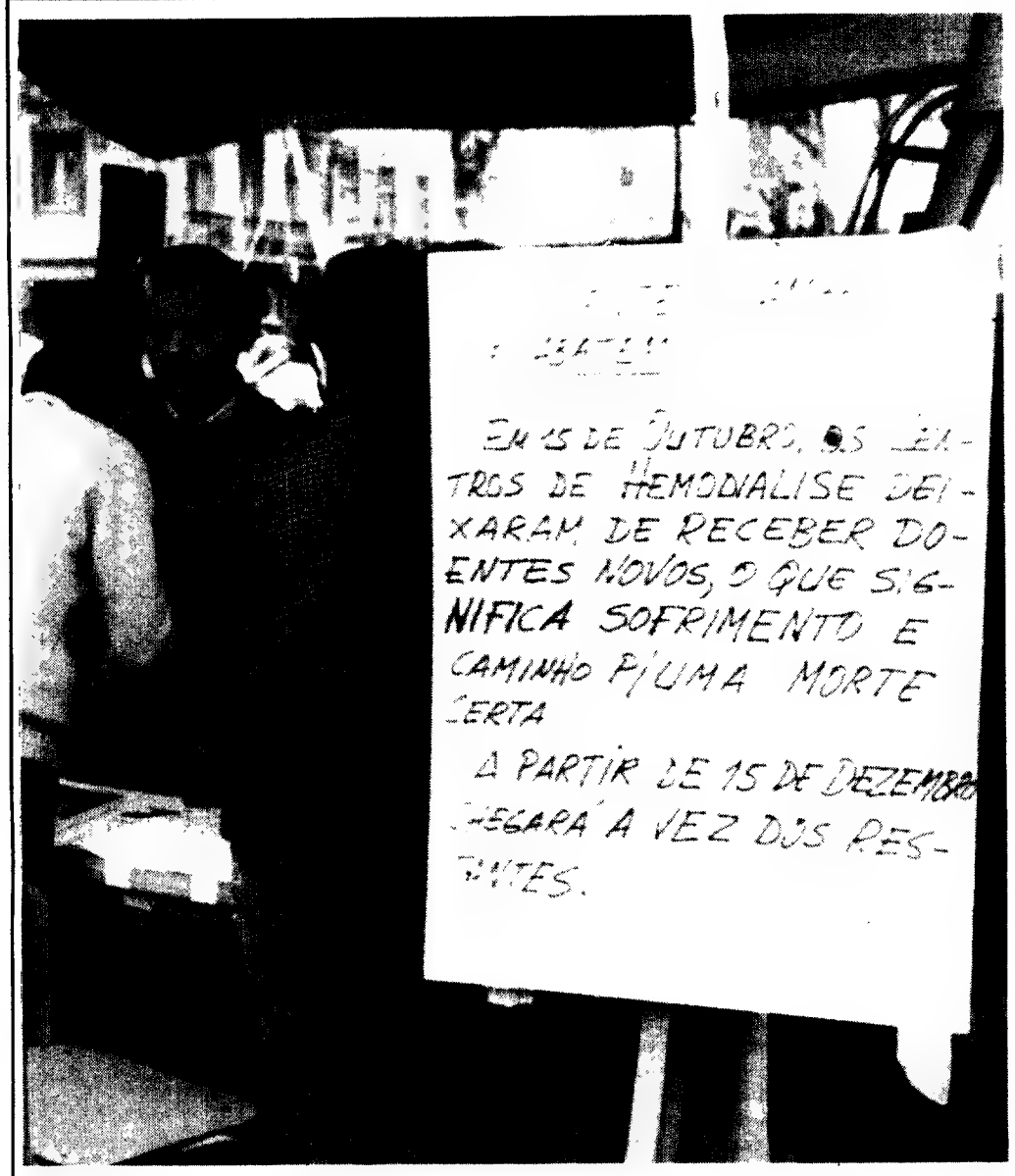
A acção de rua, que decorreu no Rossio, frente à livraria «Diário de Notícias», consistiu na distribuição de um comunicado público e de uma exposição.

O objectivo da iniciativa, segundo fonte sindical, foi «denunciar ao público a situação de indefinição desde 1976, criada pelos sucessivos governos/conselhos de gerência, e também denunciar a desestabilização que o Governo Cavaco Silva pretende criar no JN, através da venda das acções da EPNC ao capital privado.

Almoço regional na Casa do Ribatejo

Mais um almoço regional — na sequência de uma proveitosa tradição — vai efectuar-se amanhã na sede daquela instituição, à Rua do Salitre, 136 — 1.º.

A ementa, segundo nos indicou a direcção da CR, é sedutora e, como é habitual, regada com bo vinho da região rebatejana. As inscrições ainda podem ser feitas na secretaria, ou através do telefone 681384. A hora é a do costume, ou seja, a partir das 13. Também na Casa do Ribatejo, amanhã às 19 e 30, a comissão organizadora do V Festival Internacional da Flor divulga aos órgãos de Comunicação o programa do Festival e ainda e refeição de consagração do concurso de açorda de sável, durante uma prova da dita.



Os hemodialisados têm denunciado algumas vezes as dificuldades que enfrentam para ser tratados

Portugal gasta mais a tratar que a investigar

Os serviços médicos portugueses gastam mais dinheiro no tratamento do que na investigação das causas das doenças, de modo que entre nós «a alimentação, o tabaco e o álcool são, ainda, as grandes causas da morte», afirmou em Sesimbra o coordenador do departamento de investigação da Escola Nacional de Saúde Pública.

«Gasta-se muito mais dinheiro a tratar do que a investigar, gasto este que é quase nulo em Portugal», afirmou António Campos, galando no final do acto inaugural do Encontro Nacional de Investigação Biomédica que decorre naquela vila por iniciativa da Escola Nacional de Saúde Pública.

«É muito negligenciada do nosso País a investigação sobre a história natural das doenças» — disse António Campos. Sobre novas estratégias de investigação no domínio da saúde, António Campos afirmou ser necessário «encontrar uma ligação entre as necessidades do País e o potencial de investigação de que dispomos».

«Temos potencial de investigação, mas é necessário aproximar mais esses meios das reais necessidades de saúde da nossa sociedade» — disse António Campos.

Quanto à situação da saúde em Portugal, António Campos frisou «ter de se abandonar a posição miserabilista», acrescentando que ela «é proporcional a outros aspectos da vida portuguesa».

«Temos conseguido progressos em termos de mortalidade» — disse, frisando que se tem conseguido baixar o índice de mortalidade infantil, mas que se retrocedeu em relação a acidentes de trabalho, na estrada, de doenças cardiovasculares, de intoxicações e mortes por suicídio.

O encontro, no qual estiveram presentes cerca de 30 responsáveis por departamentos de investigação de todas as Faculdades de Medicina, de Farmácia e Dentárias do País, tem como objectivos o estudo das lacunas e problemas que se põem em Portugal à investigação médica, e à definição de estratégias de desenvolvimento. À sessão de abertura esiveram presentes o secretário de Estado da Investigação Científica, Arantes de Oliveira, o presidente do Comité da Organização Mundial de Saúde para a Europa de peritos sobre a investigação médica, o alemão-federal Teodor Fliedner, e o responsável pela investigação do memso organismo, o filandês Hannu Vuori, além de outras individualidades do campo da medicina científica.

Há 2500 doentes renais crónicos em Portugal

Transplante de rim é mais económico do que tratamento por hemodiálise

O número de doentes renais crónicos que carecem de prótese (diálse ou transplante) tem aumentado em média cerca de trinta por cento ao ano. Eslpecialistas e dirigentes da Sociedade Portuguesa de Nefrologia assinalaram ontem esse facto durante o I Congresso que decorre em Lisboa até amanhã, antes de a ministra da Saúde acentuar na abertura dos trabalhos que, «sob o ponto de vista económico, a transplantação é o meio mais indicado de tratamento, permitindo ao Estado uma economia de meios que a partir do 2.º ano de sobrevivência do enxerto é de cerca de 10 vezes menor do que a manutenção do doente em diálise».

Leonor Beleza defendeu ser necessário aumentar «urgentemente» o número de transplantações renais em Portugal, cujo total entre nós é de cerca de trezentos. Apenas sete países — disse a ministra — ultrapassam Portugal na capacidade de tratar os seus novos doentes insuficientes renais, no conjunto dos tratamentos disponíveis.

Trezentos é o número de transplantações efectuadas em Portugal, nos doentes renais. Doentes propriamente ditos, sem terem ainda sido submetidos a esse tipo de intervenção, são 1564 entre nós, em tratamento por método de substituição: hemodiálise hospitalar ou domiciliária, diálise peritoneal ou com transplante renal funcionante.

Aquele número representava a média de 158 doentes em tratamento por milhão de habitantes, que é superior à da Europa (176 doentes por milhão). «Apenas sete países nos ultrapassaram nesta capacidade de tratar novos doentes, o que, sem dúvida, representa um enorme esforço da parte das estruturas da Saúde e do seu suporte finaneiro, já que todos os doentesse encontram totalmente a cargo do Ministério da Saúde», disse Leonor Beleza.

Beleza defendeu ainda as vantagens da transplantação renal sobre a hemodiálise, vincando que «réabilita o doente, recupera-o para uma qualidade de vida próxima do normal». O equilíbrio entre os doentes admitidos em programas de diálise e os que, obtendo um enxerto, deles vão saindo, foi defendido pela ministra da Saúde na sessão de abetura do I Congresso Português de Nefrologia.

Responsáveis da Sociedade Portuguesa de Nefrologia disseram na ocasião que os doentes renais crónicos em Portugal já não morrem por falta de tratamento disponível entre nós. Segundo alguns deles, os dois mil e quinhentos doentes renais crónicos existentes actualmente, cinco por cento se sujeitaram a transplante, número considerado insuficiente.

«Um dos objectivos da Sociedade Portuguesa de Nefrologia é sensibilizar doentes, entidades públicas e privadas e público em geral para as vantagens do transplante sobre a hemodiálise», acrescentaram. «Tanto nos aspectos económicos, como nos de autonomia social do doente, o transplante, sempre que clinicamente possível, tem vantagens sobre a hemodiálise», afirmaram.

Segundo eles, é necessário, contudo, que o próprio Estado dinamize essa opção, considerando «insuficiente», por outro lado, o parque de tratamento de hemodiálise em Portugal.

«Não é a legislação portuguesa que impede o transplante (alías, ela é bastante permissiva), mas sim a inexistência nos hospitais centrais de mecanismos e estruturas que conduzam a possibilidade de execução do transplante», disseram.

A título de exemplo referiram que o Hospital Curry Cabral está preparado há dois anos para proceder a transplantes, quer humana quer tecnicamente, mas por razões de ordem burocrática ainda não começou a operar. «Em Portugal são de desaproveitados muitos órgãos (rins) para transplantes devido à falta de estruturas», acrescentaram.

Consideram igualmente necessário que se criem mecanismos que permitam uma recolha eficiente de órgãos para transplante. «Um doente transplantado com sucesso passa a custar, ao fim de um ano, um décimo do que custaria se continuasse a fazer hemidiálise», sublinharam.

Comissão Instaladora da Universidade da Beira Interior

A assembleia distrital de Castelo Branco indicou o nome de Álvaro Ramos, presidente da Câmara Municipal da Covilhã, para integrar a comissão instaladora da Universidade da Beira Interior (UBI)

Aquela Universidade, que sucede, na Covilhã, ao Instituto Universitário da Beira Interior (IUBI), foi recentemente criada oficialmente.

Fontes afectas à UBI e políticas, disseram à Anop que aquela nomeação «colheu de surpresa os interessados, já que a Câmara da Covilhã deliberara em Março, por unanimidade, propor o nome de Lousa Nicolau, na assembleia distrital, para o referido cargo».

Nicolau é vereador da cultura na Câmara covilhanense, eleito pelo Partido Renovador Democrático (PRD).

O estranho mundo de Graça Morais

Lurdes Féria

Encontrei-a fragilizada, nervos à flor da pele, com a imaginação parada. Há dias assim, em que as pessoas se sentem desmotivadas, com uma impressão de vazio que chega a ser angustiante. Mas o mal-estar de Graça Morais era explicável, se levarmos em linha de conta as energias esbanjadas nas duas descomunais telas, as últimas que pintou, a esta hora na barafunda da Arco-86, a feira de Madrid, que se desmantela porque acabou o prazo. Cinco dias de expectativa para os artistas representados — vende, não vende? Nelas esgotou toda a sua reserva emotiva. Nunca faz as coisas por menos: cada obra corresponde a um acto de entrega total. A sua relação com a pintura não é, de modo nenhum, pacífica.

O relacionamento intimida-me...

Concluído o trabalho, acontece-lhe sempre, uma espécie de ressaca, uma impaciência insuportável, porque «**vem tudo muito arrancado de dentro**». Ainda me propôs o adiamento desta conversa, até que lhe renascessem as forças perdidas. Era Páscoa, Primavera a armar-se em cara, e Graça partia, no dia seguinte, para Trás-os-Montes, terra onde nasceu, no mês de Março, ano 1948. Ia «**ver gente, andar pelas montanhas, encher-se de novo**», ia absorver a seiva que a pintura lhe tirara, numa avidez de esponja.

No seu atelier, da Rua de S. Paulo, as telas ainda frescas (a cheirar a tinta), eram um desafio de cores. Impossível despregar os olhos daquelas figuras, daquele universo religioso e erótico, em que actualmente mergulha. Chama-lhe à série temática, em curso, e que vai explorar, «O Erótico e o Sagrado», inspirada nos nossos santos e procissões que pedem superfícies desmesuradas. «**Há filmes que duram quatro horas e outros somente hora e meia, tudo depende do que se pretende dizer... Há coisas que não se podem exprimir em trabalhos pequenos**». Com necessidade de expansão as figuras apropriam-se, indomáveis, de todo o espaço disponível e, se mais houvesse, tomá-lo-iam.

Teve a pintora de submeter-se a tal exigência, os santos saiem-lhe de tamanho natural, como as imagens das igrejas e que os crentes transportam nos andores. Quem não conhece Santa Bárbara, «**no céu seja bendita**», que nos valha, quando troveja? «**Lembra-me uma santa arrogante, filha de um homem rico, segundo me contavam...**» Com efeito, apresenta a cabeça direita, rosto frio, sem a doçura a suavizá-lo. Não tem uma expressão branda, nem resignada — mas é bela. Outros elementos secundários se introduzem sub-repticiamente no espaço, contra a lógica da composição. O que faz ali aquela tulipa branca? — pergunto. «**Não sei... ofereceram-me uma tulipa e talvez inconscientemente ela surge, como algo de insólito. Talvez signifique a intromissão do quotidiano na minha pintura**».

Infância

Clássico e grego, S. Sebastião (noutro quadro) distingue-se entre as restantes figuras que não passam de esboços. Transmite-nos os sofrimentos e os martírios dos santos, mas também parece ser o instigador da cópula em que dois corpos, encaixados um no outro, se envolvem, exactamente no meio da tela. «**São o centro e, sem eles, o quadro desagregava-se**», afirma Graça; e ainda, em segundo plano, uma figura africanizada, concebida com o pensamento em Africa, onde a autora viveu dos sete aos nove anos. Desses fragmentos da sua memória, da infância ali registada, escapa-se a coluna da igreja onde ela se baptizou.

Paira na composição um toque de desordem e até um certo caos que escangalha o aparente realismo. Mas, aquilo, é bastante mais complexo do que à primeira vista se nos afigura quando contemplamos o quadro. «**Não há caos, as coisas estão onde penso que devem estar, e nada foi por acaso. Todavia, nunca faço estudos preparatórios, vou atrás da ideia... Sei que vou pintar um S. Sebastião ou uma Santa Bárbara e, à volta deles, surgem outros pormenores. Às vezes estou horas para conseguir resolver uma situação de pintura**».

No seu S. Sebastião, o mártir não anulou o efebo, em cujo olhar se lê a iluminação da fé, nem o seu corpo é descarnado pelas práticas ascéticas, antes exibe um físico apolíneo susceptível de provocar desejo. Um pouco como o herói de **Mishima**, aquele S. Sebastião atleta que o incitava a masturbar-se, na adolescência. «**De facto vi o filme que, no aspecto estético, me causou uma forte impressão. Pode-se, ou não, concordar com o personagem mas é, sem dúvida, sedutor na medida em que perseguia a perfeição, sonho de qualquer artista. Por outro lado, o empenho na conservação de um tradicionalismo desaparecido revela uma posição ética, embora discutível. Mishima procurava o absoluto e na sua entrega ao amor havia uma pulsão de morte**».

Talvez o que **Mishima** achasse de fascinante, em S. Sebastiao, fosse a mistura da interioridade, propria dos santos, e da ferocidade que define os guerreiros. Ora, Graça é sensível ao heroísmo, ao sublime, às grandes causas: «**viver um grande amor, viver uma grande causa... sim**». Característica feminina? «**Suponho que o querer atingir a essência das coisas, ser-se independente e autónomo não se prende com o sexo. O difícil é a autenticidade num mundo com tanto apelo ao fácil, a maior parte das pessoas vive numa completa fraude...**»

Intuição

Um ambiente fútil rodeia a **pintura**, agarra-se a última moda porque, através dela, o triunfo vem mais depressa. Com proveito, portanto. Flutua-se entre esta e aquela novidade, inútil aprender.

«**É importante a informação, mesmo de uma má pintura se pode extrair informação... Agora meter uma palmeira ou um punhal porque está na moda, recuso-me. De resto, nessa pintura não há mistério, tem uma simbologia fácil, não dá trabalho, nem aos críticos nem aos galeristas que a catalogam**». Os galeristas exigentes, sabedores, contam-se pelos dedos. Óbvio que, neste processo, não há inocência e ganha-se dinheiro.

Neste momento, Graça Morais comove-se com El Grego: com a espiritualidade que as figuras dele emanam. Alguma coisa lhe diz que esse caminho a poderá conduzir a descobertas fundamentais, e não a um simples afloramento do religioso. «**Quando fui a Toledo de propósito ver o enterro do Conde de Orgaz senti um nó na garganta. Não sei explicar... funciono por grandes intuições, emociono-me com o lado sagrado da vida, o mesmo que os homens tinham quando pintavam as cavernas... ou quando fazemos amor sem o gratuito que o acto, com frequência, assume.**»

Também, noutra perspectiva, a pintura de Picasso a faz vibrar.

E o reverso da medalha, com toda a sua pujança animal que nos penetra e nos convida a agir. «**Sou um pouco dos dois, a espiritualidade e a animalidade estão em mim... Nestes últimos trabalhos julgo que isso já se nota: as figuras abandonam-me prostradas mas, ao mesmo tempo, gritam desesperadamente que querem viver**». Graça Morais debate-se com um mundo estranho, quase fantástico, um mundo fora da realidade, mas a ela volta com alegria exaltante, e neste vaivém anda. Oscilante.

Daí que a sua pintura, no início de abordagem mais acessível, se complique. Na série intitulada «**O rosto e os Frutos**» falava das mulheres nordestinas, rostos carcomidos como velhíssimas árvores; na série «**Mapas e Espírito da Oliveira**», outra vez a terra a exercer pressão na pintora, a chamá-la, sobrepondo-se como prioridade. Paisagem castanha, de montes redondos como seios que se transfigura em corpos de mulher. Oliveiras antigas, muito uterinas. «**A oliveira relaciona-se com a minha infância, em miúda brincava dentro do tronco de uma oliveira oca. Depois, trata-se de uma árvore mediterrânica que tem a ver com a simbologia católica. As suas formas, quando velha, assumem o ar trágico que vemos no povo transmontano.**»

Católica praticante, até aos 18 anos, colégio de freiras «**onde a palavra erotismo era banida, quanto mais os actos**», família virada para a crença dos valores divinos, são referências que não se apagaram da memória de Graça Morais. E, por serem marcantes, que sente necessidade de as contar na pintura, ainda que sem espírito de denúncia.

«Julgo que a religião não me prejudicou, talvez até me tenha estimulado o imaginário. Hoje interessa-me como linguagem

S. Sebastião, mártir e guerreiro...

O mergulho no religioso

de pintura, de que me aproprio, e onde me reconheço. Não a refiro como documentário mas como situação vivida... Sem pretender cair no regionalismo, parece-me que nos devíamos debruçar mais sobre as riquezas que possuímos. Manuel de Oliveira está a fazer um cinema belíssimo e que é muito português, se calhar também é por isso que o seu valor está a ser reconhecido no estrangeiro».

Eram cinco irmãos. Ela a única da prole com queda para a pintura — desde a escola primária que esse gosto se vinha manifestando.

Espantava-se a família perante os desenhos bem feitinhos da menina que dizia, com alguma gravidade: «**quando for grande quero ser pintora**». Entretinha-se, nessa época, a desenhar cerejas, árvores e bules de chá, com lapis de cor molhado na saliva. Curiosa, examinava os objectos e as coisas que lhe feriam a atenção, mas não consumia o tempo apenas com atitudes contemplativas. «**Adorava brincar nas fragas e fingir que era rainha, coroando-me com heras... isolava-me muito num universo que os outros não entendiam**».

Mercado

Este ano foi ano de muito trabalho, e também de alguma compensação. Subitamente viu-se consagrada, entre os eleitos que merecem os louvores da crítica. Legitimamente, diga-se; e esse triunfo não lhe é indiferente. Contudo, garante não estar à vontade com o **marketing**, porque o relacionamento a imtimida. «**Na aparência mostro abertura, mas sinto pudor e timidez em tudo o que diga respeito ao meu trabalho. Movimento-me num mundo de afecto, confesso não ter habilidade para o negócio. Repugna-me a preparação, organizar almoços e encontros, na mira de vender quadros... não me vejo a desempenhar esse papel, para mim, um tanto grosseiro.**»

Com surpresa, assisti à adesão, activíssima, de Graça Morais na campanha eleitoral de Mário Soares, com surpresa, repito, pois ignorava que a pintora tivesse atracção pela política. Ao de leve, tocamos no assunto: porque deu tanto a cara, porque se envolveu tanto? «**Porque gosto de Mário Soares, e achava que ele merecia gan-har. Era o prémio que a vida, tendo em atenção o seu esforço e a sua biografia, lhe devia pagar. Quanto à política não me puxa, a cena política parece-me demasiado teatral e pouco imaginativa, para que me solicite, com alguma constância. Apesar de encarar as coisas com humor e uma certa distência, por vezes, resolve intervir, ainda que pontualmente. Foi o que sucedeu na última campanha eleitoral, cumpri um dever que se me impunha, face às circunstâncias.**»

Há deveres e há paixões. Paixão, para Graça Morais, só a pintura, «**o mais sagrado**», que para si existe.

Carlos Morais evoca Monte Agraço

"Sobral, Nossa Terra" obra escrita no Maputo

Júlio Rodrigues

«Sobral, Nossa Terra» é a primeira obra visível de Carlos Morais, um filho de Sobral de Monte Agraço que há quatro anos o concluía em... Moçambique! Em proncípios de 1982, o manuscrito estava pronto. «Eu vivia em Moçambique, onde o trabalho foi totalmente escrito. Em 1983 vim de férias — contou há dias ao «DL» — e logo tive oportunidade de falar com o ilustre presidente da Câmara Municipal».

A história do livro estava pronta. A outra, a que esteve na origem da publicação de «Sobral, Nossa Terra», foi-nos exposta pelo autor. De férias em Portugal, Carlos Morais contactou António Lopes Bogalho — talvez o mais jovem presidente de Câmara em Portugal — e o vereador da Câmara sobralense Eduardo Lopes João. «Depressa formaram um juízo definitivo quando à conveniência de mandar editar o manuscrito, que imediatamente ofereci ao Município», afirmou-nos o autor.

«Sobral, Nossa Terra» tem uma «feição essencialmente evocativa», diz-nos Carlos Morais. «Aquilo que se deseja evocar vem à mente com facilidade, às vezes sem a gente querer», acrescenta. «E o que se descreve — completa — não é muito mais do que uma resultante de observar as coisas com a devida atenção. Assim, talvez os capítulos de carácter histórico «Monte Agraço de Outras Eras» e «Ecos das Invasões Francesas» terão sido — como direi? — menos fáceis de compor, em especial pelo material de estudo que lhes serviu de base».

«Sobral, Nossa Terra» veio à luz do dia e foi pretexto, no passado domingo, para uma sessão solene, pública, nos Paços do Concelho. O autor foi agraciado com a medalha dedicada ao 8.º centenário da sua fundação pelo titular municipal Lopes Bogalho. «Dentre as iniciativas culturais perspectivadas por esta autarquia avulta a inventariação e divulgação quer dos múltiplos aspectos da cultura material e espiritual das gentes do concelho quer dos factos que enformaram a história local, pois o interesse pelo passado e pela tradição são características imanentes do povo português», escreveu António Bogalho na apresentação do livro.

Vinte anos fora do País

«Sobral, Nossa Terra» é a primeira obra de um sobralense que consumiu muitas horas e «queimou pestanas» em escritos para jornais regionais, como ele próprio referiu ao «DL». Artigos esses — acentuou — sobretudo sobre teatro, crítica teatral.

Ernest Cassirer e António Sérgio, ensaístas, Leite de Vasconcelos e Visconde de Castilho, etnógrafos, Stefan Zweig e Fernando Namora, biógrafos, e Alexandre Herculano e Oliveira Martins, historiadores, são figuras literárias que marcaram Carlos Morais. Natural de Monte Agraço, repete-se, «não podia ser indiferente ao facto de a minha terra ter uma bibliografia tão escassa, tanto em relação aos concelhos mais próximos como a outras vilas mais distantes e que guardam excelentes monografias», disse o autor ao «Diário de Lisboa» a propósito da obra que elaborou.

—Esgotou tudo o que diz respeito ao Sobral? — questionámos.

Claro que não. E por dois motivos fundamentais — disse — primeiro, porque estive ausente mais de vinte anos do País, facto que não me permitiu o indispensável acesso a bibliotecas e arquivos; depois, porque me sinto sempre insatisfeito com o que escrevo, desejando ir além do que está feito. Apesar disso, o material de estudo que a cada passo — vincou o nosso interlocutor — documenta «Sobral, Nossa Terra» está bem patente, sobretudo nas notas finais do livro, as quais têm merecido já a atenção de estudiosos das coisas do Sobral, como Amílcar Leitão e Joaquim Gonçalves».

Papel destacado nas invasões francesas

Evocação da vila e concelho de Sobral de Monte Agraço (neste livro se perfilam panoramas, edifícios e monumentos, figuras, actividades e ecos históricos), «Sobral, Nossa Terra» tem o cuidado de tratar criteriosamente não só «a revivescência e sistematização de casos que o tempo sumiu, como a viva caracterização de tipos e lugares», sustenta António Lopes Bogalho que também assinala, na sua apresentação, o «mérito da sua reinvenção poética» reportando-se à obra no seu conjunto.

O Sbral de Monte Agraço, ainda hoje uma área predominantemente agrícola, foi teatro das invasões francesas, dos ataques napoleónicos do passado século, nos seus alvores. Sobral teve «papel destacado na terceira invasão francesa, e foi diante do Forte Grande que Massena — um dos mais hábeis generais de Napoleão — retirou com a sua horda de 60 mil soldados, a coberto de uma manhã de nevoeiro», conta Carlos Morais nas primeiras páginas do seu livro.

Sobral de Monte Agraço está desde 8 do corrente a comemorar o seu 8.º centenário e prepara-se para celebrar com larga participação popular o 25 de Abril. Já no dia 24 haverá baile e reprodução dos temas «Grândola Vila Morena» e «Depois do Adeus», segundo o programa festivo organizado pela Câmara Municipal.

No dia 25, atletismo para todos, um torneio de chinquilho (por equipas) e um festival de dança e ginástica (com a intervenção das escolas do concelho) animarão a sessão da manhã; à tarde, folclore (ranchos) «As Cerejeiras de Fetais», «Cantares do Concelho» e «Tá-Mar» da Nazaré», um espectáculo infantil e uma exposição de pintura completarão o programa.

Carlos Morais, mais o irmão (Consiglieri Morais), que prefacia a obra, afirma que não há capítulos complicados no seu livro, apesar de se apresentar, em parte, em verso septissílabo

Carlos Morais ao «DL»: Estou em crer que uma dilatada ausência do País exerce grande influência na génese e feitura de um trabalho literário».

Gorbachev favorável à abolição da NATO e do Pacto de Varsóvia

O líder soviético Mikail Gorbachev afirmou que apoiaria a «abolição simultânea» das alianças militares do Pacto de Varsóvia e da NATO.

Num discurso pronunciado numa fábrica de Berlim, Gorbachev manifestou a sua «boa vontade para a dissolução simultânea do Pacto de Varsóvia e da NATO ou, para começar, das suas estruturas militares.

Ao mesmo tempo, o líder soviético manifestou a sua disposição para se encontrar com o presidente Ronald Reagan «logo que a atmosfera internacional apropriada se crie», e que «passos no sentido do desarmamento sejam possíveis».

O líder do Partido Comunista da União Soviética disse perante 2000 operários da fábrica de Marzah que tinha sido inquirido por trabalhadores sobre se «Washington estava a enganar Moscovo com promessas de desarmamento, enquanto procurava aumentar o seu poderio militar.

«Não permitimos que alguém use uma tela de fumo contra nós, e isso vale também para a cimeira entre a União Soviética e os Estados Unidos», frisou Gorbachev.

O dirigente soviético visitou ontem a fábrica, antes de comparecer na sessão de encerramento do Congresso do Partido Comunista da República Democrática Alemã, na qual foi reeleito Erich Honecker, de 73 anos, no cargo de secretário-geral.

No seu discurso, Gorbachev repetiu alguns dos comentários feitos após o ataque dos Estados Unidos à Líbia, acusando de novo Washington de cometer «um acto de pirataria», levado a cabo contra a vontade dos seus aliados e da opinião pública mundial.

Cimeira com Reagan

O presidente Ronald Reagan afirmou não ver indícios de que o líder soviético pretenda mudar de planos em relação á planeada cimeira entre as duas superpotências este ano.

Reagan, em entrevista concedida na Casa Branca, declarou que apesar «das afirmações algo zangadas» de Gorbachev nas últimas semanas, «não há indicações de que ele pretenda alterar a situação» em relação a uma planeada segunda cimeira.

Embora os soviéticos tivessem cancelado na semana passada uma sessão de planeamento-chave antes da cimeira, em resposta ao ataque norte-americano contra a Líbia, um funcionário da administração afirmou no domingo que a questão da Líbia é «um factor complicado, mas não um factor decisivo».

Eleições antecipadas em Espanha são por "conveniência política"

A antecipação das eleições gerais em Espanha para o mês de Junho, fazendo-as coincidir com as autonómicas na Andaluzia, não constitui surpresa. Era aliás a hipótese mais provável para cuja concretização trabalhavam nas últimas semanas tanto o governo como os partidos políticos e não esconde acontecimentos políticos extraordinários.

A actual legislatura termina em Outubro e Felipe Gonzalez sempre manifestara publicamente a intenção de esgotá-la, mas apenas por razões psicológicas e políticas, por ser a primeira vez que um governo completava o período para que fora eleito, e não por motivos políticos de outra ordem.

Vários membros do governo e dirigentes socialistas defenderam nas últimas semanas as vantagens de antecipar as eleições, enquanto um sector mais reduzido pretendia que fossem só em Outubro ou Novembro.

Além do referido argumento «psicológico», o único inconveniente que encontravam os defensores da hipótese de Junho era a sua coincidência com a realização do campeonato mundial de futebol no México.

As eleições são antecipadas por invocação de razões de «conveniência política uma vez que, com o período do Verão, a actual legislatura já se considerava praticamente esgotada», segundo fontes governamentais.

O porta-vos do governo, Javier Solana, confirmou oficialmente a dissolução das Cortes Gerais e a convocatória de novas eleições antecipadas para 22 de Junho.

O anúncio oficial foi feito em conferência de Imprensa no Palácio de La Moncloa, com a leitura de um comunicado em que o governo expõe os motivos desta decisão.

Ontem à tarde, Felipe Gonzalez presidiu a uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros em que foi tomada formalmente esta deliberação e depois foi recebido pelo rei Jaun Carlos, que assinou os respectivos decretos.

A actual legislatura terminaria em Outubro deste ano pelo que se verifica uma antecipação de quatro meses.

Sanções contra Tripoli

CEE decide restringir actividade de diplomatas líbios

Os ministros comunitários dos Negócios Estrangeiros confirmaram as medidas antiterroristas tomadas há uma semana na sua reunião de Haia, no quadro da cooperação política dos «doze».
As medidas, que visam directamente a Líbia, têm carácter diplomático e são relativas à representação e movimentação de pessoal diplomático líbio na Comunidade Económica Europeia.

Depois de terem analisado o relatório do grupo de alto nível sobre terrorismo, os «doze» chegaram a acordo sobre a redução ao mínimo da representação diplomática e consular líbia, na base do que cada país possui como representação na Líbia.

As restrições sobre o movimento do pessoal diplomático e consular líbio baseiam-se no princípio de que este deverá obter a necessária autorização para circular fora da cidade em que estiver acreditado.

Outro ponto refere-se à aplicação mais rigorosa do regime de atribuição de vistos.

Este último ponto será analisado pelos ministros da Justiça e do Interior, na próxima quinta-feira em Haia.

Por outro lado, os «doze» irão individualmente analisar as representações líbias noutras áreas, como o comércio e linhas áereas. «Trata-se — disse o ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Hans Van Den Brooke, de um conjunto flexível de medidas possíveis que serão analisadas casa a caso.»

Os «doze» admitem a hipótese de que estas medidas sejam extensivas a outros países envolvidos no terrorismo.

Um acordo foi alcançado para que os cidadãos líbios expulsos de um dos Estados membros da CEE por alegado envolvimento em acções terroristas não tenha acesso a outro Estado membro.

A possibilidade do abuso da imunidade diplomática irá ser também analisada.

«É um sinal para outros países que têm ou que pretendem envolver-se na prática do terrorismo», disse Van Den Brooke, que falou do parágrafo da declaração de Janeiro da CEE segundo a qual qualquer país que apoie o terrorismo internacional não poderá ter bom relacionamento com a Comunidade Economica Europeia.

Reacção de Tripoli

A Líbia considerará os países que venham a reduzir o número de diplomatas líbios ou a intensificar sobre eles a vigilância como «parceiros do crime ignóbil dos EUA», afirmou a agência noticiosa líbia Jana.

Esta posição constitui a primeira reacção à decisão ontem tomada no Luxemburgo pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, no sentido da redução do número de diplomatas líbios na Europa e da restrição dos seus movimentos.

O comentário, atribuído ao editor político da agênci, apela aos europeus para rejeitarem os apelos dos Estados Unidos para a aplicação de sanções à Líbia. Acusa ainda Washington de exercer pressões sobre a Europa para um boicote «fanático e racista» a Tripoli.

Expulsões na Grã-Bretanha

A Grã-Bretanha anunciou que vai expulsar 19 líbios, no interesse da segurança nacional britânica.

O Ministério do Interior disse que os 19 líbios foram detidos e vão ser deportados muito em breve.

Os 19 líbios vão ser expulsos «à luz de informações existentes sobre o seu envolvimento activo na actividade revolucionária dos estudantes líbios no Reino Unido» — referiu o comunicado do Ministério.

A Grã-Bretanha está a viver um alerta de segurança iniciado na sequência do ataque aéreo lançado há uma semana pelos Estados Unidos contra a Líbia, com aviões que partiram de bases aéreas situadas em solo britânico.

Líbios em Portugal

Pelo menos 17 cidadãos líbios residem actualmente em Portugal, a maioria dos quais é pessoal da representação diplomática em Lisboa, soube a agência NP de fonte oficial.

Desse total, quatro são alunos de uma escola de pilotagem de Tires, concelho de Oeiras, e dois encontram-se em Portugal na qualidade de estudantes universitários.

A Líbia tem recorrido a países da Europa e América para a formação de pilotos que tiram os seus diplomas em nações como a Espanha, Inglaterra, França e Canadá.

Após o confronto militar no golfo de Sidra, a Grã-Bretanha suspendeu os voos não acompanhados de estudantes de pilotagem líbios, ao detectar que alguns se haviam oferecido para missões de retaliação.

«Até nova orientação, os residentes líbios em Portugal estão sujeitos ao mesmo tratamento que qualquer outro cidadão estrangeiro», disse à NP o porta-voz do Serviço de Estrangeiros do MAI.

Veto na ONU

Os Estados Unidos, o Reino Unido, e a França vetaram hoje no Conselho de Segurança da ONU uma resolução que condena o ataque norte-americano à Líbia.

Para além daqueles três membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, também votaram contra a resolução a Austrália e a Dinamarca.

A resolução, patrocinada pelo Congo, Gana, Madagáscar, Trindade-Tobago e Emiratos Árabes Unidos, recebeu nove votos a favor, enquanto a Venezuela se absteve.

O texto proposto não só condenava o ataque armado cometido pelos Estados Unidos como, também, todas as actividades terroristas perpetradas por indivíduos, grupos ou Estados.

Provocou dezenas de feridos

Renamo reivindica atentado no Maputo

O porta-voz da Renamo em Lisboa reivindicou o atentado ocorrido na madrugada de ontem no Maputo, em que um carro armadilhado feriu dezenas de pessoas, pelo menos três delas gravemente.

Segundo Jorge Correia, o atentado foi preparado para antes das cinco horas locais para evitar «agredir a população civil» e foi realizado por «células clandestinas» da Renamo operando na capital.

Correia afirmou que este atentado se insere na nova táctica operacional do terreno empreendida desde há meses pela Renamo.

Essas operações, disse, levaram já a várias acções de sabotagem de instalações eléctricas e de fornecimento de água ao Maputo, colocação de bombas incendiárias (num dos casos, ardeu uma loja franca) e ao armadilhamento de um outro carro, este desactivado há cerca de seis meses frente ao Hotel Polana.

Citou ainda o caso da cidade da Beira, desde há três meses sem luz por causa da destruição da central de energia térmica da cidade e cortes das linhas com origem nas barragens da Chicamba Real e Cher, no Rovuél perto da fronteira com o Zimbabwe.

Mísseis para a UNITA

O jornal «Washington Times» diz que já chegaram a Angola os primeiros carregamentos de mísseis antiaéreos «Stinger» para as forças de guerrilha da UNITA.

O jornal cita fontes não identificadas que disseram que «conselheiros americanos chegaram com o primeiro carregamento de 50 mísseis» para os combatentes de Jonas Savimbi.

Segundo as mesmas fontes, a União Soviética já respondeu à decisão norte-americana, enviando para Luanda mais três esquadrilhas de helicópteros MI-25 e duas esqudrilhas de MI-24.

Os «Stinger» podem derrubar helicópteros a uma distância de cinco milhas.

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUIZO

ANÚNCIO

No dia 5 de Maio de 1986, pelas 14 horas, na 3.ª secção do 2.º Juízo Cível da Lisboa, na carta-precatória n.º 866, extraída da execução sumária n.º 121/84 da 2.ª Secção do 2.º Juízo de S. João da Madeira, contra o executado A. Ferreira & Figueiredo, com sede na Rua Conde Sabugosa, 11-C, em Lisboa, hão-de ser postos em praça pela primeira vez para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, cinquenta pares de sapatos de homem, em calfe, novos, de vários tamanhos e cores, um lote de setenta pares de sapatos de senhora em calfe, novos, de vários tamanhos e cores.

Lisboa, 15 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
O Escrivão-Adjunto

«DL» — 22/4/86 — 2.ª Pub.

Na Linha de Sintra circulam 29% das carruagens.

Greve na CP poderá continuar depois de quinta-feira

Os 180 mil habitantes da linha de Sintra, que habitualmente se deslocam para Lisboa nos comboios da CP, continuam hoje a ser os principais atingidos pela greve dos ferroviários, que entrou no seu trigésimo quinto dia. De acordo com a própria transportadora, o número de viagens ontem efectuadas naquela linha foi de apenas 110, quando em condições normais esse número se eleva a 336.

Acresce a isso que a maior parte dos 110 percursos ontem efectuados entre Lisboa e Sintra foram feitos por comboios com apenas três carruagens, em vez das seis normais. A CP calcula assim que a sua «oferta de lugares» na linha de Sintra se situa hoje em 29% do habitual.

A situação tornou-se praticamente indescritível e as soluções alternativas propostas pela companhia não passam de uma ficção. Na realidade, quase toda a gente está a recorrer a transportes particulares, com o trânsito a transformar-se num caos total. Os outros continuam em perigo permanente, dependurados em portas e estribos, a servirem-se dos comboios que ainda vão aparecendo, e a fazerem intermináveis bichas para os autocarros alternativos.

Entretanto, a Federação dos Ferroviários indicou ontem que a totalidade da frota da CP poderá vir a paralisar brevemente, admitindo para depois de amanhã a entrega de um novo pré-aviso de greve.

No conjunto do País, e segundo o próprio Conselho de Gerência, a companhia tem neste momento em circulação 1350 comboios de passageiros (82,4% do habitual) e 134 comboios de mercadorias (65% do normal).

Depois de descrever a situação nas diferentes regiões, o comunicado do Conselho de Gerência ontem divulgado indica apenas que «a CP continua a envidar todos os esforços no sentido de minorar os inconvenientes para os seus clientes e utentes e de resolver o conflito laboral existente na empresa».

Segundo fontes sindicais, continua hoje a decorrer uma reunião entre uma comissão sindical dos ferroviários e a direcção da CP, com o objectivo de se encontrar uma solução para as reivindicações dos trabalhadores.

A reunião começou segunda-feira, pelas 18 horas, e está ainda a decorrer, «mas nada de concreto foi já resolvido», adiantou a mesma fonte.

Referindo-se ao novo Conselho de Gerência, José Antunes disse que ele «já reconheceu frontalmente o desequilíbrio escalonar e de regulamento de carreiras», mas que, por enquanto, «está a diagnosticar o mal, não se avistando ainda a terapêutica».

Situação agrava-se no Metro

A greve de duas horas diárias no Metropolitano de Lisboa, iniciada no dia 14, está a provocar uma degradação progressiva do material circulante e da via, indicaram ontem dirigentes sindicais daquela empresa pública.

Em conferência de Imprensa, dirigentes ligados à Federação Sindical dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU) disseram que «começam a surgir pequenas avarias na via e haverá comboios que vão encostando se a greve se prolongar».

Assinalaram que se não forem satisfeitas as reivindicações salariais dos trabalhadores, a greve se prolongará.

Os trabalhadores do Metro pretendem aumentos da ordem dos 20 por cento, idênticos aos verificados na Carris e outras empresas do sector, referiram os dirigentes sindicais, frisando que o Metropolitano e a Carris têm estado normalmente equiparados em matéria salarial.

Adiantaram ainda que as oficinas estão a paralisar três horas diárias, duas em greve e uma em plenários, o que afecta a manutenção do material circulante, enquanto a greve dos trabalhadores da via afecta a manutenção da via, que só pode ser efectuada com a corrente desligada (das 2.00 às 5.00 horas).

Automóveis de emigrantes vão pagar menos

Os emigrantes podem agora importar automóveis, com metade das reduções fiscais, mesmo antes do regresso definitivo — anunciou o Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas.

Trata-se de uma das modificações na legislação introduzida pelo Decreto-Lei n.º 475/85.

O diploma mantém a disciplina que já vigorava no que respeita à generalidade das reduções fiscais, calculadas em percentagem sobre os impostos devidos, que são tanto maiores (as reduções) quanto mais anos como trabalhador produtivo no estrangeiro o emigrante possa comprovar.

Tal como anteriormente, as reduções previstas são superiores caso o emigrante adquira o veículo em Portugal.

Accionistas da Parry adiaram decisões

Pela terceira vez desde o princípio deste ano, os accionistas da Parry and Son voltaram ontem a adiar, para nova reunião extraordinária, a decisão sobre o futuro da empresa e dos seus 550 trabalhadores.

«Foi marcada nova assembleia geral extraordinária para o próximo dia 12 de Maio, uma vez que os accionistas ainda não obtiveram resposta ao apelo que fizeram recentemente ao Governo», disse à Agência NP fonte da Administração da Parry.

Elevam-se, assim, para três as assembleias gerais extraordinárias em que os accionistas da Parry and Son — IPE, Lisnave e família Lacerda — pouco mais fizeram do que marcar novos encontros para decidir sobre o futuro do centenário estaleiro naval.

O apelo ao Governo no sentido de ser evitada a falência da Parry and Son foi enviado ao Primeiro-Ministro com algum atraso devido a divergências entre os accionistas quanto ao seu conteúdo.

No texto do apelo, segundo um representante da família Lacerda, quase não se faz referência às responsabilidades do Estado para com a empresa, motivadas pelo facto de em 1984, o Governo de então ter inviabilizado uma solução encontrada pelos accionistas.

Tal solução consistia em integrar o processo de viabilização da Parry no da Lisnave, por transferência da gestão da primeira para a segunda.

Para a família Lacerda, «quem inviabiliza uma solução é porque tem outra».

A Parry and Son deve mais de um ano de salários aos seus cerca de 550 trabalhadores e o seu passivo ascende a três milhões de contos.

O IPE — Investimentos e Participações do Estado detém 48 por cento do capital da empresa, a Lisnave 42 por cento e a família Lacerda 10 por cento.

OPEP baixa a produção de petróleo

Os países membros da OPEP concordaram, segunda-feira, em situar o tecto de produção média de ramas petrolíferas em 16,7 milhões de barris diários para o ano de 1986, informaram fontes do cartel petrolífero, reunidas na cidade suíça de Genebra.

O comunicado emitido no termo da septuagésima sétima conferência ministerial da OPEP assinala que a produção acordada «é realista», tendo sido estipulada uma quota máxima de 16,3 milhões de barris diários para o terceiro trimestre do ano em curso e 17,3 milhões para o quarto trimestre.

Neste contexto, os ministros do petróleo da OPEP concordaram em proceder a ajustamentos graduais nas produções dos respectivos países, de molde a alcançar os níveis de produção acordados para o ano corrente.

A reunião extraordinária da OPEP, que decorreu em duas fases, durante 16 dias, decidiu ainda reeleger como seu presidente o ministro da Energia e Minas da Venezuela, Arturo Hernandez Grisanti.

A maioria dos países do cartel concordou com o reajustamento gradual das respectivas produções de petróleo e um grupo de nações (Indonésia, Kuwait, Nigéria, Arábia Saudita e Venezuela) foi encarregado de estabecer contactos com outros países produtores não membros da OPEP, no sentido de «tentar um acordo com vista á estabilizar os preços das ramas nos mercados» internacionais.

Por seu lado, cinco países não pertencentes à OPEP — Angola, Egipto, Malásia, México e Omã — manifestaram a intenção de cooperar no esforço comum de defender a estrutura de preços do cartel e «alcançar gradualmente o objectivo de restabelecer os preços de referência da organização para os níveis oficiais de 28 dólares por barril.

As últimas cotações do barril de petróleo nos mercados internacionais têm oscilado entre os 10 e os 15 dólares.

Enfermeiros recorrem à OMS

Os enfermeiros psiquiátricos portugueses vão pedir à Organização Mundial de Saúde que faça um inquérito às suas condições de trabalho — disse ontem à Anop o delegado sindical António Gamito.

A iniciativa foi aprovada em plenário de enfermeiros de cinco instituições psiquiátricas portuguesas reunido ontem em Lisboa, no Hospital Miguel Bombarda.

O plenário reivindicou a melhoria das condições de trabalho da sua especialidade e a implementação de uma nova política de incentivo à entrada de novos enfermeiros, explicou o delegado sindical dos enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda.

Sindicalistas do PSD organizam-se

A Associação Nacional de Sindicalistas Sociais-Democratas, aberta a dirigentes sindicais, deverá estar constituída até finais deste mês — afirmou José Veludo, do secretariado da UGT.

José Veludo, recentemente expulso do PSD por apoiar Mário Soares, acrescentou que cerca de uma centena de dirigentes sociais-democratas subscreveram já a sua ficha de membro da associação, que irá funcionar no Porto e cujo objectivo — disse — «é a formação e preparação de novos dirigentes sindicais, com base no ideário social-democrata».

Trabalhadores da CTM protestam

Os trabalhadores da CTM e CNN, extintas há cerca de um ano, exigem que o Governo desbloqueie verbas para pagamento dos diferenciais a que têm direito — disse hoje à Anop um dirigente sindical.

Os cerca de 5000 trabalhadores das duas empresas consideram que «o Governo agiu coactivamente ao obrigá-los a assinar um documento para pagamento de compensações e complementos de reforma, quando da extinção da Companhia de Transportes Marítimos e da Companhia Nacional de Navegação», acrescentou Manuel Lorigo, da Federação dos Sindicados do Mar.

Sofinloc ganhou 80 mil contos

A Sociedade de Leasing Sofinloc teve, em 1985, lucros antes de impostos de perto de 80 mil contos, segundo dados hoje divulgados.

A Sofinloc foi das primeiras empresas a constituir-se em Portugal no ramo do «leasing», ou locação financeira, actividade que consiste no aluguer de equipamentos a clientes — empresas ou particulares — que no termo do contrato, habitualmente ao fim de cinco anos, podem optar pela compra desses equipamentos mediante o pagamento do valor residual dos mesmos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$40	57$40
ALEMANHA FED. (marco)	66$05	67$25
ÁUSTRIA (xelim)	9$35	9$55
BÉLGICA (franco)	3$066	3$266
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	105$15	107$65
(notas de 5 a 1000)	105$65	108$15
DINAMARCA (coroa)	17$85	18$25
ESPANHA (peseta)	1$011	1$131
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	145$05	148$55
(notas de 5 a 1000)	145$55	149$05
FINLÂNDIA (marka)	29$20	29$70
FRANÇA (franco)	20$65	21$35
HOLANDA (florim)	58$50	59$60
IRLANDA (libra)	201$45	205$45
ITÁLIA (lira)	$088	$098
JAPÃO (iene)	$824	$854
NORUEGA (coroa)	21$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	220$20	224$75
SUÉCIA (coroa)	20$45	20$95
SUÍÇA (franco)	78$85	80$35
VENEZUELA (bolívar)	6$95	7$95

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Porto: os «golfinhos»

"Golfinhos" das Antas vão a França

Com uma equipa constituída por oito dos seus principais nadadores, o FC Porto estará presente, entre 2 e 4 de Maio, nos campeonatos internacionais de natação de Moulhouse.

Inserido no plano de preparação dos seus nadadores, visando a projecção internacional e a obtenção de mínimos para os próximos campeonatos do Mundo em Agosto, a representação do FC Porto estará confiada aos atletas Rui Borges, José Carlos Moreira, Sérgio Esteves e José Pedro Viana (no sector masculino) e Teresa Figueiras, Alexandra Silva, Alexandra Leal e Maria José Sá (no feminino).

De acordo com os critérios de classificação da alta competição da FPN, o nadador Rui Borges garantiu já a sua presença nos próximos campeonatos do Mundo, com a obtenção dos mínimos indispensáveis nos 200 e 400 metros estilos.

Leiria quer estádio melhorado

A Federação Portuguesa de Futebol poderá comparticipar na obra de arrelvamento do Estádio Municipal de Leiria. A substituição (reclamada há alguns anos pelo União de Leiria) só poderá principiar após o clube formular o pedido junto da FPF. De momento a Câmara Municipal de Leiria resolveu remeter o processo ao Departamento de Obras e Urbanismo para que seja elaborado o respectivo estudo. A concretizar-se a substituição do velho relvado da cidade do Estádio Municipal dr. Magalhães Pessoa (onde, recentemente, foi instalada a segunda melhor electrificação do país e um sistema sonoro de alta qualidade) o recinto constituirá um dos mais completos parques desportivos para a prática do futebol da zona centro do país.

Rali do Porto

Nova vitória de Moutinho

O Campeonato Nacional de Ralis teve a sua quarta jornada com a realização do Rali do Porto, organizado pela secção de desportos motorizados do clube das Antas, do qual saiu vencedora a equipa Joaquim Moutinho/Edgar Fortes ao volante de um Renault 5 Turbo.

Os vencedores dos agrupamentos de Turismo e Produção foram Pedro Sena em Peugeot 205 GTI e António Coutinho em Toyota Corolla GT, respectivamente.

Joaquim Moutinho não teve dificuldades de maior em vencer esta prova, conseguindo alcançar o melhor tempo em 6 das 7 provas de classificação, uma vez que Joaquim Santos, seu principal opositor, foi obrigado a desistir, devido a uma saída de estrada, ao bater com a traseira do seu Ford RS 200 numa ponte, o que o impossibilitou de continuar.

Carlos Bica, com falta de pneus no Lancia Rali 037, não foi capaz de fazer frente a Moutinhoo e fez uma prova completamente a parte, segurando o segundo posto da geral.

António Barros, que tinha alinhado neste rali num Renault 5 Turbo, habitualmente usado na velocidade, teve à sua mercê o terceiros lugar, mas, na segunda passagem pelo troço de Pejão, viu queimada a junta da culassa do seu carro, o que o obrigou a desistir.

Pedro Sena, pelo seu lado, também dominou como quis o Grupo de Turismo, aproveitando muito bem a potência do seu Peugeot GTI, bem, como o tipo de piso – asfalto – que lhe era propício. Além de uma brilhante prova efectuada no seu grupo, alcançou ainda o terceiro lugar da tabela de classificação.

Jorge Ortigão, Ramiro Fernandes e José Rodrigues, não aguentaram o andamento imposto desde o início por Pedro Sena, pelo que se limitaram em discutir entre eles o segundo lugar do Turismo.

À partida para a segunda secção, Jorge Ortigão apenas dispunha de uma vantagem de 1 segundo sobre José Rodrigues (Toyota Corolla) e 5 sobre Ramiro Fernandes (Fiat Ritmo Abarth). Tudo levava a crer que o duelo existente na primeira secção iria continuar durante a segunda. Tal não aconteceu, e Ortigão, mais experiente nestas andanças, começou a acelerar nos sítios certos e gradualmente foi-se afastando dos seus adversários, chegando ao Porto no lugar imediato a Pedro Sena.

Quanto à Produção, António Coutinho, à chegada das Termas de S. Vicente, ao volante do seu Toyota Corolla, possuía uma vantagem de 9 segundos sobre Bento Amaral que tripulava um Renault 5 Turbo.

Na classificativa seguinte, Bento Amaral trocou de pneus usando uns mais adequados ao estado do piso (sliks) e «voou» conseguindo ganhar 10 segundos a Coutinho, passando a partir daquela altura a liderar o grupo.

Quando parecia que Bento Amaral iria ser o vencedor do grupo na penúltima classificativa, viu-se com problemas na bomba de gasolina, o que o obrigou a parar na assistência, a fim de reparar a avaria. Esta paragem, custou-lhe uma penalização de um minuto, tempo suficiente para que Coutinho retomasse de novo o comando.

Bento Amaral ainda fez um «forcing» no último troço, conseguindo ganhar ao comandante cerca de 30 segundos mas era insuficiente para lhe roubar a posição cimeira.

Das 38 equipas inicialmente inscritas, partiram para a estrada 34, das quais apenas terminaram 27, numa prova que se desenrolou na zona de Castelo de Paiva e de Arouca, presenciada por largos milhares de adeptos do desporto motorizado, uma vez que o figurino escolhido pelos homens do Porto se proporcionava para o público nortenho, nomeadamente, o da cidade invicta, já que a distância até ao local não ia além dos 60 quilómetros.

Classificação final: 1.º Joaquim Moutinho/Edgar Fortes (Renault 5 Turbo), 1.27,09 s; 2.º Carlos Bica/Cândido Júnior (Lancia Raly) a 1,40; 3.º Pedro Sena/António Guerra (Peugeot 205 GTI) a 6,27; 4.º Jorge Ortigão/Pedro Perez (Toyota Corolla) a 6,43; 5.º José Rodrigues/Paulo Brandão (Toyota Corolla) a 7,34.

— Na sua agenda —

KARTING: o Motor Clube de Cantanhede promove o 9.º Circuito Vila de Cantanhede, a contar para a Taça de Portugal (nas categorias verde, branca e primavera) e, extra-campeonato, nas classes Inter 100 e Livre 125. Competições marcadas para os dias 3 e 4 de Maio. Revelam-se as autoridades da prova: José Regêncio, Claudino Romeiro, dr. António Cabeço e Luís Marques (comissários desportivos), Jorge Figueiredo (director da prova), eng. Luís Abrantes e António Cravo Santos (directores adjuntos), eng. Carlos Julião e Henrique Melo (comissários técnicos), António Forte e Alcino Pinto (secretários), Artur Fernandes e Francisco Santos (comissários de «boxes») e o médico dr. Jorge Figueiredo.

Ainda os incidentes do Rali Algarve-84

A Renault requere reabertura do processo judicial

A Renault Portuguesa requereu a reabertura do processo judicial referente aos incidentes registados no Rali do Algarve em 1984, anuncia aquela empresa em comunicado que salienta ter pedido a reabertura do processo no dia 16 ao delegado do Ministério Público junto do Tribunal de Monchique, **face ao aparecimento de factos novos** referentes aos incidentes que envolveram o piloto Joaquim Moutinho.

Aquela empresa automobolística salienta ter ficado «agradavelmente surpreendida» com as declarações de Miguel Oliveira, da equipa «Diabolique» (a que pertence o piloto Joaquim Santos, vencedor do rali de 1984) ao semanário «Motor». **O dr. Miguel Oliveira afirmou saber «tintim por tintim» todo o circunstancialismo e os responsáveis pela sabotagem de que foi vítima a equipa Renault-Galp no Rali do Algarve de 1984,** salienta o comunicado. «Dado que nem esta empresa nem as autoridades judiciais e policiais que investigaram o assunto lograram obter aqueles esclarecimentos, o processo encontrava-se arquivado a aguardar melhor prova», acrescenta a Renault, dizendo esperar «o desvendar das verdades detidas por esta nova testemunha», para «o esclarecimento deste caso que ensombrará sempre o desporto automóvel em Portugal».

Na penúltima classificativa (Monchique) do Rali do Algarve de 1984, Joaquim Moutinho, que era terceiro e que bastava ficar na segunda posição para se sagrar campeão nacional, foi obrigado a desistir depois de a sua viatura se ter imobilizado cerca de 7 quilómetros depois de começar o troço. Dissimuladas na terra foram encontradas quatro peças metálicas pontiagudas, que furaram os quatro pneus do Renault de Joaquim Moutinho, uma das quais ficou presa ao carro, provocando que Joaquim Moutinho descesse de primeiro a sétimo da classificação, por ter sofrido dois furos consecutivos.

Microscópio —

Judo:
Campeonato nacional

O Judo Clube de Portugal ganhou ao Judo Clube do Porto, por 2-1, no combate mais importante da segunda jornada do campeonato nacional de judo (equipas). Nesta jornada, o Sport Algés e Dafundo bateu o Judo Clube Odivelas, por 6-0, e o Centro Educação Fisíca das Forças Armadas derrotou o Clube Judo-82, do Porto, por 3-2.

Marcha Nacional de Montanha

O Clube de Montanhismo de Setúbal vai organizar a 8.ª Marcha Nacional de Montanha entre 26 e 27 do corrente na serra da Arrábida. Esta prova é realizada sob a égide da Federação Portuguesa de Campismo e caravanismo e é a mais importante actividade de montanha em Portugal. Terá a participação de desportistas (montanhistas) de todo o País em representação de clubes como, por exemplo, Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto, Clube de Campismo de Lisboa e outros.

Voleibol:

Seleccionadores escolhem

Os responsáveis pela selecção portuguesa de voleibol, na categoria de juniores-/masculinos, professores Rui Faria e Filipe Melo, escolheram 16 atletas, em representação de 10 clubes, para uma concentração nacional a realizar entre sexta-feira e domingo, no Colégio dos Carvalhos.

Carlos Marques e Pedro Cabeça (CDUL), Carlos Natário e Rui Silva (SC de Espinho), Miguel Soares (FC Porto), José Silva e Miguel Silva (Benfica), Armando Brandão e João Pereira (Académica de Espinho), Nelson Gomes e Nuno Correia (A. Académica de S. Mamede), Mário Santos (Colégio Rainha Santa Isabel), José Rebelo (Colégio de Lamego), João Costa (Esmoriz) e João Oliveira e Teodoro Neto (Leixões), foram os jogadores escolhidos.

Entretanto, exactamente no mesmo período e no mesmo local, decorrera uma outra concentração para a selecção portuguesa de juniores/femininos, para a qual foram convocadas 17 atletas em representação de sete clubes. Os responsáveis técnicos por esta selecção, professores Jorge Teixeira e Frois Reis, escolheram as seguintes atletas: Crisalida Gonçalves e Maria Clara Rodrigues (V. de Guimarães), Gabriela Silva e Rita Silva (Sebastião Silva), Inês Leitão, Constança Esteves e Ana Eiro (Colégio de S. João de Brito), Helena Jorge, Sónia Ungaro e Helena Vilarinho (Boavista), Sofia Vital (Escola Filipa Lencastre), Ana Pereira e Cláudia Soares (C. Desportivo da Póvoa) e Carmo Cunha, Marina Fangueiro, Suzana Sá e Rosa Couto (Leixões).

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

Faz-se saber que na Acção Especial de Despejo registada sob o n.º 1226 pendente na 2.ª Secção do 2.º Juízo desta Comarca que JOSÉ AUGUSTO TEIXEIRA, casado, residente na Amoreira, Fundeira, Pampilhosa da Serra e ROSALINA DE JESUS MATOS CARDOSO TEIXEIRA, viúva, como legal representante de seus filhos menores Elisabete Maria Cardoso Teixeira e Henrique Jorge Cardoso Teixeira, todos residentes na Rua Duque de Saldanha, n.º 62, 2.º Esq., Odivelas movem contra «DINAMIZAÇÃO-COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE BRINQUEDOS, LD.ª», com última sede conhecida na Rua A, à Rua D. João de Castro, Lote 3, frente, Ajuda-Lisboa, foi designado o dia 5 de Maio de 1986, pelas 14.30 horas, para a realização da tentativa de conciliação nos termos do art.º 972.º, alíneas a), b) e c) do Código de Processo Civil, pelo que esta ré é citada, editalmente, na pessoa de qualquer dos seus legais representantes para, comparecer pessoalmente, neste Juízo naquele dia e hora, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à aludida tentativa de conciliação nos autos supra identificados que à citanda são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da mesma na Secretaria deste Tribunal.

É ainda citada para, no caso de não comparecer qualquer das partes ou de não se obter acordo, contestar a acção no prazo de DEZ DIAS, a contar daquela data, finda a dilação de TRINTA DIAS, sob pena de condenação imediata no pedido, podendo, também, se caso disso, no mesmo prazo, finda a mesma dilação, deduzir em reconvenção o seu direito a benfeitorias ou a indemnização, não sendo motivo de adiamento a falta de alguma ou de ambas as partes, mas sendo o faltoso condenado em multa

Loures, 4 de Abril de 1986
O Juiz de Direito,
José dos Santos Martins
A Escrivã-Adjunta,
Vanda Maria Alexandre Cardana

D.L. 22/4/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

No próximo dia 15 de Maio, pelas 14 horas, neste Tribunal, nos autos de Carta Precatória para Arrematação em Hasta Pública, vinda da Comarca de Ovar, que a exequente Sicor - Soc Ind de Cordoaria, SARL, com sede em Cortegaça-Ovar move a Orlando Soares, comerciante, residente na Rua dos Barreiros, Lote 124, 1.º Dt.º, Vila Chã, desta Comarca, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo os seguintes bens móveis Móvel estante com 4 corpos, sendo um a fazer de bar-canto, de madeira, com várias prateleiras em vidro, jogo de maples, composto de um maple-cama e um maple-canto, um aparelho de televisão a cores, e uma mesa de centro em metal, tudo em bom estado de conservação.

Barreiro, 14 de Abril de 1986
O Juiz de Direito
a) Ezequiel Sanches Casanova

O Escrivão de Direito
a) Anibal Manuel P. Mira

«DL» – 22/4/86 — 2.ª Pub.

PONTA ESQUERDA

O tributo da juventude

Madureira, jovem guarda-redes do Salgueiros, felicita Manuel Fernandes no termo do jogo em Alvalade. Pelos vistos, o guardião de Vidal Pinheiro não excluía a vedeta de Sarilhos da sua selecção nacional

RTP no futebol europeu

A Radiotelevisão Portuguesa vai transmitir três finais de futebol nos primeiros dias de Maio. A primeira será no dia 2, a partir das 19.10, com a final da Taça dos Vencedores das Taças, entre o Atlético de Madrid e o Dínamo de Kiev, que se disputa na cidade francesa de Lyon; no dia 7, a final da Taça dos Campeões Europeus, (em Sevilha) entre o Barcelona e o Steaua de Bucareste, com início marcado para as 19.15 e finalmente, do Estádio de Wembley (Londres) no dia 10, a partir das 14 e 40, a final da Taça da Inglaterra.

Farense acautela futuro

O Farense começou a preparar a próxima época futebolística em que disputará a primeira divisão e, além de estar em negociações com os seus jogadores com vista à renovação dos contratos, procura novos reforços.

O virtual vencedor da Zona Sul da segunda divisão contará com cinco jogadores cedidos por empréstimo pelo Sporting e pelo Benfica. A notícia foi confirmada pelo presidente do Farense, Fernando Barata, que pretende manter a «espinha dorsal» da equipa que garantiu a quatro jornadas do fim, o regresso ao primeiro escalão.

O defesa sportinguista Andrade, ao serviço do Torreense é um dos futebolistas que na próxima época reforçará o plantel do clube algarvio e além dos britânicos Peter e.Rafferty e do brasileiro Jorge Andrade (todos com contrato por mais uma época) também Fortes e Nélson Borges deverão continuar em Faro. Os restantes futebolistas do plantel estão em negociações com o clube prevendo-se a manutenção de quase todos.

Além de Sérgio Barros (internacional júnior) também deverão continuar em Faro os ex-juniores José João e Julinho, e o guineense Ciro, que este ano termina o contrato com o Benfica.

Um resultado fora de moda

O jogo entre o Pro Pianella e o Elice, da 3.ª divisão do campeonato regional Abrucense, disputado domingo em L'Aquila, terminou com a vitória da equipa local por 47-1.

A esmagadora vitória (com a média de um golo em cada 1,54 minutos do jogo), permitiu ao até agora desconhecido avançado-centro Provincialli marcar 19 golos e estabelecer o recorde absoluto italiano de maior número de golos apontados por um jogador num único encontro.

Nápoles em risco de despromoção

As provas de corrupção no campeonato de futebol italiano em poder da magistratura de Turim estão a comprometer seriamente dois clubes da primeira divisão (Nápoles e Udinese) e um da segunda (Perugia).

O juiz Giuseppe Marabotto tem em seu poder gravações de três telefonemas entre o director desportivo do Udinese, Tito Corsi, e o «cérebro» do Totobola clandestino, Armando Carbone, personagem vinculada à «Camorra» (mafia napolitana).

Na terceira gravação, em que está em causa o encontro disputado em 24 de Novembro entre o Udinese e o Nápoles, que terminou 1-1 e em que Maradona foi expulso por agressão, tudo indica que o resultado foi «negociado».

A comprovar-se a culpabilidade dos três clubes, poderá acontecer que o Nápoles não participe na Taça UEFA, e que o Udinese, que descerá à segunda divisão, e o Perugia passem automaticamente ao terceiro escalão do futebol italiano.

Torres na hora do "esclarecimento":

"Sobre Manuel Fernandes não digo mais nada"

● *Oliveira (Benfica) rendeu Venâncio*

A preocupação fundamental de José Torres na escolha dos 22 futebolistas para o mundial do México foi poder contar com vários jogadores para o mesmo lugar — revelou o seleccionador nacional.

José Torres afirmou que tentou formar «um lote de jogadores que nos permita ter substitutos para um determinado lugar sem ter necessádade de arriscar com elementos que teriam de se adaptar» numa posição em que eventualmente fossem obrigados a alinhar «por isso temos pelo menos dois jogadores para cada posição» — acrescentou José Torres, durante um breve encontro com a imprensa no final de uma reunião num hotel de Lisboa em que estiveram presentes também o coordenador selecção, Amândio de Carvalho, o preparador físico Monge da Silva e os 22 «infantes».

Durante a reunião foi analisado o plano de trabalhos da equipa portuguesa e os prémios de jogo durante o mundial, tendo-se aproveitado também para tirar medidas para a confecção do vestuário da selecção lusa.

Confrontado com algumas críticas a que foi submetido por apresentar um conjunto alegadamente defensivo, com apenas três avançados de raiz, José Torres disse não estar preocupado com o facto.

«**Preciso é de ter jogadores que concretizem as situações e julgo que os reuni**» — disse o seleccionador português, recusando-se por outro lado a comentar a posição do presidente sportinguista sobre a exclusão de Manuel Fernandes. Sobre o assunto José Torres afirmou que já teve uma **conversa «bastante esclarecedora»** com o melhor marcador do nacional e que «o que tinha a dizer disse-o ao próprio Manuel Fernandes».

O técnico português referiu também que a lista de convocados pode ser alterada até 23 de Maio, no caso de algum dos seleccionados se lesionar, mas recusou adiantar o nome dos futebolistas «em lista de espera».

José Torres afirmou ser preferível designar um substituto para o lugar de algum convocado, como ocorreu com a chamada de Oliveira para o posto de Venâncio, afastado por não estar nas melhores condições físicas, do que convocar mais de 22 jogadores para depois ter de prescindir de alguns.

O seleccionador português lamentou a ausência de Jordão entre os convocados, considerando que o sportinguista tinha lugar certo entre os 22 futebolistas para o México se estivesse em melhor forma. Referindo-se a João Pinto, saído recentemente de uma grave lesão pulmonar, José Torres afirmou que apesar de o portista não estar numa forma óptima, o caso é diferente do de Jordão. **Tinha a obrigação de arriscar em João Pinto. Foi um jogador que deu tudo durante a qualificação, fazendo todos os jogos** — confessou José Torres, mostrando-se esperançado em que o portista recupere totalmente até ao Mundial.

Sobre a preparação da equipa portuguesa, o coordenador Amândio de Carvalho revelou que os jogadores do FC do Porto, Sporting e Boavista concentram-se na sexta-feira para banhos e massagens, esperando depois pelos futebolistas do Benfica e Belenenses, ainda interessados na Taça de Portugal, que deverão reunir-se aos seus companheiros na tarde do dia 30.

Durante o estágio em Portugal, os responsáveis pela selecção vão procurar que os jogadores se desliguem do que foi o campeonato nacional, tendo elaborado para isso um plano ligeiro, em que predominam os crosses e jogos recreativos. Segundo o preparador-físico Monge da Silva, no México **os jogadores vão enfrentar factores diferentes de altitude e temperatura** e vão deparar também com outro «quadro competitivo», pelo que «têm de se adaptar a uma nova situação».

A partida para o México terá lugar no dia 9 de Maio, via Francoforte, onde a comitiva pernoitará, estando a chegada a Saltillo prevista para a tarde do dia 10.

Segundo Monge da Silva, em terras mexicanas, a preparação dos portugueses terá em vista três aspectos: adaptação à altitude, treino intenso e velocidade e repouso activo. A adaptação à elevada altitude terá lugar exclusivamente em Saltillo, localizada a 1600 metros de altitude, e ocupará a primeira semana de estada no México. Depois, durante uma fase de treino intenso e de velocidade, a selecção portuguesa abandonará o seu «quartel-general» para disputar jogos de preparação em Monterrey (a cerca de 500 metros acima do nível do mar).

Finalmente, nos últimos dias antes do início do «México-86», os portugueses entrarão numa fase de «repouso activo», com sessões ligeiras destinadas a manter a forma entretanto adquirida.

Oliveira: um «repescado»

«Veja os jogadores que estão aqui e compare com os que estiveram em Estugarda».

Jaime Pacheco e Sousa confortam o companheiro Venâncio

Marítimo cumpre ameaça:

O "pacto" foi denunciado

O Clube Sport Marítimo do Funchal denunciou formalmente o «pacto» que subscreveu na anterior temporada futebolística com os clubes da primeira divisão nacional.

A atitude do Marítimo relaciona-se com a existência de contactos com vários dos jogadores que integraram esta época a equipa do Funchal, e efectuados por outras equipas da primeira divisão do futebol português, acrescentou a mesma fonte.

O presidente do clube, António Henriques, denunciou a existência de casos concretos e, anunciou que o clube «se sente agora livre de contratar os jogadores que entender para o seu plantel, na perspectiva de obter uma equipa que assegure a permanência na primeira divisão, sem sobressaltos».

Recorde-se que a adesão do Marítimo ao «pacto» dos clubes foi então criticada pelos círculos desportivos madeirenses, que responsabilizaram essa atitude do clube pelas aquisições para a sua equipa de futebol, que só na última jornada, com a vitória sobre o Vitória de Setúbal e beneficiando da vitória do Aves em Coimbra, assegurou a permanência na divisão principal.

João Jardim lança «alerta»

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, defendeu a necessidade da região «dispor de uma equipa devidamente preparada para a alta competição» futebolística.

Em declarações à RTP / Madeira, João Jardim reconheceu que o Marítimo do Funchal é a equipa indicada para esse objectivo, e defendeu a existência de apenas uma equipa madeirense na segunda divisão, «a funcionar como 'viveiro' de jogadores a integrarem posteriormente o plantel dos verde-rubros», tendo ainda admitido a necessidade de «rever o que se passa em relação à presença da Madeira no escalão secundário» e defendeu a necessidade de «serem tomadas as devidas precauções nas aquisições, que na próxima época vão reforçar a equipa do Marítimo». «A Madeira precisa de uma equipa na primeira divisão, pelo que agora há que pensar na Europa», concluiu João Jardim.

Gémeos e inseparáveis

Uma constante nas provas de atletismo em que participam os excelentes atletas do Sporting, Dionísio e Domingos Castro. Gémeos e dotados de iguais atributos para a prática da modalidade porque ambos optaram, a sua chegada à meta é normalmente feita lado a lado como ocorreu no passado domingo no «Frisumo» nortenho.

Mangualde: passo em frente

A Câmara Municipal de Mangualde vai investir, no corrente ano, cerca de 48 mil contos, na construção de um pavilhão gimnodesportivo. A obra, inscrita no plano de actividades para 1986, vai ser financiada pelo Estado em 60 por cento, através da Direcção-Geral do Equipamento Regional e Urbano (DGERU). A construção do pavilhão gimnodesportivo de Mangualde, que ficará propriedade do grupo desportivo local, deverá ter início em Agosto do corrente ano. Paralelamente, a autarquia de Mangualde irá construir um novo estádio, nas imediações do actual campo de futebol. Esse estádio terá um campo relvado, pistas de atletismo, bancadas para público e várias instalações de apoio.

Almada incrementa andebol

Depois do espectacular sucesso do 2.º Torneio Internacional Juvenil de Andebol Cidade de Almada, a Câmara Municipal da jovem urbe já prepara nova edição desta realização, que muito movimenta uma das modalidades mais queridas dos nossos adeptos desportivos. Desta feita, o êxito maior pertenceu às turmas do Exército Soviético e da Villa Avilez e à belíssima organização rubricada pelo Almada Atlético Clube.

Schuster "versus" Beckembauer

Futebolista "esclarece" diferendo

O futebolista internacional alemão federal do Barcelona, Bernd Schuster desmentiu ter pedido um milhão de marcos (cerca de 67 500 contos) para voltar a jogar no seu país.

Em entrevista concedida ao jornal alemão-federal «Bunte», Schuster declarou ser **«vítima de meias-verdades, mentiras e intrigas»** e considerou remota a possibilidade de voltar a jogar na RFA.

Notícias divulgadas pela Imprensa teutónica sugeriram que as tentativas do seleccionador Franz Beckenbauer em persuadir Schuster a disputar o «mundial» do México fracassaram parcialmente por exigências financeiras.

Schuster declarou ao «Bunte» nunca ter pedido dinheiro para jogar pela RFA, apesar de estar em negociações com uma firma de calçado para prolongar um contrato no valor de um milhão de marcos (cerca de 67 500 contos) e o acordo incluía uma cláusula asseguradora da presença de Schuster no Mundial do México.

O centro-campista alemão-federal considerou que Beckenbauer tem feito pouco pela selecção da RFA — **receio que a equipa seja afastada na fase inicial do México. Beckenbauer acatará o facto e regressará a Kizbuehel** (sua residência na Áustria) **para jogar golfe.**

Schuster acrescentou que gostaria de regressar à RFA para representar o Hamburgo na próxima época mas o Barcelona pediu 13 milhões de marcos (cerca de 937 mil contos) pela transferência, pelo que o futebolista alemão-federal tenciona agora cumprir o contrato com o Barcelona até 1988 e seguir para um clube suíço como «agente livre».

Futebol lá fora

Escândalo no "Olímpico" de Roma

Perto de 80 mil adeptos assistiram ao desaire inesperado do Roma, orientado por Eriksson, em casa frente ao modesto Lecce, por 3-2, num jogo que poderá custar a perda do título.

Com esta derrota, o Roma desceu ao segundo lugar da geral, com 41 pontos, ficando a dois pontos da Juventus quando falta apenas uma jornada para o termo da prova, sendo agora escassas as suas hipóteses de forçar o seu rival a uma finalíssima.

A Juventus obteve uma vitória tangencial (1-0) frente ao AC Milão, graças a um golo solitário do avançado dinamarquês Michael Ludrup, aos 62 minutos e perante uma multidão de 70 mil pessoas.

No estádio olímpico de Roma, os pupilos de Eriksson começaram bem, com um golo de Francesco Grazziani, aos sete minutos, mas tentos de Di Chiaro (34) e Barbas (40) colocaram os visitantes a ganhar 2-1 ao intervalo.

O escândalo rebentou, aos 53, quando Pascualli fez o 3-1, tendo o golo de Roberto Pruzzo para o Roma, aos 87, sido demasiado tarde para se tentar a recuperação.

O Roma defronta (fora) na última jornada da competição o Como, enquanto a Juventus desloca-se ao campo do Lecce, último classificado com 16 pontos, mas um potencial tomba-gigantes.

Só a derrota da Juventus frente ao Lecce e a vitória do Roma frente ao Como poderá colocar as duas equipas numa finalíssima para o título.

Bélgica:
Uma «negra» para decidir o título

Anderlecht e Brugges terão de disputar uma finalíssima, a duas mãos, para decidir o campeão belga de futebol, depois de terminarem as 34 jornadas da competição empatados, com 52 pontos.

Num inédito final de campeonato, as duas equipas venceram respectivamente, o Charleroi por 5-0 e Beerschot por 4-2.

Espanha:
Celta, Hércules e Valência baixam de divisão

O Real Madrid concluiu o campeonato espanhol de futebol da primeira divisão, com uma derrota por 5-3 com o Real Sociedad, mas venceu a competição com 11 pontos de avanço sobre o Barcelona.

Por outro lado, o seu avançado Hugo Sanchez conquistou pela segunda vez consecutiva o «Pichichi», troféu concedido ao melhor marcador do campeonato, com 22 golos.

Descem à segunda divisão Celta, Valência e Hércules.

Argentina:
campeonato termina a murro

O River Plate conquistou o campeonato de futebol da primeira divisão argentina com dez pontos de avanço sobre o Newell's Old Boys e o Desportivo Espanhol.

No jogo da última jornada o River Plate foi empatar ao campo do Platense a quatro golos, e durante a partida pelo menos oito pessoas ficaram feridas em incidentes entre adeptos dos dois clubes.

Por outro lado, só hora e meia após o termo do encontro, a comitiva do River Plate conseguiu sair dos balneários escoltadas por cerca de 30 polícias.

Também no jogo Huracan -San Lorenzo, se verificaram incidentes entre adeptos dos dois clubes, que provocaram ferimentos em dois polícias, que foram internados no Hospital Churruca e permanencem «em observação».

Seleccionador escolhe:

O técnico argentino de futebol Carlos Bilardo divulgou a lista dos 22 jogadores convocados para a fase final do «mundial» de futebol no México.

As ausências significativas na lista de convocados foram as do guarda-redes veterano Ubaldo Fillol e o médio Juan Barbas, com 27 internacionalizações.

A selecção argentina é a seguinte: **Guarda-redes:** Hector Miguel Zelados, Luís Alberto Islas, Nery Alberto Pumpido; **Defesas:** Cuciuffo, Nestor Clausen, Garre, Oscar Ruggeri, Brown e Daniel Passarella; **médios:** Olarticoechea, Sergio Batista, Bochini, Giusti, Burruchaga, Diego Maradona, Hector Enrique, Trobbiani, Carlos Tapia; **avançados:** Juan Valdano Sergio Almiron, Pasculli e Borghi.

Futebol de salão:

Torneio Internacional em Paço de Arcos

O crescente apoio dado pela Comunicação Social ao futebol de salão foi pretexto para um convívio idealizado por José Eduardo (presidente do Sindicato dos Profissionais de Futebol e componente da empresa proprietária do «Páteo Alfacinha» e exploradora das Salas Ogival e Cisterna, do Castelo de São Jorge).

José Eduardo, que comandou tecnicamente as primeiras deslocações a Espanha e ao Brasil de turmas representativas da Associação de Futebol de Salão de Lisboa (a cujos destinos preside Eduardo Ramos) voltou recentemente a terras brasileiras, desta feita para apresentar a formação do «Páteo Alfacinha» (uma das mais cotadas do nosso país) que participou no «Mundialito» de clubes, realizando boas exibições e, acima de tudo, subindo mais um degrau na escala internacional: em termos de experiência e prestígio. «Isto porque caímos quase de pára-quedas entre equipas altamente profissionalizadas, com um nível técnico espectacular: e nós que não gastámos um tostão com qualquer jogador, que somos rigorosamente amadores, na mais ampla dilatação do termo...» — comentou José Eduardo, acrescentando: «O Brasil já tem 40 anos de futebol de salão: por cá, em termos regulamentados internacionalmente e segundo as regras da FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) damos os primeiros passos, o que não impede casos verdadeiramente valorizadores: Raul José, que já tinha participado na primeira deslocação ao Brasil, voltou a ser considerado 'jogador-revelação' neste torneio e até recebeu convite para integrar a equipa espanhola 'Interviú' (vice-campeã mundial e altamente profissionalizada) o que (considera José Eduardo) é profundamente honroso para o atleta, para a sua equipa e para a generalidade do nosso futebol de salão, a mais jovem modalidade desportiva praticada no nosso país».

Sabe-se, já, que Raul José vacila: e talvez vá (mesmo) jogar em Espanha. Brevemente irá visitar as instalações desportivas da «Interviú» (em Madrid). Mas, antes disso, será (certamente) uma das «estrelas» do Torneio Internacional que, de 9 a 11 de Maio, se vai efectuar em Portugal. Nessa prova estará uma formação brasileira: a Bradesco (actual campeã mundial a nível de clubes) ou a «Perdigão» que possui cinco jogadores da selecção brasileira (titular mundial entre países).

Todos os jogos deste Torneio Internacional vão ocorrer no Pavilhão de Paço de Arcos, com um dos encontros a transmitir pela RTP. «Para esta realização (salientou José Eduardo) contribui o magnífico apoio da Câmara Municipal de Oeiras».

Quanto ao futuro da modalidade, José Eduardo considera que, a muito breve tempo, «haverá fusão entre a FIFA e a FIFUSA, duas federações já em clivagem decrescente: o melhor exemplo está na organização conjunta do próximo «Mundial» de Futebol de Salão, marcado para o ano próximo, na Austrália».

«E, em relação ao nível nacional, esperamos o grande salto, que (forçosamente) terá de ser dado com a ajuda dos símbolos futebolísticos mais populares, dispondo de pavilhões e com uma facilidade enorme de captação de novos valores. De momento, o futebol de salão subsiste com o apoio de firmas e marcas, empresas ou estabelecimentos que notam ser óptimo complemento do trabalho diário para todos os seus empregados. E o caso do 'Páteo Alfacinha' que, inclusive, está já a erguer o seu pavilhão gimnodesportivo na Malveira.»

José Eduardo concluiu:

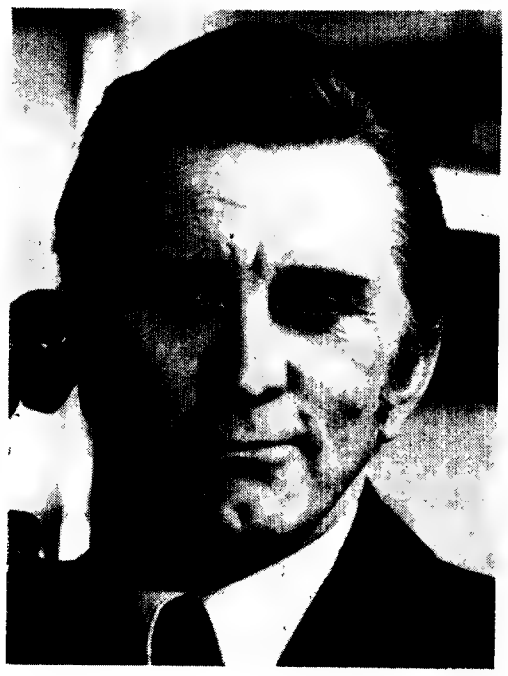
«É mais uma aposta no futuro do nosso futebol de salão que, desde Eduardo Ramos a Eusébio, José Manuel Torcato a Manolo Vidal, dos doutores Branco do Amaral e José Feio até ao antigo 'internacional' Manuel Rodrigues, tem um grupo de entusiastas que encontra eco na generalidade da Comunicação Social. Por isso aqui estamos reunidos.»

Uma festa bonita. No castelo que domina a cidade, como o futebol de salão já tomou de assalto milhares de praticantes envolvidos no primeiro campeonato nacional de uma variante do jogo-rei que tem suporte para viajar sem tutelas.

Colectividades

Sport Algés e Dafundo

Comunicado-moção que o Sport Algés e Dafundo deseja tornar público: «Os sócios do Sport Algés e Dafundo (clube com 70 anos de existência, muitos milhares de associados, baluarte do desporto amador com muito especial incidência na natação, mas não apenas), reunidos em assembleia geral extraordinária, em ocasião difícil da vida associativa, entendem que é o momento das entidades oficiais que superintendem no Desporto manifestarem à colectividade o seu reconhecimento, apoiando-a na actual emergência, de forma a superar a grave crise que atravessa».



Kirk Douglas

Chu-Lin, o panda de Madrid

Vittorio Gassman

Steven Spielberg

De Douglas a Gassman

Como vai essa "gente internacional"?

Kirk Douglas

O actor norte-americano Kirk Douglas está a desenvolver uma campanha a favor do bem estar dos idosos.

Kirk, de 68 anos, está a desenvolver a sua campanha através do telefilme «Amos» e recentemente compareceu como testemunha em Washington durante um estudo do Congresso norte-americano sobre as condições de vida da terceira idade. Kirk declarou que foi enquanto se documentava para o telefilme que se apercebeu dos problemas dos idosos.

Nesse telefilme foca-se o mau trato de que são alvo os idosos em instituições geriátricas dos Estados Unidos.

Chu-Lin

Chu-Lin, o panda do Jardim Zoológico de Madrid, não é certamente «gente», mas é «internacional», pelo que merece algumas linhas sobre o seu estado de saúde.

O director do Jardim Zoológico de Madrid, Tomás Cerdán, afirmou que o mal de que Chu-Lin sofre, diabetes insípida, é preocupante mas não irreversível. Existe medicamentação adequada, se bem que no caso de Chu-Lin a coisa se complique um pouco mais, dado que não existem precedentes desta doença em animais da sua espécie. Crê-se que o tratamento a que o panda está a ser submetido é o adequado, uma vez que o seu estado não se tem agravado, mas há que aguardar e ver a evolução do seu estado.

Ao jardim zoológico madrileno chegam entretanto diariamente numerosas cartas de crianças de toda a Espanha, que querem saber como está Chun-Lin.

Barbara Bel Geddes

A actriz Barbara Bel Geddes, a «Ellie Ewing» da série «Dallas», está a obter um grande êxito na Alemanha Federal.

À sua chegada a Berlim Ocidental, onde se deslocou para receber o prémio que lhe foi atribuido por um prestigioso semanário, foi recebida por admiradores que a rodearam pedindo-lhe autógrafos. Barbara Bel Geddes nem queria acreditar e assinou pacientemente todos os autógrafos que lhe pediram.

Na ocasião, disse também que os seus problemas de saúde tinham desaparecido, após várias intervenções cirúrgicas.

Nabila Khashoggi

Nabila Khashoggi, a filha do conhecido magnate Adnan Khashoggi, parece ter-se entregue à tarefa de aumentar os milhões de seu pai.

Aos 23 anos, Nabila é já o «braço direito» do pai e presidente de várias empresas do «holding» familiar. No entanto, é de opinião de que só a trabalhar, sem se permitir qualquer diversão, em breve se tornaria uma jovem aborrecida.

Por isso, de vez em quando, permite-se uma saída nocturna. A última vez que foi vista em público estava acompanhada de um estudante de medicina, o italiano Ferdinando Spagnuolo, hóspede da família Khashoggi na sua residência de Manhattan, em Nova Iorque.

Steven Spielberg

Steven Spielberg, talvez o cineasta de mais êxito e mais rico da actualidade, assinou um contrato com a cadeia de televisão norte-americana NBC para rodar uma série intitulada «Histórias surpreendentes».

O criador de «Indiana Jones» e «E.T.» deverá filmar 44 episódios, o que equivale a dois anos de emissão, e conta com um orçamento de 44 milhões de dólares, o que constitui recorde para uma série televisiva.

«Histórias surpreendentes» basear-se-á numa criação de Rod Serling, «Dimensão desconhecida», rodada nos anos cinquenta e de que Spielberg é grande admirador.

Dada a categoria e fama do realizador, o volume do orçamento e tudo o resto, calcula-se já que o êxito de «Histórias surpreendentes» deixe para trás séries como «Dallas» e «Dynasty»...

Sasha Stallone

Sasha Stallone, mulher do actor norte-americano Sylvester Stallone, vai receber uma das maiores indemnizações por divórcio na história do cinema: nada mais nada menos que 12 milhões de dólares.

Esta verba resultou de um acordo entre Sasha e o actor. Ela ficará também com a enorme casa de Beverly Hills e a custódia dos dois filhos do casal, Sage, de nove anos, e Serge, de seis e autista. O pai promete igualmente pagar todas as despesas com os filhos.

Tudo isto para que o actor possa casar-se com a modelo sueca Brigitte Nielsen, com quem vive já há alguns meses.

Vittorio Gassman

O actor italiano Vittorio Gassman vai interpretar o papel do fidaldo D. Quixote de la Mancha num filme de Mario Monicelli. O seu escudeiro Sancho Pança será o actor Alberto Sordi. Gassman exprimiu publicamente o seu agradecimento a Monicelli, «que por fim lhe permitiu fazer bons filmes depois de muitos anos como actor de teatro».

O actor confia em que o filme, que deverá ter como título exactamente «D. Quixote», seja um êxito.

Óscar Martin

EFE/DL em exclusivo para Portugal

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 771158 — 1000 LISBOA

SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?
É uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.ª 4.ª 6.ª as 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMODÔVAR

ANÚNCIO

Execução Ordinária n.º 30/79

Por este Tribunal, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Maria d'Assunção Colaço Fernandes e José Colaço Botelho Fernandes, o primeiro residente no Monte das Guedelhinhas da freguesia e concelho de Almodôvar e o segundo residente em Almodôvar, para no prazo de dez dias, posteriores àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Manuel Agostinho Serra, residente em Ermidas Sado.

Almodôvar, 14 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
Eugénio Martinho Sequeira

O Escrivão Adjunto,
António José Paixão Baroa

«DL» — 22/4/86 — 2.ª pub.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO
TEATRO
VASCO SANTANA
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR
CESÁRIO QUÊ?
TEXTO E ENCENAÇO DE:
LUZIA MARIA MARTINS
CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA. FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA
Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

teatro da cornucópia
CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS
A SONATA DOS ESPECTROS
ESTREIA AMANHÃ
De 3.ª a sábado às 21.30 h
Domingo às 16 h
2.ª-feira – Descanso.
De terça a quinta – preços reduzidos
no TEATRO DO BAIRRO ALTO
R Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.. 66 15 15/66 92 05

Na Bienal Universitária

Trovante ao vivo em Coimbra para estrearem novo album

O grupo Trovante vai estrear, ao vivo, no espectáculo de abertura da Bienal Universitária de Coimbra, o seu mais recente trabalho, «Sepes».

Nos dias 2 e 3 de Maio, a partir das 21,30 horas, o grupo estará no palco do Gil Vicente, onde apresentará pela primeira vez, as suas mais novas criações: «Como Quem Não Quer a Coisa», «Aerograma», «Deixa lá», «Fim» e «O Viandante», entre outras.

A presença do Trovante na abertura da Bienal reflecte, simultaneamente, o lugar de destaque que o Festival assume no panorama cultural português e a atenção que a sua organização dispensa a outras áreas artísticas exteriores ao teatro, que constituem, como se sabe, o programa central da iniciativa.

Após dois anos sem editar qualquer disco, «Sepes» vem rotulado como um salto qualitativo no processo de composição do grupo que toca, neste trabalho, temas que são ainda geralmente considerados tabus, como a guerra colonial.

A Bienal propriamente dita

Do programa musical da Bienal Universitária, que decorrerá até ao dia 11 de Maio, é de salientar, ainda, os espectáculos com António Pinho Vargas, David Gausden, grupo cabo-verdiano Sossabe, Tuna Académica (Grupo de Música Antiga), Academia Monteverdi, sapateado e a presença do polaco Kaczmarek. O jazz, a música experimental, clássica e popular completam, assim, o painel musical do programa.

A Igreja de Santiago, a Capela da Universidade, Gil Vicente, Espaço Convívio (que será nas instalações da Cooperativa Cultural Ágora de Coimbra) e o Jardim da Associação Académica são, por sua vez, os palcos escolhidos para aqueles espectáculos.

De referir, entretanto, que estão já confirmadas as presenças, em Coimbra, de grupos de teatro de nove países, cuja apresentação constitui o pólo central da Bienal.

As Artes Plásticas, o cinema e o video complementam, por outro lado, o extenso e diversificado programa do Festival.

Face aos inúmeros espectáculos que durante os dez dias estarão em cena na Bienal, e visando facilitar, aos mais interessados, a entrada em todos eles, a organização decidiu pôr à venda um lote limitado de assinaturas para o Festival, cujo preço é bastante compensador, sobretudo por aqueles que pretendem seguir de perto as múltiplas iniciativas da Bienal.

Anne Ubersfeld: atelier em Coimbra

A conhecida semióloga teatral francesa, Anne Ubersfeld, vai dirigir, em Coimbra, um «atelier» sobre análise de textos teatrais e dramaturgia. O estágio, que será efectuado em regime intensivo, vai decorrer entre os dias 25 e 28 de Abril, nas instalações do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

O «atelier», que aceita inscrições de todo o País, terá o máximo de 40 participantes que irão trabalhar à volta do texto «L'Échange», de Claudel.

Considera-se, por isso, indispensável, a familiarização prévia dos participantes com aquele texto (no original), assim como se aconselha a consulta da obra «Lire le Théatre», de Anne Ubersfeld, com especial incidência no capítulo dedicado ao «Discurso Teatral».

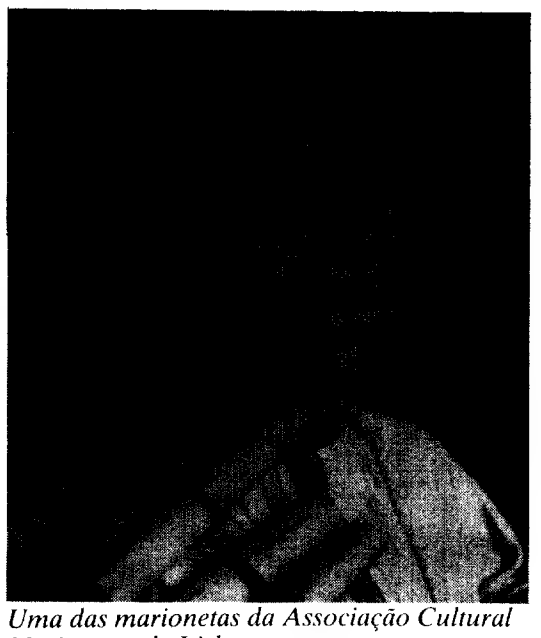
Professora na Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris), Ubersfeld coordena os seguintes domínios de investigação: «Século XII francês», «Época Romântica Europeia», «Teatro do Século XX», «Teatro Alemão Contemporâneo», «Teatro da Ásia», «Escritura Teatral» e «Semiologia». É, sobretudo, conhecida, pela suas obras marcantes na semiologia do teatro, que fornecem aos diversos tipos de comentadores, meios para analisar o fenómeno teatral.

A realização do «atelier» faz parte do programa da Bienal de Teatro Universitário de Coimbra — V Semana Internacional de Teatro Universitário. Ao integrar o festival que decorrerá, naquela cidade, entre os dias 2 e 11 de Maio, o estágio insere-se na chamada «área de formação», que constitui, aliás, uma das novidades da edição deste ano da bienal.

A ideia de abranger, também, o domínio da formação, parte de uma leitura dos factores de crise do teatro português que, em nossa opinião, são essencialmente dois: a formação de público e a qualidade dos espectáculos. Dentro deste espírito, o «atelier» procurará dar resposta às necessidades dos práticos de teatro, melhorando o apetrechamento técnico-teórico das equipas de produção teatral e, também, aos estudantes e professores que se vêem a braços com a abordagem de textos teatrais.

Os interessados em participar no estágio devem fazer a respectiva inscrição por escrito para Bienal Universitária de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 COIMBRA, ou para o telefone 29125.

ROTEIRO CULTURAL



Uma das marionetas da Associação Cultural Marionetas de Lisboa.

Teatro

● A **Associação Cultural Marionetas de Lisboa** estreia esta noite a sua terceira produção, «O Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente. O espectáculo tem marionetas e cenário de José Carlos Barros, música de Paulo Brandão, luminotecnia de Luís d'Almeida, execução de figurinos de Virgínia Rico e a direcção é de Carlos Cabral. A manipulação e vozes são de Ana Costa, Carlos Varela, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho, a execução musical de Fernando Guê e a contra-regra de Cristina Pereira. A partir de hoje e só até 11 do próximo mês vai estar em cena este auto vicentino na Sala Experimental do Teatro Nacional de D. Maria II, de terça a sábado pelas 21.45 e aos domingos às 16.30

● A outra estreia da noite é no Teatro Aberto, onde o **Novo Grupo** apresenta o seu nono espectáculo, «Volpene», de Ben Jonson. O autor, contemporâneo de Shakespeare, tornou-se célebre através das suas «comédias de humor», que foram o coroar da grande época da dramaturgia inglesa. O classicismo de Jonson aumentou o seu prestígio e John Dryden considerava-o em pé de igualdade com Shakespeare. A peça, que estará em cena a partir das 21.30 horas, tem encenação e versão cénica de Noberto Barroca, cenários e figurinos de José Costa Reis, música de Paulino Garcia, arranjos e direcção musical de José Beato. A interpretação está a cargo da Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Música

● Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, o Teatro Municipal de São Luiz está a ser palco, todas as terças-feiras, a partir das 18.30 e durante uma hora, e até 3 de Junho, do ciclo «Música ao Fim da Tarde», dedicado à **vida e obra de Beethoven**, sob a direcção artística do maestro José Atalaya. Assim, esta tarde o pianista Bom de Sousa interpreta a Sonata op. 7, em mi bemol maior e a Sonata op. 10, n.º 3, em ré maior.

● Entretanto, no Porto, continua o 1.º Festival Intercéltico, hoje, pelas 21.30 horas, no Auditório Carlos Alberto, onde **Andy Irvine**, da Irlanda e o grupo português «Vai de Roda» realizam um espectáculo.

Conferências

● O dr. Alberto Arons de Carvalho, membro do Conselho de Imprensa e assistente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa, realiza esta tarde, às 18.30, no Auditório Dois da Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41-2.º) uma conferência-debate sobre o tema «Liberdade de informação e Televisão privada». Nesta cofe-rência-debate, integrada na série «3.ªs-feiras da SLP». Arons de Carvalho, a partir da observação de que toda a Europa impediu a Televisão privada até há poucos anos e que o monopólio estatal de Televisão está a acabar, lança as seguintes três interrogações: as experiências de Televisão privada põem em causa o serviço público de Televisão? Que garantias de independência deve ter esse serviço público? Pode-se falar em liberdade de informação sem haver Televisão privada?

● No Espaço Poligrupo/Renascença (R. Ivens, 14, em Lisboa), realiza-se esta tarde, pelas 18.30 horas, a apresentação do livro «Jogos Crepusculares», de **Ilda David**, com texto de Alexandre Melo e João Pinharanda. Simultaneamente è inaugurada a exposição dos guaches originais e de duas pinturas recentes.

CINEMAS

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA». Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET. Em exibição no Estádio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70
JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
SINDROMA DA CHINA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
SEXO FRACO... JOGA FORTE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
SKY PIRATES – A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 19 e 21.30 h

Cineboloco
— T. 556824
O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
FINALMENTE A PRIMEIRA VEZ
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
ZONA DE PERIGO
(maiores 16 anos)
14.45, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O CLÃ NEGRO ATACA
(não ac. a m. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca
CANCIONES PARA DESPUES DE UMA GUERRA/1977
18.30 h
PASCUAL DUARTE/1975
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O DRAGÃO DE FERRO
(n. ac. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio AC S
— T. 887255
O MISTÉRIO DE GORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
ROCKY IV
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
16, 19 e e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037
OS INVASORES EXTRA-TERRESTRES
(não acons. 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maires 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Imperio
— T. 555134
SKY PIRATES — A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
JOÃO BRONCAS AVANÇADO FURA TODOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
AS FANÁTICAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE
(m. 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
EMMANUELLE NEGRA - N.º 2
(int. 18 anos) 24 h

Politeama
T. 326305
SKY PIRATAS — A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
CELEBRES E RICOS
(maiores 16 anos) 00.45 h

Sala 2
O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
OS SELVGES DA NOITE
(m. 16 anos)
00.45 h

Sala 3
O HOMEM DE MAIORCA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O TUBARÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
RUMBLE FISTO — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

N'Cola
— T. 573407
HO! AMIGOS MEUS (Parte II)
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
A MÁSCARA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 126 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O SILÊNCIO DAS MULHERES VIOLADAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
DOIS AMORES UM DESTINO
(n. acons. a m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «Um domingo diferente», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O encontro», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Espiões como nós», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Silverado», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso
ESTÚDIO DOIS EME — «Rambo — A vingança do herói», às 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Bolero», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «Cotton Club», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Caça-polícias», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Carmen» 15.30 e 21.30 h (maiores anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «A Chateline», às 15.30 e 21. (maiores 6 anos)
OXFORD — «A Floresta meralda», às 16.00 e 21.3 (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Amadeus», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALMADA — Incrível — «Vingança Selvagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Vingança jurada», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maioes 12 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Indiana Jones e o tempo perdido», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 12 anos).
Sala 2 – «Custou, mas valeu», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Os bandidos das B.M.X.», às 16.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – «Oficial e cavalheiro», às 21.15 h (não acons. men. 18 anos)
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «As Invencíveis Amazonas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «O sol da meia-noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «Depois da queda de Nova York», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Os salteadores da selva perdida», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CINE-OCEANO – «Sem deixar rasto», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **AREEIRO: Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDADE: Salutar**, R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 533411); **GALINHEIRAS — CHARNECA -LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **QUINTA DA LUZ -CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 101 (T. 687949); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **PONTINHA: Pimentel**, A. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328; **QUINTA DO MENDES -ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO — ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO -ESTEFÂNIA: Délio**, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: CosMos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BENFICA -BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CHELAS - JUNTO À AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas. **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, Rua Boa Vontade, 18-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 22132). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VeLHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 2801070). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul. Permanente; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRAO: Cristina**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso de Albuquerque, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«**QUASE POR ACASO UMA MULHER**», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«**E o GODOT SEMPRE CHEGOU**», de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**JOGO DE LOUCOS**», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**

O 1.º Acto Clube de Teatro

Palácio dos Anjos, Algés

Às sextas e sábados, às 21.30

«**O NOIVADO NO DAFUNDO**», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caedos.

«**O ILUSTRE CONFERENCISTA**», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caedos.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«**AS VIAGENS DO FERRO-VELHO**», de Alvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«**UNE PUCELLE POR UN GORILLE**», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

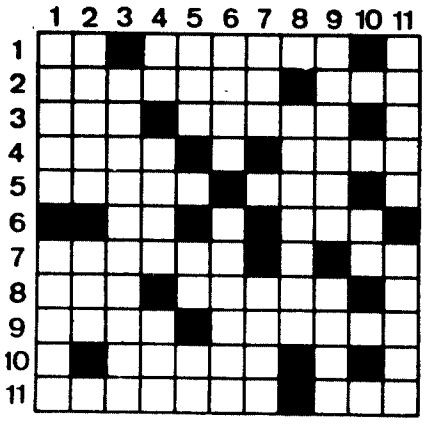
«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 711

HORIZONTAIS:

1 Preposição e artigo. Mais bom.
2 Cidade da Turquia. Porto do Japão.
3 Membro de ave. Nome de cruto.
4 Montão. Rangífer (inv).
5 Vírgulas dobradas. Conselho de Segurança Nacional (abrev).
6 Brisa. Navegador português que descobriu a foz do rio Zaire.
7 Chuviscos. Sentidas condolências.
8 Ave da família dos láridas. Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
9 Alcoviteira. Aloja em tendas.
19 Cidade do NO da Síria.
10 Restos mortais (pl). Primeira das duas paoavras que formam o nome de uma cidade da China.



VERTICAIS:

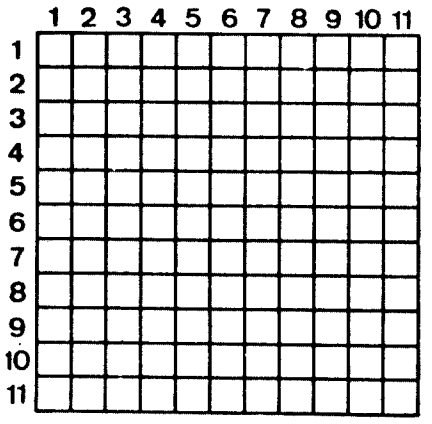
1 Cidade do Iraque. Cão pernalto e esguio.
2 Um gosto no meio de muitos dissabores. Preposição.
3 Lâmpada pequena (pl).
4 Miriare. Ilha do Pequeno Belt. Fileira.
5 Letra grega. Nesse lugar. Espera deferimento.
6 Cidade do Peru. Foge do perigo.
7 Tempo do verbo haver. Ferro temperado (pl).
8 Ganhara ranço.
9 República da África Central. Cidade da URSS.
10 Osmio (s.q). Artigo definido.
11 Mamífero roedor muito veloz na carreira. Prémio Nobel da Fisiologia e Medicina em 1945.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 548

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Inglaterra. Aqui
2 Pronome pessoal. Bradaram.
3 Nome de flores. Gavinha.
4 Fécula de mandioca usualmente preparada em forma granulada, muito alimentícia.
5 Exclusivo. Vila e concelho do distrito de Viseu.
6 Dádiva. Em a. Em mais alto grau.
7 Nome de mulher. Tempo do verbo dizer.
8 Pronome reflexo. Isto é. Nome de letra
9 Torturar.
10 Prevenis.
11 Recusa. Língua dos moabitas.



VERTICAIS:

1 Ilhas do oceano Atlântico a NE das Antilhas, pertencente à Inglaterra. Prefixo de privação.
2 Gavinha. Elegia.
3 Compaixão. Irmão do pai.
4 Designação genérica das plantas herbáceas (inv). Ninhos.
5 Retorquiram.
6 Antes de Cristo. Autores. Voz do Gato.
7 Juramentos. Pondera.
8 Duas vogais desiguais. Cidade dos Estados Unidos.
9 Continuai. Cidade de Espanha.
10 Óxido de cálcio. Oásis.
11 Carinhosa. Artéria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 710**

HORIZONTAIS:

1 ANTES. Bouça.
2 Móis. VERGAR.
3 Aspa. Ará.
4 Geadas. Em.
5 Oco. Rirá. Cá.
6 Ro. Atordoar.
7 Ar. Pisai. Sá.
8 Amor. Sol.
9 Ar. It. Id.
10 Ítaca. Gas.
11 Samarrão.

VERTICAIS:

1 Amadora. Que.
2 No. Cora.
3 Tiago. Mais.
4 Esse. Aporta.
5 PARTIR. Am.
6 Vadios. Iça.
7 Be. Arrastar.
8 Or. Sadio.
9 Uga. Liga.
10 Carecas. Dão.
11 Aramaram.

PROVÉRBIO: Antes vergar que partir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 547**

HORIZONTAIS:

1 Demiti. Sana.
2 Erato. Laval.
3 Nódoas. Movi.
4 VS. Miais. AC.
5 Te. Uru. Li.
6 Réu. Lincha.
7 RR. Aar.
8 Beijo. Pr.
9 Abaixaremos.
10 Duclos. Rem.
11 Suo. Imanar.

VERTICAIS:

1 Denver. Bad.
2 Eros. Erebus.
3 Mad. Turiacu.
4 Itome. Jiló.
5 Toai. Coxo.
6 Saul. Asi.
7 Iria.
8 Samsun. Pera.
9 Avô. Carmen.
10 Navalha. Omã
11 Aliciaras.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento;--**21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal; **00.00**: Gente gira; **02.00**: A arte de bem madrugar. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Sopranos célebres; **17.00**: Integrais; **17.30**: O Quinteto de Sopro de Filadélfia; **18.00**: Suite, n.º 1, em dó maior, BWV 1066, de Bach; **18.40**: Pianistas portugueses; **19.40**: Música, de Johannes Brahms; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música de câmara; **22.00**: Música portuguesa; **22.35**: Música, de Olivier Messiaen; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando. Noticiários de hora a hora.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional. Noticiários de hora a hora.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos
A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Arca de Noé» e «Era Uma vez — A Boneca Perdida».

18.45 — País, País

19.15 — Jazz para Todos
Participam neste programa Maria Viana, Fredo Mergner, João Maló, Telmo Palma, Carlos Vieira, José Duarte, Monteiro Costa, Dizzy Gillespie e James Moody.

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete
«A Imprensa»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.33 — Direito de Antena
Espaço reservado à Associação Portuguesa de Assistentes Dentários

20.40 — Corpo a Corpo
(Episódio n.º 31) Alice conta a Cláudio todo o plano de Lúcia. Eloá e Osmar brigam. Alfredo conhece Rafael, na festa. Os dois conversam, mas Alfredo não gosta dele. William diz a Lúcia que nem pensa em casar com ela nem com ninguém. Teresa sai de casa e tem um encontro com um homem desconhecido.

21.25 — Apresentação Prévia das Canções Concorrentes ao Festival Eurovisão 1986.
1.º Luxemburgo (RTL); 2.º Jugoslávia (JRT); 3.º França (ORTF/AF); 4.º Noruega (NRK) e 5.º Inglaterra (BBC).

21.50 — Programa da Direcção de Informação

22.50 — Estranhos Poderes de Arthur C. Clark
(4.º Episódio) Há mais de sete séculos que os católicos veneram um grupo reduzido, embora cada vez maior, de pessoas que aparentam sangrar com feridas semelhantes às de Jesus Cristo na cruz. «Os estigmas assemelham-se às feridas dos quadros e dos crucifixos existentes nas igrejas frequentadas pelos estigmatizados.
«Mas não são originados por canivetes ou unhas, como alguns cépticos afirmam, mas por um instrumento bem mais cortante... O cérebro humano» conclui Arthur Clarke. Produção: Adam Hart-Davis. Produtor Executivo: Simon Welfare. Realização: Charles Flynn.

23.15 — 24 Horas

23.40 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados
«As Vidas Secretas de Waldo Kitty»

20.00 — Videopolis

20.35 — Falar de Macau
«O Homem de Triciclo»

21.00 — Sessão das Nove
«Cristo Proibido». Um prisioneiro de guerra volta a casa para vingar a morte de seu irmão, morto pelos alemães devido a uma denúncia. Um seu amigo assumirá a responsabilidade da traição, embora não tenha sido ele o delator.

Curzio Malaparte (Kurt Suckert — 1898-1957) foi um dos mais importantes intelectuais da primeira metade do século 20. Escritor, jornalista, dramaturgo, tem em «Cristo Proibido» o seu único filme, em que, além de o dirigir é o argumentista, adaptador, dialoguista e autor da música.

Enquanto escritor, os seus trabalhos mais notáveis situam-se no campo do ensaio («Técnica do Golpe de Estado», por exemplo) e da reportagem romanceada, casos de «Kaputt», «A Pele», dois extraordinários testemunhos sobre a 2.ª Guerra Mundial.

Apoiante distante do regime fascista nos primeiros tempos, acaba por afastar-se dele, assumindo uma condição de opositor. Surgindo tardiamente no cinema, Malaparte apropriou-se deste meio de expressão como homem habituado a todas as disciplinas, artista escrupuloso e empenhado no mais rigoroso apuro formal. Pretendeu também ser o único autor da sua obra, pois dizia «aquele que se contenta em realizar um tema ou um argumento de outro, limita-se a fazer um ofício, é como o escritor que trataria um tema de outro.»

«Cristo Proibido», com momentos de insólita beleza (como toda a primeira sequência, filmada de helicóptero, na sua primeira utilização sistemática) tem um valor simbólico sobre os limites da civilização cristã. O sentido fílmico de Malaparte é impressionante.

O filme é de inegável qualidade e originalidade. Outros deveriam seguir-se-lhe, mas a morte frustrou os projectos de Curzio Mapalarte.

Título Original: Cristo Proibito. Realizador: Curzio Malaparte. Intérpretes: Ralf Vallone, Elena Varzi, Anna Maria Ferrero e Rina Morelli. Duração: 93 minutos. Ano de estreia: 1951. Género: drama social. Fotografia: Preto e Branco. Origem: Itália.

«Corpo a Corpo»: esta noite o 31.º episódio

O grupo «Ryder», da Grã-Bretanha, que hoje apresenta na RTP-1 a canção que vai levar ao Festival da Eurovisão da Canção

22.45 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP 1

11.00 — Onde fica Isto?
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
Emocionada com a solidariedade das colegas, Silvana explica que tem de partir para solucionar um problema pessoal. Luca e Marco intimidam Cesco, obrigando-o a confessar porque empregou Silvana na fábrica. Theda procura Bepe tentanto obter a confirmação que Jamil é Germano. Bina faz uma cena de ciúmes quando vê Bertazzo olhando para Angelina que está em biquini. Verónica aposta com Vilela uma caixa de champanhe em como Luca vai aparecer para a ver, mas fica muito irritada quando perde a aposta. Após discutir com Bráulio, Luca atira os seus documentos para a lata do lixo.
13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos Jogar no Totobola
20.40 — Corpo a Corpo
21.30 — Noite de Cinema — «Cinco Anos Depois»
23.40 — 24 Horas
00.05 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Pare, Escute e Olhe
20.30 — O Mundo do Barroco
21.25 — Notícias
21.30 — Foi Êxito na TV
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 6-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 58 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP/1
22.50 — Estranhos poderes de Arthur C. Clark
RTP 2
21.00 — Sessão das Nove — «Cristo Proibido»

«Corpo a Corpo»
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.17 **3,80 m**	07.09 **0,90 m**
13.44 **3,90 m**	19.25 **0,90 m**

Dia 23

01.59 **4,00 m**	07.48 **0,70 m**
14.24 **4,10 m**	20.05 **0,70 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	1º
VIANA DO CASTELO	6º
VILA REAL	2º
PORTO	9º
COIMBRA	7º
CABO CARVOEIRO	11º
CASTELO BRANCO	4º
PORTALEGRE	5º
LISBOA	9º
ÉVORA	8º
BEJA	8º
FARO	12º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	11º
FUNCHAL	15º

Fenprof foi ao MEC

Ou há diálogo ou medidas duras

Uma delegação da Federação Nacional dos Professores deslocou-se esta manhã ao Ministério da Educação com o intuito de obter do ministro resposta a questões há muito pendentes.

Informados de que João de Deus Pinheiro não se encontrava ainda na 5 de Outubro, os professores foram remetidos pela secretária do ministro para a Secretaria de Estado da Administração Escolar, cujos funcionários ficaram muito surpreendidos com a decisão do Gabinete do ministro.

Ao fim da manhã, os representantes da Fenprof não sabiam ainda se seriam recebidos. A sua disposição, porém, é persistir, diariamente se a tanto forem obrigados — em serem recebidos pelo ministro.

Embora não tenham anunciado nenhuma medida drástica, os representantes dos professores deixam perceber com esta atitude que ela será a última deligência de sua parte para resolver os problemas pela via do diálogo. Se não for eficaz, os professores adoptarão medidas «duras» depois do II Congresso dos Professores nos dias 7, 8 e 9 de Maio próximo.

Entre as questões sem resposta encontram-se: incentivos para fixação de professores em áreas isoladas e desfavorecidas; subsídios aos professores deslocados da sua área de residência; projectos relativos à correcção de anomalias verificadas aquando dos concurso de professores dos ensinos preparatório e secundário; propostas sobre o modelo de formação de docentes em serviço nos termos do Decreto-Lei•150-A/85; proposta de actualização do subsídio de especialização dos professores e educadores do ensino especial e estatuto da carreira docente dos professores do ensino não-superior.

O MEC não cumpriu, entretanto, o compromisso assumido de entregar à Federação até 31 de Março uma proposta relativa ao estatuto da carreira docente do ensino não-superior e até meados de Fevereiro uma proposta relativa à actualização do subsídio de especialização dos professores e educadores do ensino especial.

A delegação da Federação Nacional dos Professores propunha-se também abordar com o ministro a situação dos 50 professores de Português em França, três na Bélgica e 12 na República Federal da Alemanha que no final deste ano lectivo ficam sem emprego e sem direito a permanecer naqueles países, por efeito de uma medida adoptada unilateralmente pelo MEC.

O presidente da República marcou, a pedido da Fenprof, uma audiência a representantes desta estrutura sindical, para tratar da situação desses professores.

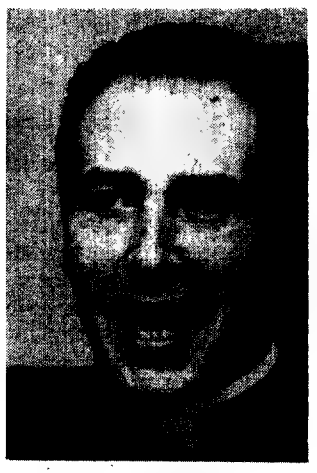
Após 18 horas de reunião

Greve na CP em risco de entrar em Maio

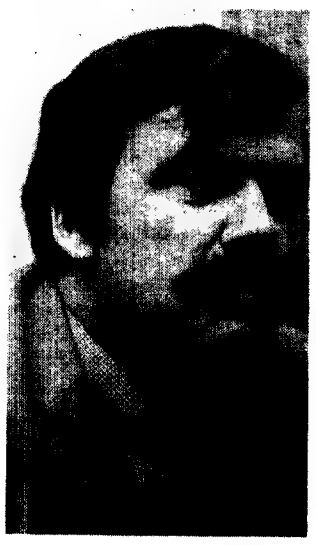
A reunião que ontem teve início às 15 horas entre a Federação dos Sindicatos Ferroviários e o Conselho de Gerência da CP foi interrompida às 9 da manhã de hoje «sem que se vislumbrasse qualquer desbloqueamento da situação». De acordo com uma fonte da Federação o encontro recomeça às 15 horas, e, caso não se chegue a acordo, iniciar-se às 00 horas de amanhã, um novo período de sete dias de paralisação. Nessas condições, os sindicatos entregarão na quinta-feira mais um pré-aviso de greve que lhes permitirá prolongar a luta entre 30 deste mês e seis de Maio.

A CP está a assegurar a circulação de apenas 29% das carruagens habituais na linha de Sintra e 82% no conjunto do País. O prolongamento do conflito levará certamente à completa paralisação da circulação ferroviária em todo o País.

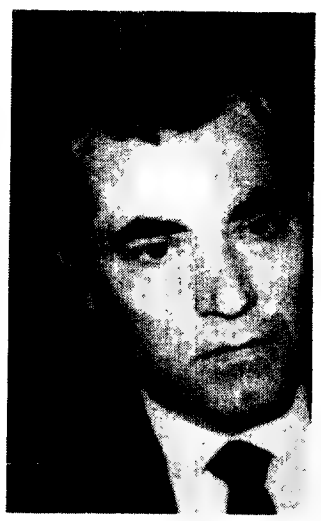
/D/E/C/A/R/A/S/



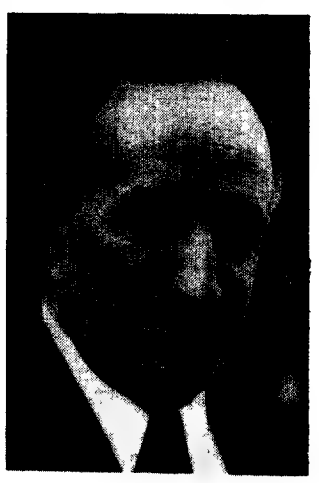
ANTÓNIO RIBEIRO, cardeal patriarca de Lisboa, manifestou ao ministro do Plano e da Administração do Território, as principais carências das igrejas e centros paroquiais do País. Após um breve encontro com D. António Ribeiro, Valente de Oliveira anunciou que o Governo vai ter «um diálogo mais rotineiro com o Patriarcado» para a solução dos problemas mais candentes de falta de equipamento.



AMÂNDIO DE AZEVEDO, deputado do PSD, foi eleito em Estrasburgo vice-presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. Amândio de Azevedo, que ocupa pela segunda vez este lugar, sucede ao deputado socialista Manuel Alegre. O deputado do PSD foi nomeado presidente da delegação portuguesa no Conselho da Europa, depois de várias reuniões entre a delegação.

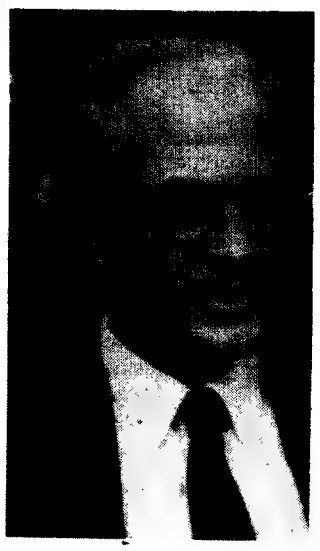


OTELO SARAIVA DE CARVALHO: a vigília de solidariedade realiza-se junto ao Forte de Caxias, nos terrenos do Estádio Nacional. João Silva, um dos promotores da iniciativa, disse que a autorização foi concedida ao fim da manhã de ontem, depois de uma reunião com o director do Estádio Nacional, Vital de Melo.



CÉSAR OLIVEIRA vai demonstrar, na sua tese de doutoramento em História, a defender a 16 de Maio próximo, que «Salazar foi o efectivo ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha nacionalista durante a Guerra Civil». A tese, subordinada ao tema «Consolidação do salazarismo e a Guerra Civil de Espanha», realça aspectos ignorados das relações Franco-Salazar e da importância do apoio salazarista para a vitória franquista.

VASCO GONÇALVES disse em Paris que não se considera «reserva da nação». O general Vasco Gonçalves, que se deslocou à capital francesa a convite da Associação dos Originários de Portugal para comemorar o 25 de Abril, afirmou que está apenas integrado «numa dinâmica de bases que continua a alimentar os verdadeiros ideais de Abril».



CHESTER CROCKER, secretário de Estado ajunto norte-americano para os Assuntos Africanos e o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, concluíram, em Genebra, dois dias de conversações sobre a região. Fontes diplomáticas ocidentais dizem pensar que o diálogo se centrou num calendário para a independência da Namíbia, enquanto o comunicado oficial americano limita-se a afirmar que as conversações incidiram sobre «questões bilaterais e regionais».

Almaraz

Continuação da pág. 1

A fuga foi ontem conhecida em Espanha e as indicações eram no sentido de que continuava a aumentar uma fuga de água no circuito primário de refrigeração da central nuclear de Almaraz, situada na margem do Tejo, algumas dezenas de quilómetros acima de Tujillo.

Ainda segundo as informações disponíveis, quando a fuga foi detectada há dez dias, apresentava um caudal de dez litros por hora, mas ontem já seria de 29 litros/hora. Um informador da central tentava ainda ontem minimizar os efeitos e impacte junto da opinião pública espanhola — que frequentemente tem manifestado o seu pouco agrado por este tipo de instalações — afirmando que «a fuga está controlada».

A minização dos possíveis efeitos de contaminação do Tejo português também têm sido sempre utilizada pelas autoridades dos dois países, particularmente com o argumento de que existem algumas centenas de quilómetros e várias barragens entre as instalações nucleares espanholas e as zonas mais habitadas que o Tejo banha.

De qualquer modo, desde sempre pesa junto da opinião pública portuguesa o facto de Lisboa e outras cidades portuguesas serem ribeirinhas daquele rio e, ainda mais importante, pelo facto de uma boa parte da água consumida na capital e concelhos limítrofes ser extraída directamente do Tejo.

O que ressalta neste caso, mesmo acreditando que agora e no futuro os efeitos sobre o Tejo português serão desprezíveis, é a falta de cumprimento por parte dos espanhóis da cláusula do convénio que os obriga à comunicação imediata de todos os casos de fuga existentes na suas centrais. Em linguagem popular poderá dizer-se que continuamos a ser «os últimos a saber».

De qualquer modo, cumpre destacar que nos últimos anos tanto a EPAL como a antiga Junta de Energia Nuclear portuguesa têm feito um esforço no sentido de controlo permanente dos índices de radioactividade dos nossos rios internacionais, com colheitas periódicas em vários pontos dos seus percursos.

Desses exames, ao que apurámos, não tem resultado até agora motivo para alarme. No caso do EPAL, a última colheita foi feita na quarta-feira da semana passada. Outra colheita será hoje concretizada em Vale da Pedra.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

A paixão da Polícia pelo edifício das Belas-Artes e outras histórias igualmente apaixonantes

Foto Hernando Domingues

Pág. 4

A Cornucópia estreia a Sonata dos Espectros

Uma das peças do «teatro íntimo», ou do «teatro de câmara», para encerrar o ciclo Strindberg

Foto José Tavares

Pág. 8

Enki Bilal Moliterni e Christin

Com a vinda a Lisboa de três dos personagens mais em destaque da banda desenhada francesa contemporânea, atinge o seu momento mais alto, em termos de animação prevista pelo programa, o BD «boom». Moliterni, o organizador da exposição do Palácio Foz, o teórico que descreveu a situação das «histórias aos quadradinhos» face às restantes artes visuais, funciona um pouco como «patriarca». Enki Bilal, cujos últimos álbuns são, infelizmente, insuficientemente conhecidos em Portugal (vale a pena sublinhar que o **Diário de Lisboa** publicou dele, em folhetim, **As falanges da ordem negra**), e que são, sobretudo, **Partie de Chasse e Los Angeles,** é um dos desenhadores que deu à BD francesa contemporânea a sua dimensão de «grande estrela». Finalmente, Christin, o argumentista que várias vezes trabalhou com Bilal, é também o homem do texto em séries de grande divulgação, como as aventuras «espacio-temporais» de Valerian. Possam os jovens autores da banda desenhada portuguesa, que procuram desesperadamente suportes pagantes onde possam publicar as suas criações, aproveitar a sua visita a Lisboa e trocar amplas impressões com eles sobre o modo como trabalham, inventam, publicam as suas histórias. Afinal, para quem aceitasse editar álbuns a preto e branco, a publicação de banda desenhada não seria, talvez, um sonho «tão longínquo», em Portugal...

Para que serve o Partido Comunista Italiano?

O décimo sétimo congresso do Partido Comunista Italiano terminou em Florença no dia 13 de Abril, com a eleição, por unanimidade, de Alessandro Natta como secretário-geral do partido. Será mais surpreendente para o explorador do «planeta PCI» encontrar um partido comunista debatendo quase abertamente a sua adesão à social-democracia, ou constatar que esse PC, cuja «diferença» em relação aos seus homónimos da Europa ocidental tanto se elogiou, ainda tem tantos problemas que o impedem de ser aceite no seu país como uma força total de governo?

Depois do encerramento em Florença do seu décimo sétimo congresso, militantes e dirigentes tinham tendência para pensar que a Imprensa do seu país lhes fazia um mau serviço dissecando as suas tendências, as suas correntes, até, horror dos horrores, as suas divisões. Mas eles próprios o fazem. E é sem dúvida esse o preço a pagar pelas suas recentes conquistas: a democracia interna, a publicidade dos debates, o reconhecimento do pluralismo das opiniões — domínios em que o PCI se mostrou durante muito tempo tímido.

E esta, em todo o caso, a primeira novidade do congresso de Florença: as «cem flores» agora desabrochadas, do pensamento comunista. Em todo o caso com uma «nuance»: a diversidade das opiniões exprimiu-se mais nas fases preparatórias (no Comité central, depois nas reuniões de secções ou federações) do que na tribuna do Palácio dos Desportos de Florença, onde a excelência das «**posições afirmadas pelo camarada Natta no seu discurso introdutório**» já era sabido por todos, à excepção de alguns raros veteranos.

Apesar dos resultados dos últimos anos, o PCI dá uma imagem espantosamente viva de si próprio. Ele continua a ser, sessenta e cinco anos depois da sua fundação, um partido livremente escolhido por quase um eleitor em três. Mas para quê? A resposta é quase tão evidente no fim do congresso como no seu início. Ascendeu ao poder, decerto, mas como? Depressa para não se dissolver no desencatamento de uma espera demasiado longa, diz a ala «direita». Não à custa da sua alma, responde a esquerda. E que diz Alessandro Natta?

Em grande entusiasmo os congressistas votaram pela proposta do secretário-geral em favor de um «**governo de programa**» O que quer dizer? «**Num país onde é costume formar coligações em função da matemática parlamentar, nós dizemos: 'Sentemo-nos todos, os democratas, à volta de uma mesa, e verifiquemos antes demais em que bases estaríamos de acordo para formar um governo'**», **explica-nos Tato, porta-voz do partido e antigo secretário de Enrico Berlinguer. Um «governo de programa»** é, antes de mais, um governo para o qual os comunistas teriam vocação para um dia participar. Que pontos seriam mais importantes para o PCI? «**Por exemplo, o desemprego, o atraso do Mezzogiorno** (o Sul), **a evasão fiscal.**» Quem não estaria de acordo?

Quando e por quanto tempo? Oficialmente, desde já, visto que a actual coligação governamental de cinco foi declarada «**em grande crise profunda**», e até ao fim da actual legislatura (Junho de 1988). Em todo o caso o tempo necessário para levar a bom termo algumas reformas, principalmente as que dizem respeito às instituições. Mas com quem? Com «**as forças políticas, culturais e sociais**» aceitando estas premissas em vista a uma «**reforma progressista**» da sociedade e a uma «**modernização do sistema.**»

Quer dizer com o Partido Socialista? «**Não, isso seria demasiado restritivo. Dirigimo-nos a todas as forças sem excepção que, constatando que a Itália está bloqueada, querem dar remédio a essa situação. Também queríamos, por exemplo, fazer apelo aos cristãos progressistas, aos movimentos ecologistas, pacifistas, feministas, às associações, etc.**», continua Alessandro Tatto.

Alessandro Natta

Para além deste governo de programa, o objectivo seria constituir, prioritariamente com o Partido Socialista, uma coligação sem a Democracia-Cristã, com mais de quarenta anos de permanência no poder. Porque não começar por aí? Porque, de momento, o PS não quer. Porque o país ainda não está preparado para ver o PCI no governo no quadro de uma «**união da esquerda**». Finalmente porque uma tal aliança mal representaria hoje 40% dos eleitores.

A baleia na praia

Com os seus 30% de votos, o PC é hoje na sociedade italiana uma força não só sem emprego mas também sem solução previsível no imediato. Depois de, nos anos 70 quase ter imposto o seu jogo, o do «compromisso histórico», e se ter aproximado do poder a ponto de ter quase nas mãos dois governos democratas-cristãos de 1976 a 1979, o Partido Comunista viu-se marginalizado por um clássico fenómeno de reacção que se manifestou primeiro no seio da DC. E o PS quer «reequilibrar» a situação em seu proveito antes de eventualmente se aliar a um tal mastodonte. É, em suma, a imagem de uma baleia que foi dar a uma praia e que se debate com todas as suas forças para voltar ao mar, que o PC dá hoje de si próprio.

Três «sensibilidades»

Como as dúvidas sobre o seu carácter não democrático diminuiram, sugere-se que é o contexto internacional (os Estados Unidos) que continua a opor-se à integração do PCI no jogo nacional. É a razão pela qual o PC escolheu proclamar-se em Florença «**parte integrante da esquerda europeia**» e convidou a Internacional Socialista ao mesmo tempo que os velhos companheiros do mundo comunista. Isto foi aceite sem reticências pela totalidade dos delegados.

Classicamente distinguem-se no PCI três sensibilidades que têm, elas próprias, várias «nuances». À esquerda existem, por um lado, os «**pró-soviéticos**» à volta de Cossuta; por outro lado uma corrente que poderia chamar-se «libertária», aberta aos movimentos «**ecologistas, pacifistas, antinucleares**» (1) e que encontrou o seu grande homem em Ingrao, um dos últimos chefes históricos do partido. Enfim, os «berlinguerianos», órfãos não só de um líder amado por todos, mas também de um chefe que apregoava antes de mais a «**Moralização**» da política. Estes três grupos, representariam um terço do partido.

No centro está Alessandro Natta e a sua equipa. Para acabar, os observadores esforçam-se por fazer uma escolha entre aquilo a que chamam «a direita histórica» — personalidades que fizeram uma bela carreira na Câmara, no Senado ou nas instâncias regionais, e das quais o presidente do grupo parlamentar, Napolitano, é o porta-voz — e os «**Miglioristà**», aqueles cuja ambição seria principalmente «melhorar» o sistema capitalista, por outras palavras, sociais-democratas cujo principal representante é Luciano Lama, antigo «patrão» da central comunista CGL.

Essa direita ocupa fortes posições no aparelho, mas encontra resistência nos militantes. Ela tentará discretamente, depois de dois fracassos eleitorais na Primavera de 1985, o afastamento de Alessandro Natta. Este, porém, convocando antecipadamente o décimo sétimo congresso, restabeleceu a situação. Colheu os frutos sob a forma do verdadeiro plebiscito de que foi objecto em Florença.

(1) Os comunistas, hostis, às centrais nucleares, encontram-se, na realidade, em todas as correntes. Nas secções e nas federações metade dos militantes votaram nas duas emendas antinucleares apresentadas pelo Comité Central. No congresso estes textos só foram recusados por uma maioria de dezassete votos.

J. P. Clerc

Novos documentos sobre o passado de Kurt Waldheim

O Congresso Judeu Mundial publicou no dia 15 de Abril um novo documento que põe em causa as actividades de Kurt Waldheim durante a segunda Guerra Mundial. Trata-se de um relatório secreto, assinado pelo interessado, que fora utilizado pelos procuradores americanos no processo de Nuremberg, como prova dos crimes nazis durante a segunda guerra mundial.

Este relatório, datado de 11 de Abril de 1944, faz parte do documento NOKW-935 de Nuremberg, hoje conservado nos arquivos nacionais americanos. Ele provém do quartel-general do alto comando do corpo da armada, e, de que Waldheim, com o posto de tenente, fazia parte. O texto indica que «**vários comunisas foram abatidos durante um 'raid', em Atenas**», e refere «actividades de bandos» no sul de Heraklion, em Creta.

Foi devido à leitura deste relatório e de outros documentos provenientes da mesma unidade militar que nove oficiais (em doze acusados) foram condenados e presos. O Congresso judeu mundial acha que este documento constitui uma «**Confirmação extraordinária das suas conclusões apresentadas o mês passado, e da conclusão da comissão dos crimes de guerra jugoslavos que em 1947 declarou Kurt Waldheim 'criminoso de guerra nazi em fuga'.**»

Outro documento do corpo da armada e, datado de 14 de Agosto de 1944 — mas que não é assinado pelo tenente Waldheim — refere uma «**operação de limpeza**» lançada dois dias depois deste último ter identificado a região sul de Herakhon como zona de actividade de guerrilheiros. Durante essa operação, indica o documento, «**foram executados vinte reféns**» e destruídas duas aldeias.

Por fim, o CJM lembra que **Kurt Waldheim** foi encarregado, no seio da sua unidade, das «**Sonderaufgaben** (tarefas especiais), **eufemismo nazi do tipo das que dizem respeito às medidas secretas de terror, a raptos e execuções**».

«Informado»

O antigo secretário-geral da ONU defendeu-se uma vez mais, vigorosamente, em entrevistas concedidas no fim da semana a vários medias da Alemanha Ocidental e dos Estados Unidos. «**Eu não era nazi** (...), **era um soldado honesto que tinha que cumprir o seu dever de soldado no exército alemão, como centenas de milhares de outros soldados**», declarou ele ao **Spiegel**.

Kurt Waldheim

Interrogado por **Die Welt en Sonntag** sobre o conhecimento da deportação dos judeus de Salónica, respondeu Waldheim: «**É certo que estive estacionado no quartel-general do corpo de armada e, em Arskali, a uns 6 quilómetros de Salónica. Estava numa região montanhosa, completamente isolada. Reunia unicamente as mensagens de rádio sobre os movimentos de tropas, e não tinha nenhum poder de comando.**»

Esta versão dos factos é contestada por um professor grego-alemão de história, Hagen Fleischer, que ensina história contemporânea na universidade da ilha de Creta. Num artigo publicado no semanário ateniense **To Vima** o doutor Fleischer escreve que Kurt Waldheim foi magistrado instructor nos Balkans antes de ocupar as funções de adjunto nos serviços de contra-espionagem militar. «**O jovem alferes Waldheim não tinha competência para cometer crimes ou para os ordenar, mas era um homem perfeitamente informado**», acrescenta.

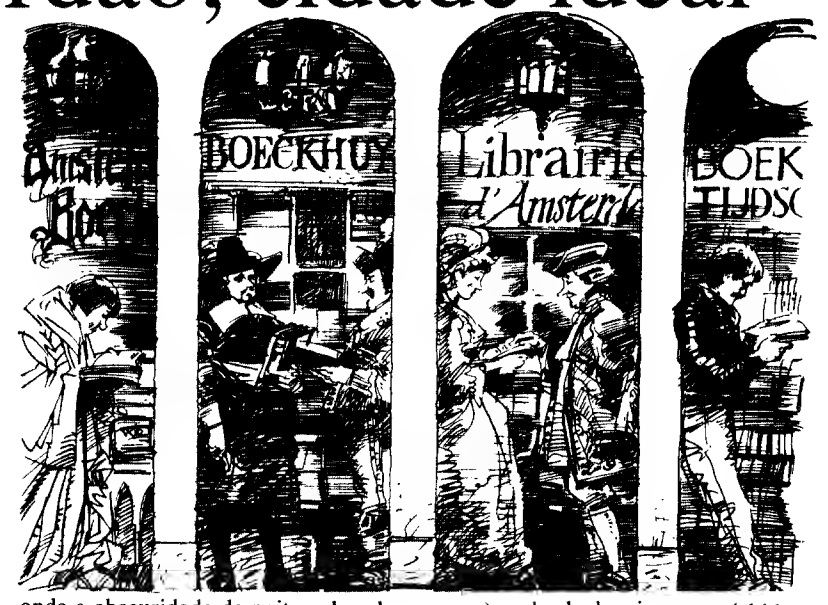
Kurt Waldheim deve comunicar no dia 21 ao presidente austríaco Rudolf Kirchschlager o seu comentário sobre o «dossier» da ONU. Este comentário não será tornado público.

Os novos documentos apresentados pelo Congresso Judeu Mundial levantam um novo problema que nunca deixou de ser evocado por meias palavras desde que o caso Waldheim se desencadeou: estavam as grantes potências a par do passado de Waldheim quando da sua eleição para o secretariado geral da ONU? Vários elementos perturbadores apoiam esta tese. Em primeiro lugar faz-se notar em Viena que a ascensão de Kurt Waldheim na diplomacia austríaca se efectuou quando Karl Gruber era ministro dos negócios estrangeiros. Ora Gruber passava por ser o homem dos americanos em Viena. Um dos seus colaboradores mais próximos era o marido da filha de Allen Dulles, então director da CIA. Por outro lado pensa-se que o «dossier» organizado pelos jugoslavos contra Waldheim não poderia deixar de ser conhecido pela União Soviética, visto que fora feito em 1947, antes da ruptura entre Estaline e Tito. Uma explicação, talvez, do silêncio persistente da imprensa dos países do Leste sobre o caso... Só o quotidiano do PC eslovaco, **Pravda**, refere na sua edição de 14 de Abril «**as forças neo-nazis**» em acção na campanha eleitoral austríaca, mas referindo a candidatura de Otto Scrinzi, antigo oficial SS e porta-voz da extrema direita nacionalista.

L.R.

Janelas indiscretas XXII

Amesterdão, cidade ideal



A procura da saúde que funda, para Descartes, a da verdade, obriga o filósofo a encontrar um clima favorável à sua constituição física. Para que o corpo se «esqueça» na evidência que a saúde lhe faculta, e para que enfim chegue a hora da meditação, torna-se necessário viajar até ao ponto que, sobre a crosta terrestre, mais convém ao organismo. Como tínhamos anotado, a tarefa do filósofo revela-se eminentemente sublime por contrariar as forças da natureza, por as ultrapassar pela reflexão. O filósofo ganha recuo, coloca-se de través, adopta determinado ponto de vista.

Solitário, em segurança, ele domina o mundo, cria-o, coloca-se como sujeito absoluto (mostrando ao mesmo tempo a facticidade, o estremeção iminente desse lugar privilegiado).

Compreender o ar significa suprimir o medo que poderia provocar o poder dos fenómenos celestes. O céu, porque está sobre nós, esmaga a nossa razão e assusta a nossa imaginação. Um dos projectos cartesianos, o dos **Meteoros,** consistirá em mostrar-nos o que nos suplanta na natureza, o que, da natureza, se impõe mais a nós, a saber, o Céu, não o consegue senão pelo poder da imaginação. Uma vez explicitado o que parecia misterioso, uma vez raciocinado o que daria lugar à superstição, uma vez descritos o céu e seus elementos, o temor desaparece e o filósofo inicia o seu grande domínio sobre a natureza.

Descartes não procura eliminar o sublime, mas sim mostrar qual é a sua fonte. A origem do sublime deve situar-se ao nível dos olhos — ela reside na reflexão: «Temos naturalmente maior admiração pelas coisas que estão por cima de nós, do que por aquelas que estão à nossa altura ou mais abaixo... porque é preciso levantar os olhos para o céu para as olhar... o que me faz esperar que, se explicar aqui a sua natureza, de tal modo que não tenhamos mais ocasião de admirar nada do que ali se vê ou delas desce, cremos que é possível, do mesmo modo, achar as causas de tudo o que há de mais admirável sobre a Terra» (1).

Dominar as forças da natureza não significa combatê-las mas sim compreendê-las. Tornar-se independente, «autarchê», requer que se esteja em harmonia com o mundo a fim de não se cair doente.

Desse modo, a Holanda será para Descartes o ponto geostratégico por excelência. Ele experimentará aí o prazer da solidão, a tranquilidade e a saúde. Amesterdão aparece como a cidade ideal; todas as riquezas ali se encontram — a liberdade, o repouso, a segurança, a saúde; ela opõe-se de modo radical à Itália sufocada pela peste, semeada de perigos, ninho de micróbios, abrigo privilegiado do crime. «Que outro lugar se poderia escolher no resto do Mundo, onde todas as comodidades da vida, e todas as curiosidades desejáveis, fossem tão fáceis de atingir como neste? Que outro país, onde se possa gozar de uma liberdade tão inteira, onde se possa dormir com menos inquietação, onde haja sempre exércitos prontos a guardar-nos, onde os envenenamentos, as traições, as calúnias sejam menos conhecidas... Eu não sei como podeis gostar tanto dos ares de Itália, com o qual se respira tão frequentemente a peste, e onde sempre o calor do dia é insuportável, a frescura do anoitecer malsã, e onde a obscuridade da noite cobre delinquentes e assassínios» (2).

Oito anos mais tarde, Descartes não mudou de opinião — porque essa opinião é, exactamente, o produto de um estudo e de uma reflexão. Assim escreve ele ao seu fiel correspondente, Mersenne, «a sua viagem a Itália inquieta-me, porque se trata de um país pouco saudável para os franceses... Para mim, sem o temor das doenças causadas pelo calor do ar, eu teria passado em Itália todo o tempo que vivi entre estes quarteirões» (3). No entanto, se o ar da Holanda convém a Descartes, é porque ele conseguiu compreender os efeitos do frio e do calor sobre a sua constituição, e não porque a doença não exista na Holanda. Outra carta a Mersenne dá-nos conta de um Descartes quase imortal (tendo a doença envelhecido o homem), rodeado de miasmas mórbidos e permanecendo intocável. «Estou rodeado de febres por todos os lados; toda a gente sofre nelas por aqui, apenas eu estou até agora isento delas» (4).

Não basta, portanto, encontrar um lugar favorável. É ainda preciso conhecer-se e amar-se, consagrarmos tempo a nós próprios, ficar só e autónomo, filtrar o exterior. O resultado merece ser sublinhado: «Há trinta anos que não sofro, graças a Deus, de nenhum mal que possa ser chamado assim... e como adquiri algum conhecimento da medicina, me sinto viver e me cuido com tanto cuidado como um rico atacado de gota, quase me parece que estou agora mais longe da morte do que estava enquanto jovem» (5).

Deixar o ponto geostratégico, a fonte de vida que encontramos na terra, é perdermo-nos, envelhecer, abdicarmos da independência, entregarmo-nos à morte. Se o calor de Itália engendra a peste, o frio da Suécia não vale mais do que ele.

Descartes, forçado a obedecer à rainha Christinna, viaja até à Suécia, onde perde a sua energia vital, lamenta a sua Holanda bem-amada e a saúde, a filosofia, a riqueza máxima visto que ela não depende de outrem: «parece-me que os pensamentos dos homens gelam, aqui, durante o inverno, como as águas; mas juro-vos que o desejo que tenho de regressar ao meu deserto aumenta todos os dias cada vez mais, e que nem sei se poderei esperar, aqui, pelo vosso regresso... Aqui, não estou no meu elemento, e não desejo senão a tranquilidade e o repouso, bens que os reis mais poderosos da terra não podem dar a quem não os sabe tomar por si próprio» (6). Antes de construir o cenário das meditações, é preciso, necessariamente, analisar as forças da exterioridade e jogar com elas.

O ar, apesar de invisível, é alguma coisa; ele impõe-se como poder de vida e de morte. «Imaginai o ar como se de lã se tratasse», dizia um dia Descartes a Reneri; de facto, o primeiro passo da filosofia consiste em evitar o calor em excesso, bem como o frio que gela as ideias entre as malhas de lã. Sabermos encontrar-nos nos entrelaços, é preservar a saúde e abrirmo-nos às Ideias.

Chaké Matossian

(1) Descartes, Les Météores.
(2) Carta a Balzac, Verão 1631
(3) Carta a Mersenne 25 Dezembro 1639
(4) Carta a Mersenne, 12 Setembro 1638
(5) Carta a Mersenne, 9 Janeiro 1639
(6) Carta a Brégy, 15 Janeiro 1650

A Traje«d»ória do pensamento científico

Fins e utilidades

«As verdades foram 'acontecendo'. O que conta é o caminho que se fez, o trabalho que fizemos em nós próprios e com os outros para lá chegarmos. Sem esse trabalho uma verdade pode não passar de um erro verdadeiro.»

Jean Paul Sartre

ETIMOLOGICAMENTE ciência é equivalente a saber.

O modo de conhecimento científico no pensamento ocidental desenvolveu-se na base da experimentação e tendo subjacente um determinado conceito de matéria.

Quando Galileu enunciou que a Terra era redonda não pronunciou nada de novo ou diferente de outros pensadores da Antiguidade. A diferença não esteve na novidade do que foi dito mas sim, no facto, de esta afirmação ter sido sujeita a uma verificação experimental sistemática. A diferença entre os pensadores antigos e Galileu não estava propriamente na razão ou nos sentidos, mas sim na precisão e exactidão dos instrumentos.

A verificação experimental foi uma alavanca importante da libertação e da luta do racionalismo contra o monopólio da verdade e do saber da Igreja Medieval. A precisão e exactidão são a partir daí valores fundamentais do pensamento científico. Eles vão marcar do Renascimento aos nossos dias, passando pelo Iluminismo, a sua trajectória.

O pensamento científico vai-se enraizar numa visão do mundo assente nos atomistas gregos. Segundo eles a matéria é feita de pequenas partículas elementares, os átomos, que são de natureza passiva e inerte. Poder-se-iam mover desde que agidos por uma força exterior geralmente atribuída a uma força espiritual. O pensamento cartesiano radicalizou este dualismo entre o **espírito** e a **matéria**, entre o **eu** e o **mundo**. Graças a esta visão cartesiana que «os cientistas tratam a matéria como coisa morta, completamente separada deles mesmos e olham o mundo material como uma pluralidade de diversos objectos, englobados numa gigantesca máquina.» (1)

Era sem dúvida esta a visão de Newton que marcou determinantemente o pensamento científico na segunda metade do séc. XVIII e durante todo o séc. XIX.

É também esta a visão do mundo que integra a ideologia dominante capitalista e de todo o modelo de desenvolvimento industrial. Progresso e desenvolvimento é sinónimo de ciência aplicada, ou seja, de quantidade de energia que dispomos na transformação da natureza, através do trabalho, em bens e serviços. A ciência surge-nos assim despreocupada em relação aos problemas do homem e exigente em relação à dominação da natureza.

A própria ciência é obrigada a atomizar-se em diversas especializações. Esta maior quantidade de conhecimentos não significa uma maior autonomia ou domínio, individual ou colectivo, do homem sobre os seus problemas. É negada a etiqueta de científico a todo o conhecimento que não tenha **valor** nem **utilidade** para o modelo industrial. É instituída a escola como soberana na classificação dos conhecimentos.

Com o modelo domínio do modelo industrial — produtivista o pensamento científico torna-se através de/do poder progressivamente um saber exclusivista e arrogante. Ao poder absoluto da Igreja, segue-se a Igreja das luzes. Só são considerados científicos «os conhecimentos e as capacidades susceptíveis de serem sistematizadas e incorporadas na cultura académica» (2) e relegados para a inferioridade o saber popular, religioso, artístico ou outro.

Do ponto de vista interno o pensamento científico institui as leis da sua própria evolução sentenciando a eliminação progressiva de tudo o que for considerado do foro subjectivo, ou seja, preterindo na investigação valores tais como a intuição, o sonho, o desejo, o prazer, a qualidade e a criação, sacralizando o rigor, a disciplina, a ordem, a razão, a utilidade e a quantidade. Na expressão são subavaliadas a poética, a metáfora, o símbolo, as imagens e a simplicidade descritiva em função do hermetismo discursivo elitista.

«As ciências exactas», tais como a física e matemática, são tornadas paradigmas do acesso ao conhecimento e à verdade. Todos os saberes não sujeitos a uma verificação de factos ou à experimentação tais como, por exemplo, a filosofia, a história e mesmo a sociologia serão consideradas envergonhadamente pré-científicas.

A palavra Ciência acabou assim por significar uma empresa institucional, em vez de uma actividade pessoal, a solução de um quebra-cabeças em vez do imprevisível desenrolar da criatividade humana, na palavra de Ivan Illich. A pretensão de traduzir tudo intelectualmente miserabilizou a linguagem ignorando o homem. A **razão cientista** tornou possível ao homem o absurdo da possibilidade concreta de destruição do planeta «14 vezes» ou o desequilíbrio irreversível ecológico.

A sociologia nasce no turbilhão da industrialização da sociedade moderna. É filha da atomização citada do saber científico e da necessidade de racionalizar, compreender e organizar todas as disfunções provocadas pela destruição de valores e estruturas da sociedade antiga. A sociologia é prisioneira da lógica produtivista e o seu percurso histórico afirma-se na necessidade do reconhecimento oficial (académico) como saber científico: assim desenvolve o «seu rigor» quer pela via do empírico (incorporando a estatística e a matemática) quer sofisticando-se positivamente pela via teórica, purificando-se desta forma do pecado original do subjectivismo humanista.

O futuro da sociologia, sua utilidade e finalidade, assenta na urgência conjunta de toda a opção científica: ou servir uma lógica produtivista, assente no privilégio do aumento de bens e serviços ou servir uma lógica convivial que permita às pessoas obter satisfação, não tanto em termos de economia de mercado, mas antes daquilo que fazem com os seus utensílios. Doutro modo, teremos que optar entre sermos controlados pela sociedade através dos conhecimentos que aprendemos ou ensinamos e/ou ensinar e aprender aquilo que nos permita controlar e modelar a sociedade.

É hoje uma ciência exacta, a física moderna, que nos vem pôr em causa o monopólio da verdade do saber científico pela negação dos conceitos em que ela assentou durante cerca de 150 anos: a natureza não assenta em partículas conforme diziam os atomistas mas sim «a análise judiciosa do processo de observação em física atómica mostra que as partículas subatómicas não têm qualquer sentido como entidades isoladas. Só se poderão compreender como interconexões entre a preparação duma experiência e a medida subsequente.» (3) Esta impossibilidade de decomposição da matéria em partículas demonstra-nos a unidade do universo. Segundo a teoria dos Quanta não se poderá prever a posição exacta de uma partícula.

O Ser é Devir. Espírito e Matéria estão intimamente ligados.

A Física Moderna vem corroborar as

Continua na pág. 8

Por trás da manchete

As outras histórias da ESBAL

PODE ser que venhamos realmente a mudar de instalações, pode ser até que acabemos por ficar aqui mesmo, depois de se resolverem os vários problemas de infra-estrutura que temos, mas tudo o resto vai ficar na mesma» — quem assim se exprime é António Sena, pintor, professor na Escola Superior de Belas-Artes e membro do seu Conselho Directivo demissionário.

É que por trás da manchete (a ESBAL ser mudada do Chiado para outro local, em princípio para o inadequado edifício da Embaixada americana em Lisboa, a fim de o Convento de S. Francisco poder vir a ser ocupado pela PSP e Governo Civil) outras questões estão em causa. Questões essas a que o novo dado introduzido pelo já célebre Despacho A-13/86-X, assinado pelos ministros da Educação e Cultura, da Administração Interna e das Finanças, apenas acrescenta mais uma corroboração do «eterno desrespeito que se tem em Portugal pelas artes plásticas e que prova a continuação na mesma linha de um país que vive mediocremente».

Os Passarinhos

O problema não se destrinça em breves palavras. O facto de o novo local para o funcionamento da Escola ser muito evidentemente insuficiente não explica as reacções suscitadas. Nem sequer o argumento de que é preciso respeitar uma tradição que faz agora 150 anos, ou de preservar o património ou de se fazer notar a inserção de décadas de artistas portugueses no edifício que já foi recolhimento de monges franciscanos e biblioteca. António Sena até diz — «Agora lembram-se da tradição. Era bom que o tivessem feito sempre e não desde que os boatos começaram a circular e as coisas a acontecer».

Tudo começou com o diz-se, diz-se de que a parte de Arquitectura iria sair dali e desligar-se da Escola Superior de Belas-Artes, projecto mantido e reivindicado por alguns professores, que constituem hoje a sua Comissão Instaladora. O que actualmente se verifica é a inclusão da nóvel Faculdade de Arquitectura na Universidade Técnica e a perspectiva de passagem física para a Ajuda, após a hipótese posta de serem eles e não os de Artes Plásticas a transferirem-se para a Lapa, que não se verificou, presume-se que por veto dos interessados, ou pelo menos é isso o que se cochicha ali no Largo da Academia Nacional de Belas-Artes.

É neste ponto da história que surge a pretensão de a Polícia vir a ocupar os pisos da ESBAL, por insuficiência das suas presentes instalações, paredes-meias da escola (conta um aluno: «Estamos nós com aulas teóricas e eles ali no pátio com a banda a tocar Os Passarinhos»). Ter-se-á partido do seguinte princípio — saem uns, e vamos nós para lá.

Só que, e mais uma vez, se esqueceram as Belas-Artes. O sector de Artes Plásticas (Pintura, Escultura e Design, este último ramo ainda sem qualquer institucionalização, um de muitos absurdos nossos) anda à deriva e os próprios responsáveis pela Educação e pela Cultura ainda não sabem se o deverão colocar no âmbito da Universidade Clássica, se no da Nova, se no da Técnica. Essa vai ser uma decisão que ainda demorará muito tempo a tomar. Mandá-lo para a Lapa é, como ressalta logo à primeira vista, solução apressada. É óbvio que o prédio em questão não oferece as condições mínimas para uma escola de artes plásticas, mais as suas diferentes tecnologias, poder funcionar lá. Os ministros do Despacho Conjunto sabem-no perfeitamente e por isso é que deixaram em aberto a aquisição de outras possíveis instalações, nomeando uma comissão (absolutamente à revelia dos próprios, ou seja, do Conselho Directivo, professores e alunos da ESBAL) para estudar o assunto, que é sempre o recurso dos governos quando não sabem ou não querem resolver os problemas bicudos.

Chiado

Curiosamente, os próprios alunos de Arquitectura não estão contentes com estas alterações, contrariamente à sua Comissão Instaladora. Na Associação de Estudantes falam-nos mesmo de perca — «Gostamos do contacto com as artes plásticas. A arquitectura não é uma arte mas não é propriamente uma técnica. Digamos antes que é uma deambulação artística pela técnica. Quando mudarmos vamos perder todo este 'environnement' que nos é essencial. O Chiado é para nós o que é para um velhinho um banco de jardim. Este é um curso humanista, não temos que estar ao lado da engenharia: um arquitecto não é um engenheiro. E depois é bom estarmos aqui, apesar de todas as dificuldades que sentimos. Esta escola está metida na cidade, estamos em plena Baixa e é no meio da cidade que se aprende realmente a arquitectura. A ESBAL dá-nos a nós, estudantes de Arquitectura, um determinado estatuto. Conquistámo-lo, mas agora ficamos com a sensação de que perderemos algo.»

Não os move qualquer animosidade em relação à Polícia. Ficaram foi escandalizados, todos ali na Escola, com a construção e se acrescentou nos telhados do Governo Civil, um ginásio, parece. Chega-se a uma janela e é triste que uma coisa daquelas («**que é completamente ilegal e um verdadeiro atentado**», dizem-nos ao lado) esteja mesmo à beira de uma instituição artística e de formação arquitectónica. O facto não vaticina, objectivamente, grande futuro ao lado por ora da ESBAL.

É opinião geral, nos corredores da Escola, de que «a Polícia vai mover-se mal aqui». «Isto não é nada funcional. Para nós tudo bem, que não precisamos de edifícios que sejam altamente funcionais. Também o nosso tempo não tem nada a ver com o tempo numa Polícia: movimentamo-nos de maneiras muito diferentes.» De qualquer modo, não preocupa aos estudantes de Arquitectura que seja concretamente a Polícia que vá para ali. «Nós só pensamos que temos mais idoneidade e direito de continuarmos cá. Bastaria suplantar as dificuldades técnicas que a Escola tem, mas pelo que se está a ver, não há dinheiro para melhoramentos na ESBAL mas já haverá quando a Polícia se alargar para aqui.»

O prédio tem potencialidades que se poderiam explorar, se houvesse interesse nisso. Mas quem olha para aquelas paredes percebe que a falta de vontade é coisa antiga. As nossas autoridades ainda não sabem o que hão-de fazer com as artes plásticas, não as conseguem definir e entender, desconhecem onde a poderão arrumar — não é isto, não é aquilo e, sobretudo, não é produtora de ganho imediato. São estas as considerações feitas por muitos alunos da ESBAL, inclusive os futuros arquitectos, que perguntam, com incredulidade — «Como é possível transformar num quartel fechado o que é um espaço cultural público?» Sim: qual a política cultural deste Governo?

Apatia e amargura

O estado de espírito entre os estudantes da parte de artes plásticas é substancialmente outro, o que tem a ver, a uma primeira impressão, com as suas próprias características diferenciadoras. É, na larga maioria das pessoas, a indiferença, o alheamento, a apatia. Mas um psicologismo não serve para compreender esta atitude, que de uma atitude se trata. Porque, de facto, os cursos de Pintura, Escultura e Design nunca privilegiaram da ascensão que o sector de Arquitectura desde cedo pôde conseguir, apesar de ter nascido no corpo de uma instituição de Belas-Artes. No piso de Artes Plásticas é bem evidente o abandono sofrido, se comparado ao de Arquitectura.

Foto Hernando Domingues

À espera da Polícia (foto Hernando Domingues)

O pintor António Sena faz parte de um Conselho Directivo que está demissionário, mas que prossegue funções porque, como ele mesmo afirma, «não há nenhum professor, nenhum aluno, que esteja disposto a assumir cargos directivos». Trata-se da mais completa desmoralização por parte de todos, ou pelo menos de um desinteresse algo amargurado.

Os dilemas são imensos — é a instalação eléctrica do prédio que não aguenta com a maquinaria necessária e várias actividades se vêem assim obrigadas pura e simplesmente a parar («Não podemos trabalhar. Com as máquinas paradas exigem-nos à mesma trabalho no fim do ano e muitos reprovam por isso» — diz-nos um aluno); é o pessoal técnico e auxiliar que não está adstrito à Função Pública; é o curso de Design que não tem reconhecimento institucional algum; são os professores assistentes sem currículo escolar possibilitado; é a ausência de condições para os estudantes; é a superlotação; é a não definição da via pedagógica da Escola; é a imprevisibilidade de uma profissionalização artística. O despejo da ESBAL para dar lugar à PSP e ao Governo Civil é mais um dado a acrescentar.

Dizem-nos na Associação de Estudantes de Artes Plásticas — «Esta Escola teve sempre falta de apoio. Não pertencemos a lado nenhum, o nosso orçamento não é nem de escola superior nem de escola secundária, é uma excepção híbrida. Neste ambiente de muitos anos seguidos é natural o desalento: quando se soube que nos íamos embora e vinha para cá a Polícia houve indignação, é claro, mas três ou quatro dias depois voltou tudo ao mesmo. Toda a gente já se habituou: neste país as artes plásticas são menosprezadas. É óbvio que o ministério tem consciência de que irmos para a Lapa é como meter o Rossio na Betesga, mas pronto, o Governo lá deu o rebuçadinho à PSP.»

Via aberta

O que vai acontecer, daqui para a frente? Ninguém sabe ao certo, embora haja quem saiba mais. É incrível como se passou tão rapidamente do boato para a realidade, e isso inquieta. Pouco tempo antes do dito Despacho ter sido publicado no «Diário da República» teve o Conselho Directivo de Artes Plásticas uma reunião com o secretário de Estado do Ensino Superior, que lhe disse não ter conhecimento de qualquer mudança de instalações da Escola, querendo assim desmentir as «bocas». António Sena crê que o próprio secretário de Estado foi ultrapassado pelas outras instâncias — «E assim surgiu este Despacho, que é ambíguo e inconsequente, tão vago que permite que possam acontecer imensas coisas. Afiançam-nos que pelo menos a médio prazo não somos despejados, mas precisamos ficar precavidos porque a via já está aberta. Até agora nunca fomos ouvidos, e nós até poderíamos ter insistido em que o Convento de S. Francisco tem todas as condições que são necessárias, falta é o resto. Os critérios deveriam ter sido outros.»

Rui Eduardo Paes

«Sunglasses», 70 × 70 cm

«Tubo cor de sangue», 70 × 70 cm

«Mocho», 71 × 71 cm

Desvio parisiense: Koji Furudoi ou o império do incidente

"A forma redonda é, na inteligência, uma percepção ou uma sensação, mas, no corpo, é um poder" **(Berkeley).**

Paris. Acontecimento-monumento: Viena no Beaubourg, impõe-se na capital. Eis eclipsadas, ocultas, as «pequenas» exposições, as fracturas vitais de um quotidiano visual. Longas bichas democráticas e fraternas estendem-se fora e dentro do templo da cultura, como se mais nada existisse, como se não houvesse mais nada «para ver». Ora, é preciso escapar, por um momento, à **austricização** obrigatória, ao olho inquisidor de Egon Schiele, retomar fôlego, reconquistar um espaço ocular, deixar de sentir o corpo do outro, essa hiperpresença de centenas de olhos visando os mesmos objectos, fascinados pelos quadros cintilantes de Klimt, paralisados pela mórbida potência das telas de Kokoschka.

Uma questão de sobrevivência obriga a operar um desvio, uma fuga, uma deserção em direcção a um micro-acontecimento. Por exemplo, a exposição de Koji Furudoi na Galerie d'Art International (1). Nascido no Japão em 1947, Furudoi recebe, em 1974, o Grande Prémio de Paris da Universidade de Belas-Artes de Musashino e instala-se, então, em Paris, onde continua a trabalhar. Penetrada, assim, por uma cultura mista, a sua obra adquire todo o poder de uma dupla sublimação.

Entre as obras expostas está a série das «quatro estações» em que o artista japonês, marcando o passar ritmado do tempo, levanta de facto a própria problemática da temporalidade. Procurando indícios próprios de cada mês, ele altera, pela minúcia da deslocação, a influência linear de Cronos. O redondo e a ruptura anunciam uma outra temporalidade, a dos possíveis, a dos efeitos simultâneos e disjuntos inscrevendo-se nos corpos que, eles próprios, os relacionam com o espaço, esculpindo-o por uma posição sempre outra e específica, uma posição involuntária que, entretanto, influi de modo dinâmico o espaço. Uma força motriz nasce desses corpos amorfos, como em espera, ao mesmo tempo pacíficos e contorcidos. O papel amachucado dá-lhes uma espécie de pele, incrusta o sofrimento, o do próprio tempo, insufla portanto viva e transforma os contornos cheios de ar em pedaços de carne viva. Talvez que Furudoi represente aqui a passagem do «pneuma» que é ar ao «pneuma» que é alma, o instante fatal em que o corpo se anima para caminhar para a morte, para efectuar a estrada do tempo, deixando sempre, atrás de si, traços de sangue, e guardando em si em seu redor outros traçados, mnésicos, elementos misturados de um grande sonho. Na sua redondez, os corpos contrastam com a nervura do papel, com as linhas verticais e horizontais que esquadriam a obra e anunciam pontos de fuga que contrariam o extremo de um membro afunilado. Mais do que de corpos, tratar-se-ia em suma de montagens de membros (invocando por vezes as bonecas de Hans Bellmer) de articulações invisíveis e omnipresentes. Os corpos parecem adormecidos, apanhados no prazer do sono reparador, fugindo à angústia do sono eterno. Na obra «Mocho» aparece esta frase elucidativa: «tenho medo da noite», como se o artista não conseguisse ultrapassar o medo se não pintando a noite, se não representando o corpo no momento em que ele se torna receptáculo puro de todas as sensações. Os corpos de Furudoi são passivos, quer dizer, estão sob o império da paixão. Para vencer o medo da passavidade eterna, para dominar o tempo, o artista tem de controlar as trevas, de introduzir nelas a luz. O mocho nocturno também nos lembra a coruja de Minerva, assinalando-nos que a vida se mantém graças ao **saber** (daí as referências policulturais), que a força de um alimenta o outro: «Não mais opor o Saber à Vida, numa dupla figura que reenvia à morte, mas manifestar lentamente, dolorosamente, através das palavras e das fórmulas, algo que une a vida ao saber» (2).

Escolher os doze meses para figurar o tempo, significa anunciar a predominância do eterno retorno sobre o tempo linear. É neste sentido que, nas outras obras igualmente, os corpos de Furudoi se revelam ovóides, quer nos seus elementos quer na sua forma global (Sunglasses) quer na sua acoplagem (Tubo da cor do sangue).

A imagem central, a figura, rediz, pela sua forma, o paradoxo de uma origem «a originária», que explode nos bordos da obra. Na explosão sobrevém a historialidade. A figura informe decompõe-se em elementos projectados para os cantos, o ovo torna-se órgão, a anatomia do corpo acompanha a da imagem.

Um ponto central numa cabeça ovalóide é projectado para dois pontos A e B, eles próprios retomados por óculos de sol onde uma lente branca se projecta sobre outra escura, que por seu turno infiltra obscuridade sob a primeira. A rede complexa do espaço e da cor repete o engano da linearidade, o poder dos acontecimentos e dos elementos que se cavalgam uns aos outros.

Como o recorte do corpo reenvia necessariamente para o da imagem, o tubo de cor surge como ampliação do vaso sanguíneo. A este nível, como a vários outros, Furudoi mistura as culturas ocidental e oriental. O canto esquerdo de «Janeiro» mostra uma anatomia oriental à qual faz frente, no canto direito, uma mapa de ruas balizado em francês. Reconhecer-se no corpo é também compreender o percurso de uma cidade. O paradoxo da não-origem que se afirma pelo ovo impõe-se, ainda, por um **babelismo** pictórico e linguístico. Japonês, francês e inglês penetram a obra, entrecortam-se, exactamente como uma mancha branca corta o fundo sombrio onde o artista cita Leonardo da Vinci. Estes graffitti irreprimivelmente atirados para os cantos dos trabalhos reforçam o movimento circular, a atmosfera ao mesmo tempo algodoada e estranhamente torturada. Como num sonho, as épocas, as línguas, os elementos esparsos juntam-se de modo insólito. Os corpos acolchoados, ao mesmo tempo produtores e receptáculos da energia circulante, não têm senão de se orientarem idealmente para a luz que cupula este espaço-tempo do sonho, recusando-se ao mesmo tempo às trevas angustiantes e ao brilho brutal do despertar.

Chaké Matossian

«Are you gonna leave?», 50 × 70 cm, acrílico sobre papel. (Reproduções com a autorização de Galerie d'Art International)

Notas:

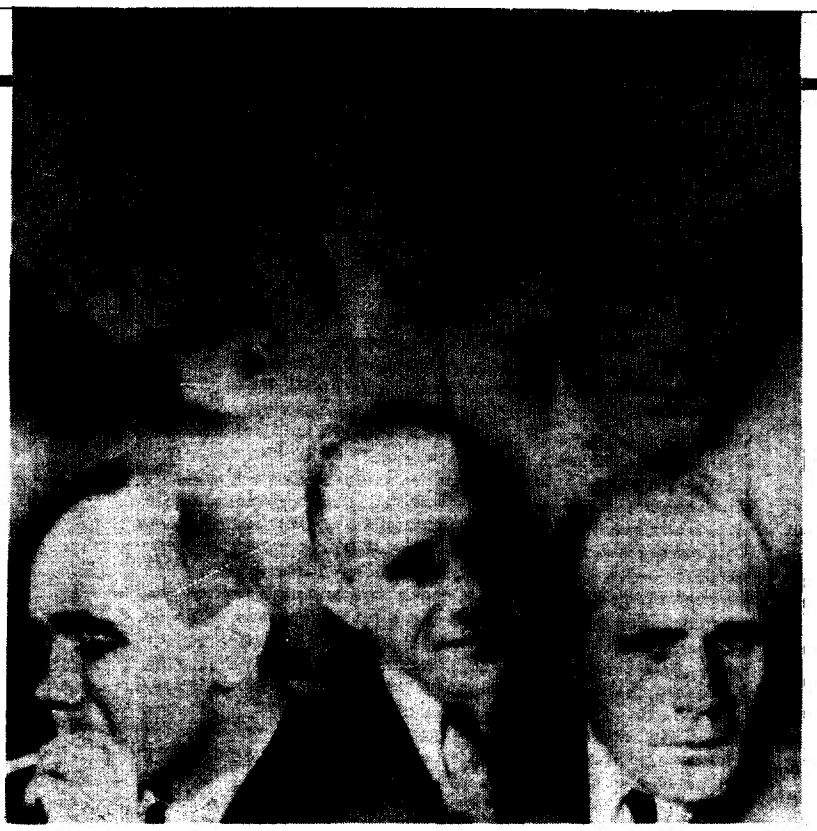
1) Rua Jean Ferrandi 12 Paris 75006, até 3 de Maio. Catálogo: «As estações do eu», por Pierre Restany.

2) G. Deleuze: «Schizologie», prefácio a **Le Schizo et les langues,** de L. Wolfson, Gallimard, 1970.

Em 1972, nem tudo se podia escrever

As criadas de Jean Genet e Victor Garcia

Em 11 de Novembro de 1972 registou-se em Cascais um acontecimento que abalou as débeis estruturas do espectáculo teatral em Portugal. Foi a estreia, no Teatro Gil Vicente, em produção do Teatro Experimental de Cascais, de «As Criadas», de Jean Genet, com encenação de Vítor Garcia e interpretação de Eunice Muñoz, Glicínia Quartin e Lourdes Norberto.
No dia 7 o «DL» publicou na primeira página uma foto do espectáculo com um apontamento meu provocatoriamente intitulado «Mais belo que um «goal» de Eusébio!».
Publiquei sobre o espectáculo no suplemento «DL-Show», do dia 12 do mesmo mês, uma longa crítica que hoje vamos reproduzir. Isto pelo facto desse texto ter sido barbaramente cortado pela censura da primavera (!) marcelista que não se limitou a eliminar passagens do meu texto, cortando também frases transcritas por mim da peça de Genet. É portanto a primeira vez que se publica na íntegra esta crítica ao espectáculo de Genet-Garcia. Como homenagem ao genial poeta agora falecido mas também ao genial criador teatral Vítor Garcia, morto em 1982. Tenha-se em conta, a propósito, que a aceitação do espectáculo não foi pacífica, e ainda bem, tendo motivado, uma crítica, aliás magistral, de Joaquim Benite, no «Século Ilustrado», que exprimia um ponto de vista muito mais matizado. Resta acrescentar que as partes cortadas pela censura são as que aqui surgem em itálico. C.P.



Jean Genet fotografado por Doucham Stanimirovitch

ESTÃO neste momento em Lisboa e seus arredores, dois espectáculos que considero geniais. Um, é o filme de Glauber Rocha «António das Mortes», outro, o espectáculo de Vítor Garcia sobre a peça de Jean Genet, «As Criadas». Junto aqui espectáculos tão dessemelhantes por duas razões: uma razão circunstancial que diz respeito à possibilidade de trazer ou fazer em Portugal espectáculos adultos sem que tremam os alicerces ou os espíritos se perturbem. Os portugueses, como quaisquer outros povos, são capazes de entender e assimilar a especificidade do que é livre como a criação. A segunda razão é de ordem ontológica: «António das Mortes» e «As Criadas» brotaram de uma fonte comum, o teatro grego, origem que ao mesmo tempo pretendem contestar e talvez superar (o que é mais evidente no filme de Glauber Rocha).

Deixando o filme para os especialistas, tentarei analisar «As Criadas» não apenas a partir do seu texto — embora seja difícil escapar à sua realidade intrínseca — como também do espectáculo de Vítor Garcia.

Como se sabe, a peça de Genet, como a maior parte do seu teatro, estrutura-se num jogo de espelhos, de aparências, de verdadeiro e de falso, de realidade e de reflexo, de teatro no teatro. É este aspecto que primordialmente me vai interessar neste apontamento já que me parece ser o mais importante tanto no que se refere ao texto como ao próprio espectáculo. Para isso servir-me-ei de citações do texto (indicando o n.º da respectiva página na tradução portuguesa) a fim de que o leitor não familiarizado com a obra de Genet possa acompanhar-me.

Quando a peça se inicia, Claire e Solange estão já em cena e em situação. O espectáculo abre num tom que parece excessivamente forte — a sua evolução demonstrará que se trata de um erro do espectador — pelo facto da sua acção vir detrás, com as duas personagens em trânsito. Claire «interpreta» o papel da Senhora enquanto Solange «faz» o papel de Claire. (São três as personagens: a Senhora e as Criadas, irmãs). Esta terminologia teatral corresponde à do texto porque, como já disse, a peça de Genet começa por ser teatro no teatro. Leiam-se estas falas de Claire e Solange: «Já oiço o zunzum das tuas acusações, desde o princípio que me tens vindo a injuriar, à procura de uma **«deixa»** (1) para me cuspires na cara» (pág. 23). «Sentes que chegou o momento em que deixarás de desempenhar o teu **papel** (sublinhados meus).

Claire e Solange representam pois um psicodrama através do qual procuram realizar-se (pela imaginação) e, ao mesmo tempo, libertar os seus recalcamentos, em especial o ódio que sentem pela Senhora. Tentam assassinar esta na representação que dela fazem do mesmo modo que um feiticeiro pretende liquidar um inimigo espetando uma lança num boneco que o representa.

No entanto, os «papéis» que as irmãs Lemercier «interpretam» não são fixos nem imutáveis: interpenetram-se, criam uma zona de ambiguidade em que afinal nenhuma delas representa a sua própria personalidade nem a personalidade que pretendem representar. Vou dar alguns exemplos desta fluidez da «representação» das duas irmãs que é uma das linhas de força da peça.

Claire, no papel de Senhora, diz para a irmã: «Ameaça-me. Insulta a tua patroa, Solange.» (Pág. 22). Ora, Solange representa nesse momento o papel de Claire. Mais tarde, ainda Claire: «Se o Senhor está preso é por minha culpa, vá, atreve-te a dizê-lo. (...) Lá por ter denunciado o Senhor à Polícia, por ter concordado em vendê-lo.»... (Pág. 23). No entanto, o Senhor foi denunciado por Claire. Ainda um terceiro exemplo: a certa altura trava-se um diálogo entre Claire, no papel da Senhora, e Solange (no papel de Claire):

SOLANGE — ... «Tudo porque a Solange vos chateia!»

CLAIRE — «Claire, Solange, Claire».

SOLANGE — «Ah sim, a Claire. Porque a Claire vos chateia!» (pág. 33.)

Observe-se onde leva esta dupla mistificação (que atravessa toda a peça como veremos): enquanto Claire assume a personalidade da Senhora, vestindo os seus vestidos, calçando os seus sapatos, macaqueando os seus gestos, apaga, embora não totalmente, a sua personalidade assumida pela irmã que finge ser Claire e, por isso, desaparece como Solange. Há aqui, pois, dominadores e dominados a dois níveis. A Senhora (a fingir) domina Claire (a fingir); Claire domina Solange (a sério). *Neste caso, Solange seria duplamente escrava.* Todavia, como verificámos, e como viremos a confirmar, essa situação também não é autêntica: Claire não domina Solange nem é por ela dominada (até porque permutam as personagens), são ambas escravas de uma só realidade — *personalizada* na Senhora — e se aparentemente aceitam o domínio de uma sobre a outra é apenas para saborear esse domínio uma na outra — libertando-se — para sentirem a fingir (como teatro) o que realmente sentem *na pele e nas vísceras (na vida)*.

Este jogo de fingimentos mantém-se ao longo da peça. Se, por vezes, é representado em 2.º grau — cenas de psicodrama —, noutras é uma imagem directa e crua (atenção: irónica) das relações que se estabelecem entre Senhora e Criadas. A única cena em que as três personagens participam juntas sublinha a feroz ironia com que Genet marcou o itinerário dessas relações.

«SOLANGE — Nunca deixaremos a Senhora. Depois de tudo quanto a Senhora tem feito por nós.» (Pág. 81.)

«CLAIRE — Porque a Senhora é boa.» (Pág. 99.)

Nesta cena, há um pormenor curioso que prova até que ponto as Criadas estão influenciadas pela prática ritualista, pela teatralização das suas vivências *recalcadas e conspirativas*.

«SENHORA — ... «Estou desesperada! Cartas! Cartas que só eu conhecia! Solange?»

«SOLANGE — (fazendo uma vénia à irmã) — Sim, minha senhora.»

«SENHORA (aparecendo) — Que é isso? Estás a fazer vénias a Claire? Que engraçado! E eu que vos julgava menos dispostas à brincadeira.» (Pág. 87.)

As intrigas que se imbricam na peça, exprimem o mesmo jogo de real e de falso. Claire denunciou à policia o amante da Senhora que foi preso (esta personagem não chega a aparecer). Para isso, mentiu, embora seja de supor que as suas mentiras correspondam a outras verdades. O Senhor foi posto em liberdade, telefona, Claire atende. Recebe um recado para a Senhora. Quando esta chega, nada lhe dizem. A Senhora fala como se o amante estivesse ainda preso, como se houvesse a possibilidade daquele vir a ser condenado, repetindo, aliás, fala anterior de

Continua na pág. 7

Glicínia Quartin e Eunice Muñoz em «As criadas» de Jean Genet encenada, em 1972, por Victor Garcia

Uma crítica de Carlos Porto censurada em 1972

Continuação da pág. 6

Claire (quando esta a imitara). O requinte supremo deste jogo consiste no facto de Genet ter conseguido tornar autênticas, vivas, reais, as personagens das Criadas, através da sua falsidade, da sua inautencidade, tornando irreal, ilusória, morta, a personagem da Senhora (a única cena em que está presente), embora esta aparentemente não represente.

Lucien Goldman sublinhou com muita perspicácia essa característica, fulcral para a compreensão do texto de Genet, assinalando o que há de fundamental na diferença entre as falas da criada representando (a Senhora) e da Senhora (ela própria), postas perante a mesma situação (uma a fingir, outra autêntica). Transcrevo: «Solange e Claire sonharam intensamente que se identificavam à Senhora e que por amor do seu amante condenado, o acompanhariam na deportação.» (2)

«CLAIRE — Acompanhavas o Senhor, o teu amante... Fugias de França. Partias para a Ilha do Diabo, para a Guiana, na companhia dele: um belo sonho! *Por ter tido a coragem de mandar as minhas cartas anónimas, davas-te ao luxo de ser uma prostituta de alto coturno, uma hetera. Sentias-te feliz com o teu sacrifício, feliz por levares a cruz do mau ladrão, por lhe enxugares o rosto, por ampará-lo, por te entregares aos chuis, conquistando-lhe, com isso, umas vagas regalias.*»

Numa cena posterior, quando a Senhora vem ao palco contar uma série de coisas que nem ela própria nem o espectador tomam a sério, aborda o mesmo tema e utiliza que as mesmas palavras:

«SENHORA — ...Mas, culpado ou inocente, nunca o abandonarei, isso nunca. Assim é que se vê quanto gosta de uma pessoa: o Senhor não é culpado, mas se o fosse, eu tornava-me seu cúmplice. Havia de o acompanhar até à Guiana, até à Sibéria! Bem sei que vai conseguir livrar-se, mas ao menos esta história imbecil fez-me tomar consciência de quanto estou preso a ele...»

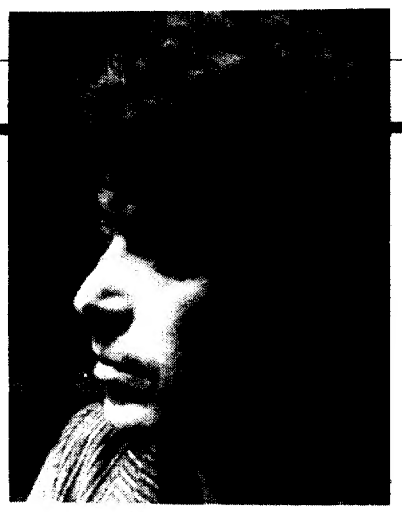
O verbo no condicional, a autosatisfação, e sobretudo a hipótese explícita de que o Senhor não será condenado e de que em todo o caso saberá safar-se deslhada, anulam toda a sinceridade das suas palavras. Diz ainda:

«Senhora — O Senhor não é culpado, mas, ainda que o fosse, que alegria a minha em carregar com a sua cruz! De lugar para lugar, de prisão em prisão, até mesmo ao desterro eu o acompanharia. A pé, se fosse preciso. Até ao desterro, Solange...»

Basta a palavra «Solange» para revelar até que ponto se trata apenas de aparências, de uma simples comédia feita para as criadas. Mas para ir até ao ponto último da farsa, Genet fará com que ela diga que essa situação a torna «ainda mais feliz, duma felicidade monstruosa!» até ao instante em que, esgotada, termina a réplica com estas palavras: «Quero fumar! Um cigarro!»

Ainda a propósito do jogo de ambiguidades que a peça propõe, cito outros exemplos que me parecem importantes. Um deles diz respeito às próprias relações entre as duas irmãs para quem, por vezes, o psicodrama é um pretexto para se acusarem mutuamente. É o caso, logo na primeira cena, em que Claire (no papel da Senhora) acusa Solange *por manter relações com o leiteiro* (pág. 20).

Viremos a saber que essa acusação não é fingida, não é da «peça» mas da



Victor Garcia em 1972

«vida real». Solange (no papel de Claire) acusa a psuedo-Senhora por querer apanhar-lhe o leiteiro (pág. 20). Mais tarde, é Claire, como tal, que acusa Solange por ter ficado transtornada por o leiteiro se intrometer nos seus pensamentos.

Mas é ainda a própria Claire que afirma: «Serei amparada pelo braço sólido do leiteiro que não fraquejará». (Pág. 65) Mesmo nos momentos em que Solange e Claire assumem as suas próprias personalidades, o jogo nunca é completamente suspenso. Ei-lo, posto ao contrário:

«CLAIRE — «Ela é boa. A Senhora é boa! A Senhora adora-nos». (Pág. 45) (...) «Fala mais de mansinho, peço-te. Fala... Fala da bondade da Senhora. (Pág. 46.)

(A gula da censura)

5 Nas cenas de psicodrama em que Claire e Solange partilham o seu ódio e a sua fascinação pela Senhora não conseguem chegar nunca ao momento supremo: o da morte (José Triana em «A Noite dos Assassinos» propunha, na esteira de Genet, situação semelhante). Cansadas desse jogo, resolvem passar à acção; resolvem transferir para a realidade a situação que projectam em teatro (o que, aliás, já anteriormente acontecera). Claire prepara morte da Senhora. Mas o escravo pode, nestas condições, vencer? Não. O chá de tília (tranquilizante que oculta o sono mortal que seria de facto provocado pela absorção exagerada de um medicamento que, actua como um veneno: eis um outro «jogo de espelhos») será finalmente bebido por Claire que assume novamente o papel da Senhora vestindo de branco — como uma noiva que vai casar, como uma noviça que vai tomar véu —, e tmbém esse signo é significativo da duplicidade que emana da obra de Genet. Agora o jogo é outro: Solange já não é Claire. É ela própria, Solange, acusando-se por um crime que não cometeu, por um crime que não existiu; Claire sendo a Senhora é ela própria, não sendo assassinada, como quer fazer crer aos outros com a cumplicidade da irmã, mas suicidando-se; bebe numa taça preciosa (ela, a criada) o líquido envenenado que era destinado à Senhora, mas que esta rejeitara porque o Senhor fora libertado e a hora não era de chá (tranquilizante/sono) mas de champagne inebriante/festa). Claire tomba lentamente, muito lentamente, para trás, sendo amparada por Solange que a ajuda a cair, muito direita. Claire, morta, é Claire; Solange, viva, é Solange. Mas Claire está morta, suicidou-se como se tivesse sido assassinada sob a forma da Outra. Solange, inocente, assumirá o papel de assassina. Antes de morrer, Claire diz-lhe: «Temos que ir até ao fim. Terás que viver, sozinha, as nossas duas vidas. Vais precisar de muita força. Ninguém saberá que eu, às escondidas, te acompanho no degredo. E quando fores condenada, nunca te esqueças que me guardas dentro de ti. Como algo de precioso. (Pág. 122).

Ambas significantes da mesma situação dramática, reflexo da mesma situação social. Vítimas ambas do estrangulamento a que os Outros as submeteram; vítimas duma forma social de estar no Mundo.

Aliás, numa cena anterior, Solange vira-se assassina e condenada; antecipara afinal o desfecho trágico, como se tivesse previsto o que a irmã se propunha fazer, de tal forma ambas constituem um todo irredutível.

Que esta dissecação do texto não engane ninguém: a peça de Genet constitui um espantoso momento de poesia negra em que palavras e coisas, menosprezadas pela Literatura, assumem a categoria de algo intocável. Porque a linguagem de Genet tem a beleza, a grandeza dos grandes trágicos. *Por exemplo: «...Estou farta deste horrível espelho que me devolve a minha imagem como se fosse um mau cheiro. Tu és o meu mau cheiro. Pois bem! estou pronta.» (Pág. 64) «Odeio os criados. Odeio essa espécie odiosa e vil. Os criados não fazem parte da humanidade. São escorregadios. São um cheiro pestilento que fica nos quartos, nos corredores, que nos penetra, que nos entra pela boca, que nos corrompe. A mim dão-me vómitos.» (Pág. 109) «Essas vossas caras de terra e de remorso, esses cotovelos engelhados, esses corpetes já fora de moda, esses corpos feitos para usar os nossos farrapos. Sois os nossos espelhos deformantes, as nossas válvulas de escape, a nossa vergonha, as nossas fezes.» (Pág. 110)*

(Uma concepção teísta do teatro)

Numa breve troca de impressões com Victor Garcia perguntei-lhe se estava de acordo com a minha opinião de que ele actua, consciente ou inconscientemente, como um criador de espaços a partir dos quais surgem as personagens e as situações recriadas com a matéria que é a da própria obra. Como já o escrevi neste jornal (a propósito de «Yerma»), Victor Garcia teria uma concepção teísta do teatro, deus que a partir não do nada ou do caos mas de um outro espaço que lhe é proposto, inventa um espaço completamente novo. Neste espectáculo, substituindo o quarto da Senhora decorado com móveis Luís XV, proposto por Genet, Victor Garcia optou por uma cena circular, vazia, enquadrada por gigantescos biombos metalizados que se abrem sempre que necessário e que servem, como o próprio chão, também metalizado e inclinado, como reflectores pouco nítidos como no próprio texto. O teatro aparece todo negro (incluindo as cadeiras da plateia) e neste cenário frio, inumano, as paixões das irmãs Lemercier vão explodir mais intensas e fulgurantes, sublinhadas pelas cores quentes dos raros figurinos. No centro baixo da rotunda há um fosso circular, negro (a cama), *lugar da cerimónia erótica*. Os figurinos correspondem a esta mesma necessidade de teatralidade. O primeiro figurino de Claire tem qualquer coisa de sagrado, como se Claire representasse, mais do que a Senhora, um poder religioso muito alto. Ela, nessa situação, e a Senhora, calçam gigantescos coturnos gregos que as transformam desde logo em seres fantásticos, *cuja força simbólica é evidente*. Cada um desses «sapatos» possui um pequeno guizo que toca quando andam. Esse guizo é, ao mesmo tempo, a indicação de uma presença importante (a Senhora); um sinal sagrado (ver a utilização da campainha em algumas cerimónias religiosas) *e um aviso de pestilência e morte (na Idade Média, os leprosos utilizavam uma campainha para que ninguém se aproximasse deles)*. A verticalidade do cenário, dos «sapatos», é correspondida pela maneira como a Senhora aparece em cena, descendo do alto por intermédio de um trapézio; essa verticalidade cruza-se com a horizontalidade das Criadas *que rastejam, da mesma maneira que os seus figurinos negros e insignificantes contrastam com os figurinos coloridos e significantes da Senhora*.

A cena final — a da morte — é sublinhada pelo mesmo solo de Bach que marcara a cena em que as irmãs se ocultam sob a manta que cobre a cama, fundindo no mesmo sinal o Amor e a Morte que aqui representam as faces da mesma moeda.

A marcação exemplifica o cuidado de Victor Garcia em tornar significantes todos os elementos do espectáculo cuja unidade, aliás, não quero deixar de justamente sublinhar. Essa marcação, que constitui a ocupação de um espaço, é também o sinal que exprime determinadas relações humanas e sociais (como na cena em que Solange e Claire rodeiam a Senhora; noutra em que as Criadas parecem duas feras; ainda numa outra, quando *Claire resolve matar*, ficam ambas muito quietas durante esse diálogo).

A marcação nos próprios corpos das actrizes cuja representação física tem menos a ver com a expressão corporal do que com a libertação de forças anímicas, bem como a marcação das vozes, em especial das criadas, que impõe um tom mais alto e como que distorcido, participando dessa vontade de sublinhar o carácter sagrado das personagens sem desprezar o carácter social do conflito proposto. Embora não se possa falar de teatro social a propósito de Jean Genet (3) parece-me evidente que Victor Garcia explicitou a potencialidade de *crítica social que a peça implica através da vocalização das próprias palavras em que essa crítica se insinua*.

Victor Garcia confirma com este espectáculo ser um dos grandes criadores teatrais do nosso tempo.

Criador marginal, embora possivelmente influenciado por certos teorizadores do teatro contemporâneo (Artaud, Grotowski), Victor Garcia propõe no palco o modelo de um teatro que parece superar os limites ancilosados de um teatro como espectáculo, como expressão dramática. Homem isolado do teatro ocidental, Victor Garcia faz de cada espectáculo uma aventura pessoal que no entanto enriquece aqueles que deles participam como meros espectadores.

(Três actrizes portuguesas).

Tudo isto, contudo, não teria sido possível se o autor e o encenador não tivessem encontrado em três actrizes portuguesas a matéria-prima que possibilita os grandes encontros e as grandes criações. Eunice Muñoz, cuja voz parece recuperada, Glicínia Quartin, que na noite de estreia claudicou um pouco no final, atabalhoando as palavras, Lourdes Norberto, que aguentou perfeitamente o confronto, não só compreenderam aquilo que o encenador pedia como conseguiram realizar no palco os gestos, os sons, os silêncios, as fúrias, as raivas, os ódios, o amor, a falsidade (a artificialidade), a verdade com que Victor Garcia traduziu cenicamente o ritual de Genet. Teria preferido que a Senhora (Lourdes Norberto) aparecesse mais marcadamente artificial, através duma caracterização mais violenta. Pormenores sem importância que não apagam o brilho de um espectáculo sem par.

Carlos Porto

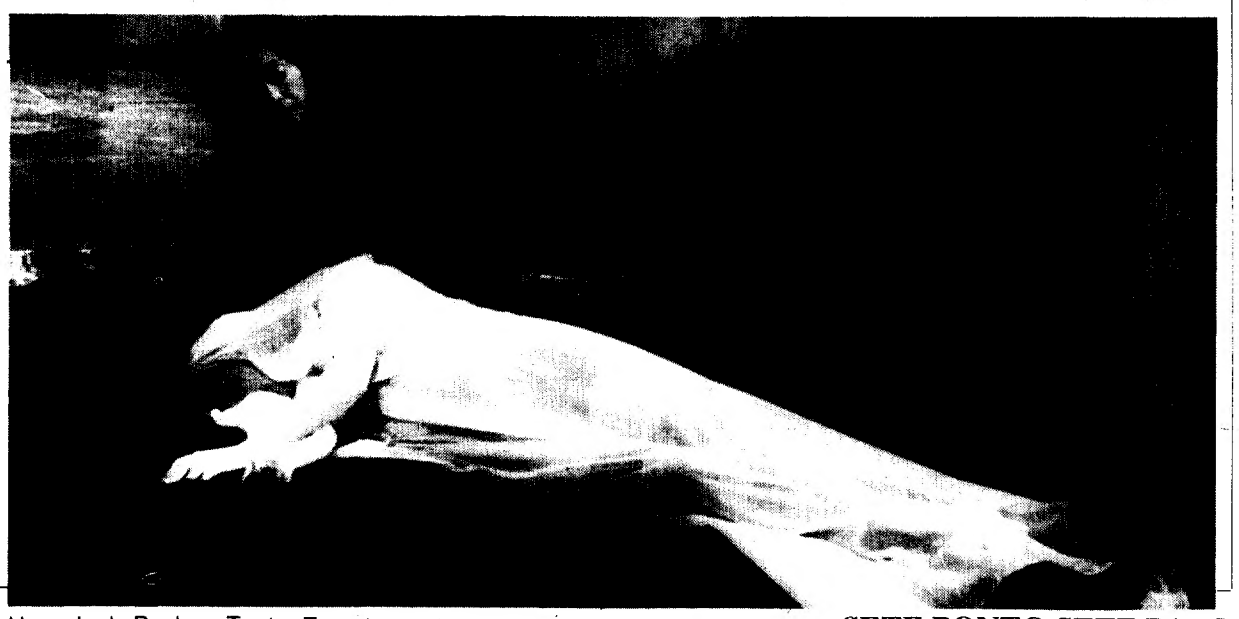
Notas

(1) Trata-se de uma audácia legítima da tradutora que compreendeu o que havia de teatral nessa cena. (Devia ter sido feita uma referência à qualidade do texto de Luiza Neto Jorge.

(2) Lucien Goldmann — «Le Théâtre de Genet — Essai d'Étude Sociologique» **in** — «Contribuition à la Sociologie de la Connaissance» — pág 119.

(3) **«Uma coisa deve ser escrita: não se trata de um pleito sobre a morte das criadas. Suponho que existe um sindicato das empregadas domésticas — não é da nossa conta». Jean Genet. (Existe o sindicato? C.P.)** (Repete-se que todos os textos em itálico foram cortados pela censura.

As Criadas, de Jean Genet. Tradução: **Luiza Neto Jorge.** Encenação: **Victor Garcia.** Espaço cénico: **Victor Garcia — Enrique Alarcon.** Figurinos: **Victor Garcia.** Assistentes de encenação: **Filipe La Féria/Nuria Espert.** Luminotecnia: **Manuel Miranda.** Contra-regra: **Amélia Varejão.** Sonoplastia: **Fernando Dias.** Música de **João Sebastião Bach** interpretada por **Pablo Casals** Produção: **Glicínia Quartin e Carlos Avilez.** Interpretação: **Eunice Muñoz, Glicínia Quartin e Lourdes Norberto.** Teatro Experimental de Cascais (Teatro Gil Vicente). 4/11/1972.



Um solo de Bach no Teatro Experimental de Cascais

A Cornucópia estreia a Sonata dos Espectros

Uma peça de «teatro de câmara» para fechar o ciclo Strindberg

Tive de ficar na antecâmara e de vez em quando entrar nas pontas dos pés para ir buscar páginas manuscritas — escreve August Falck, amigo de Strindberg e encenador do seu 'teatro íntimo', a propósito do modo como o autor trabalhou na **Sonata dos Espectros.** — Escreveu com uma velocidade extrema, e atirava com as páginas prontas, ainda molhadas, para o chão, de onde eu as apanhava (...) Depois do jantar **carregou,** até se via como os pensamentos fervilhavam: por sobre os olhos sobressaíam fundos sulcos, e a testa e as têmporas pareciam crescer, pareciam aumentar com o esforço de conseguir encontrar a expressão mais exacta e clara. Espalharam-se à sua volta anotações difíceis de decifrar, na mesa, nas gavetas, nas algibeiras. As peças de câmara surgiam, como uma espécie de puzzle, de todos estes fragmentos».

Teatro íntimo, teatro de câmara: As «Kammerspel» de Strindberg transportam para o teatro a ideia de música de câmara. Ele, aliás, como salienta Maurice Gravier no seu prefácio ao **Teatro Completo** de Strindberg, «votava um culto fervoroso a Beethoven, sobretudo aos célebres quartetos; previu para o seu teatro íntimo ilustrações musicais muitas vezes tiradas de Beethoven. Estas peças são na sua maioria destinadas a serem representadas de um só fôlego, mas estão de facto articuladas em movimentos, como as sonatas».

Como a **Sonata dos Espectros,** com que o Teatro da Cornucópia conclui, a partir de amanhã, dia 23, o seu ciclo Strindberg.

Sobre esta peça escreveu no seu **Strindberg** (L'Arche, col. 'Les Miroirs') Arthur Adamov:

«Na **Sonata dos Espectros»,** Strindberg teve a coragem de regressar àquilo que mais o assusta. Mais uma vez ele fecha a porta e é outra vez a casa da infância que volta, com os seus hediondos habitantes culpados, ridículos. A **Sonata dos Espectros** representa a mais nova tentativa teatral e talvez a única do princípio do século XX. Porquê? Porque, pela primeira vez, um homem de teatro se esforçou por recriar, sobre um terreno inteiramente novo, uma intriga muito particular, complicada e ramificada ao extremo nos seus detalhes, mas simples no seu princípio. Os personagens do **Sonho** eram todos figurantes do universo, sem outra ligação para além do encontro fortuito e das aventuras do sofrimento. Os da **Sonata dos Espectros,** pelo contrário, estão indissoluvelmente ligados uns aos outros e não apenas uns aos outros, mas também, e sobretudo, à casa dos crimes que habitam ou frequentam: casa que se torna, assim, o centro a que se referem todos os receios, todos os desejos, todos os remorsos das personagens e todas as suas acções».

Foto José Tavares

Ensaio na Cornucópia: o «teatro íntimo» de Strindberg toma como modelo a música de câmara

Acerca desta peça, Strindberg viria a escrever, numa carta ao seu tradutor alemão Emil Schering, em Março de 1907:

«É horrível como a vida, quando as escamas caem dos olhos e uma pessoa vê a coisa em si. A sabedoria que se ganha com os anos, quando aumentou o material vivido e a capacidade de ter uma visão de conjunto já se instalou, tomou forma e conteúdo. A «tecedeira do mundo» tece os destinos dos homens, existem tantos segredos em cada casa. Os homens são demasiado vaidosos para o reconhecer. A maioria ostenta uma felicidade imaginária e em geral esconde a sua miséria (...). As minhas mãos sangraram (literalmente) durante este trabalho. O que não escureceu a minha alma, durante este trabalho, foi a minha religião. A esperança de um mundo melhor: e a convicção de que vivemos num mundo da loucura e das ilusões, do qual conseguiremos sair. (...) Acho que tudo se aclarou para mim, e escrevi com a sensação de que estas são as minhas últimas sonatas».

Fins e utilidades do pensamento científico

Continuação da pág. 3

metafísicas pré-socráticas (Heraclito) o Budismo, o Taoísmo e até o Hinduísmo.

«Todas as coisas, todos os fenómenos apercebidos pelos nossos sentidos são interdependentes, inter-relacionados, e não são mais do que aspectos diferentes ou manifestações duma mesma realidade última.» (4) Toda a visão oriental do mundo é uma visão dinâmica, onde o tempo e a mudança são aspectos essenciais.

«Um objecto poderá ser iluminado de diferentes direcções obtendo-se projecções sempre diversas. As projecções que obtivermos são sempre diferentes e por vezes parece-nos até que elas se contradizem, o que não é necessariamente verdade», como reconhece Herwig Schopper, director do CERN (5).

O conhecimento científico está hoje em condições de reconhecer a outros modos de conhecimento a sua equivalência projeccional e disposição dialogante.

Talvez estejamos bem perto de, no reconhecimento do Outro, descobrirmos a unidade oculta da relação humana com o mundo através das aparências da saudável diversidade cultural.

«As palavras da verdade parecem paradoxais», dizia Lao-tsé.

Jorge Abegão

NOTAS

(1) Capra, Fritjof, «Le Tao de la physique», in SCIENCE ET CONSCIENCE, Les deux lectures de L'univers, Editions Stock et France-Culture, 1980.
(2) Gorz, André, «Caracteres da classe da Ciência e dos trabalhadores Científicos», in «Divisão Social do Trabalho, Ciência, Técnica e modo de produção capitalista», Publ. Escorpião, 1974.
(3) Capra, Fritjof, in opus cit.
(4) Capra, Fritjof, in op. cit.
(5) Entrevista ao «Expresso», de 16 de Nov. de 1985.

Mensagens Pessoais

Fontanelas

Campo/mar a 7 km de Sintra. Vende-se terreno com localização privilegiada em Fontanelas-/Gouveia. 3500 m2 com projecto de moradia aprovado. 6000 contos. Tel. 545955 ou 312257

Correspondência

Dois reclusos do signo Touro, desejam corresponder-e com jovens que se sintam sós e que precisem de apoio moral, como nós. Manuel dos Santos, recluso n.º 574, 29 anos, pretende corresponder-se com moças de 25 aos 35 anos; Francisco Sequeira, R. n.º 80, 50 anos, pretende corresponder-se com moças dos 40 aos 50 anos, sejam elas solteiras, viúvas ou divorciadas, escrevam para, Estabelecimento Prisional do Pinheiro da Cruz, 7570 Grândola.

Alugo casa por 2 anos

Mobilada, 4 assoalhadas, telefone; do lado da estação de **S. João do Estoril.** Próprio ao próprio 664004.

Dactilografia

Aceitam-se trabalhos de dactilografia. Pessoa com prática. Tel. 636448 (depois 18 horas)

Móveis-quarto

Com muito pouco uso, como novos. A cama é de pessoa só (mas tenho outra igual) o guarda-fatos com espelho bom é de casal, tal como a cómoda. Também um grande roupeiro em bom estado, com cama pessoa só. E candeeiro de pé, vulgar.
Telefonar à tarde, 898336

Aluga-se

Restelo 7/8 divisões, grande salão com varanda e magnífica vista para o Tejo, 3 casas de banho , mobilada, com telefone. Livre em Maio. Trata o próprio. Telefone 640302 depois das 19 horas.

Aos conjuntos musicais

Mesa de mistura. Yamaha 1602, 16 canais, vende-se pela melhor oferta. Tel. 2689621 — Jaime, depois das 21h 30

TROCA-SE ANDAR

1.º andar com 4 assoalhadas, marquise, casa de banho e saguão, em Lisboa por apartamento de 2 ass. também em Lisboa.
Trata das 20 às 22 horas pelo telefone 674446 (excepto sáb. e dom.)

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.